



MARIANA PARRO LIMA

**“VITÓRIA VAI À ESCOLA:
O papel da afetividade na formação de professores da educação infantil”**

Campinas

2013

i



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIANA PARRO LIMA

VITÓRIA VAI À ESCOLA

O papel da afetividade na formação de professores da educação infantil

Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação.

Na área de concentração:

Educação, Conhecimento,

Linguagem e Arte

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA MARIANA PARRO LIMA E ORIENTADA PELO PROF. DR. ADILSON NASCIMENTO DE JESUS

Assinatura do Orientador

CAMPINAS
2013

Prof. Dr. Dario Fiorentini
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Educação - Unicamp
Matrícula: 21552-0

iii

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**
GILDENIR CAROLINO SANTOS – CRB-8ª/5447

L628v	Lima, Mariana Parro, 1983- Vitória vai a escola: o papel da afetividade na formação de professores da educação infantil / Mariana Parro Lima. – Campinas, SP: [s.n.], 2013. Orientador: Adilson Nascimento de Jesus. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Afetividade. 2. Tato. 3. Corpo. 4. Educação infantil. 5. Formação de professores. I. Jesus, Adilson Nascimento de, 1962- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
13-078/BFE	

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês: Vitoria goes to school: the role of affectivity in teacher education in early childhood education

Palavras-chave em inglês:

Affectivity

Touch

Body

Early childhood education

Teachers' education

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Adilson Nascimento de Jesus (Orientador)

Eliana Ayoub

Elizabeth Paoliello Machado de Souza

Data da defesa: 16-04-2013

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: mariparro@hotmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**VITÓRIA VAI À ESCOLA: O PAPEL DA AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Autor: Mariana Parro Lima

Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Educação defendida por Mariana Parro Lima e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 16 ABRIL 2013


ORIENTADOR

COMISSÃO JULGADORA:



Á Vitória com amor.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Adilson pela delicadeza e cuidado com que me guiou durante todo esse processo.

Às professoras Beth e Nana que disponibilizaram seu tempo e me proporcionaram a oportunidade de adquirir mais conhecimento através de suas críticas e opiniões enriquecedoras.

À diretora Marta por ter acreditado na minha pesquisa e me recebido com tanto amor em sua escola.

Às professoras Ana Amélia, Anemarry, Adriana, Gisele, Tatiane, Marcia, Sophia, Daniela, Josi, Cassia, Rita, Meire, Luciana, Salete, Terezinha, Keila, Wedja, Julie, Rose, Renata, Marcela e Isabel, que tornaram realidade minha vontade de falar, pensar e sentir a afetividade no espaço escolar.

Ao meu pai, à minha mãe e ao meu irmão, por me ensinarem o verdadeiro valor do amor e da família.

Ao meu pai pela atenção e dedicação ao me auxiliar em minha escrita.

Ao Vitor por estar sempre ao meu lado, me apoiando e compartilhando dos meus sonhos. Meu grande amor...

Aos meus queridos amigos e amigas pelo incentivo e apoio.

Aos amigos, colegas e professores que conheci durante o curso pelos momentos de discussões e contribuições compartilhados nesta minha jornada.

À Thais Cavalari, pelo olhar cuidadoso e pelos conselhos dados na Banca de Qualificação que foram essenciais para a finalização deste texto.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

No momento em que, no Brasil, se discute a Formação de Professores da Educação Infantil, este trabalho pretende fazer uma reflexão, junto com professoras de uma escola da rede pública de Piracicaba, acerca da afetividade na Educação e da importância do toque para a Formação de Professores que atuam na Educação Infantil. Procurou-se pensar o toque como um encontro afetivo entre professores e crianças. Como ponto de partida, procurou-se conhecer a trajetória de vida destas professoras, percebendo a sua formação e seus saberes a cerca das relações afetivas dentro dos espaços escolares. Para isso, este trabalho teve como elemento central a vivência para a consciência corporal e compreensão da dimensão do toque, dessa linguagem essencial para o ser humano, que é imprescindível nessa trajetória. Entrar em contato com o outro e consigo mesmo, permite também fazer uma reflexão sobre o papel da professora e do professor que lidam com bebês e crianças pequenas. Além das vivências, foram utilizados questionários e alguns instrumentos da etnografia, como entrevistas, observação e registro em caderno de campo. Proporcionar uma formação que pense e sinta o corpo é necessário para poder transmitir esse cuidado para as crianças. A vivência da educação e do cuidado corporal para os professores pode auxiliar suas atividades dentro dos espaços escolares, permitindo um olhar mais sensível para com a infância. Com crianças ainda tão pequenas, são necessárias formas diferentes de linguagem e interação, que não a escrita ou a fala. Ao repensar o papel e a formação do professor, foi possível notar a importância de se promover espaços que permitam aproximar os educadores das várias linguagens presentes no mundo das crianças.

Palavras-chaves: Afetividade, Toque, Corpo, Educação Infantil, Formação de Professores.

ABSTRACT

At the moment that, in Brazil, the formation of teachers for the early childhood education is discussed, this paper aims to reflect, along with teachers from a public school in Piracicaba, about the affection in education and the importance of the touch as a subject for the education of teachers who work in early childhood education. We tried to think on touch as an affective meeting between teachers and children. As a starting point, we sought to know the life trajectory of these teachers perceiving their training and their knowledge about the emotional relationships within the school spaces. To this end, this work focused on the experience of body awareness and understanding of the dimension of the touch, this language that is essential for human beings and essential in this trajectory. Self-contact and contact with others also allows reflecting on the role of the teacher who deals with babies and small children. Besides the body experiences, questionnaires and some tools of ethnography were used, such as interviews, observation and recording in a field notebook. Provide training to think and feel the body is necessary in order to convey that care for children. The experience of education and body care for teachers can assist their activities within the school spaces, allowing a more sensitive eyeing to childhood. With children still so small, different forms of language and interaction are necessary, not only writing or speaking. By rethinking the role and the education of teachers, it was possible to note the importance of providing opportunities that allow educators to approach to the various languages present in the children world.

Keywords: Affectivity, Touch, Body, Early Childhood Education, Teachers' Education.

SUMÁRIO

I	Um conto para encantar Vitória-----	19
II	O caminho percorrido-----	25
III	De corpo presente-----	31
	3.1. Garotinha sapeca: o corpo e a infância-----	33
	3.2. Garotinha carente: o toque como linguagem-----	41
	3.3. Garotinha problema: a afetividade como elo entre o educar e o cuidar-----	46
IV	O tecer dos retalhos-----	53
	4.1. O Tecido-----	55
	4.2. As Fitas-----	60
	4.3. Os Laços-----	62
	4.4. O Nó-----	63
V	Formação e Saberes: reflexão sobre o lugar da afetividade na Educação Infantil-----	75
	5.1. As concepções de afetividade segundo as professoras de Educação Infantil-----	77
	5.2. A busca do sentido na voz de que educa-----	86
	5.3. A afetividade como proposta para a Formação Continuada de professores de Educação Infantil -----	94
VI	Quando os sapatos já não apertam mais-----	103
VII	Referências bibliográficas-----	107
VIII	Anexos-----	115

O ser humano não vive só. A história da humanidade mostra que o amor está sempre associado à sobrevivência. Sobrevive na cooperação. Se a mãe não acolhe o bebê, ele perece. É o acolhimento que permite a existência. Numa de suas parábolas, Jesus fala do camponês lançando sementes ao solo. Algumas caem nas pedras e são comidas pelas aves, outras caem num solo árido e resistem por pouco tempo. Mas há aquelas que encontram boa terra e crescem vigorosas. Assim também nós precisamos de um solo acolhedor para nos desenvolver. Nosso solo acolhedor é o amor.

Humberto Maturana

I – UM CONTO PARA ENCANTAR VITÓRIA

Em um lugar não tão distante uma garotinha acorda, sente o chão gelado e luta contra o vento que passa pelas arestas das tábuas da parede. Só de calcinha, vai até o varal e recolhe sua roupa – a mesma de ontem – e a veste ali mesmo. Sua casa é de vigas de madeira, e o chão é a terra; sua cama é um pano dobrado no chão e a primeira refeição é feita na escola. Com um pouco de dificuldade, consegue vestir a blusa.

A garotinha tem uma marca de queimadura no braço e parte do ombro direito, que a impede de fazer alguns movimentos. A história dessa queimadura é uma incógnita: a família conta que foi um acidente com uma panela de água quente, mas... Isso é assunto para outro conto.

Ainda com sono, sem lavar o rosto – pois água não havia ali – pega sua irmã mais nova e juntas descem a rua. Encontra seu pai logo mais a frente.

- *Vitória, venha aqui! **Garotinha difícil**, nunca faz o que a gente manda!* Diz o pai sem paciência.

Em meio a broncas e grosserias, as meninas chegam à escola. Correm para as professoras e, por alguns instantes, esquecem onde estavam alguns minutos antes de entrarem em suas salas.

Vitória tem apenas cinco anos. É filha de pais viciados em crack, irmã do meio de três filhos; seu carinho em casa é *pancada e chinelada*; o que chama de lar é um barraco, no qual falta comida e água. Já foi levada para o Conselho Tutelar, mas no final sempre acreditam que o melhor para a criança é ficar com os pais.

Vitória, a ***garotinha difícil***, passa pelos amigos da turma, esbarra na diretora e pega na mão da professora. Parece que ali se sente segura. Junto à professora ela faz todas as

coisas, mas não pode desgrudar: *Tem que ser eu, eu sou a preferida! Eu que vou, ela pediu pra mim*¹! – confirma Vitória.

A professora recebe todos com um abraço e um beijo. E aí de quem passar despercebido. *Ei, você, cadê meu beijo?* E assim, todos são acolhidos e pouco a pouco sentam-se em círculo para formar a *roda da conversa*:

- *E aí, como foi o dia de ontem? O que fizeram de bom? O que aconteceu de diferente?* A professora abre espaço para as histórias das crianças.

- *Ontem eu ganhei um carrinho novo, olha! Conta Gabriel todo empolgado.*

- *E eu que minha mãe vai dar uma espada bem grande! Retruca Pedro, mostrando o quanto ele também é querido.*

- *Hoje minha madrinha vem visitar a gente. Fala Carol, já ansiosa para chegar em casa.*

- *Ontem meu pai tentou matar a minha mãe.*

Silêncio. Alguns dão risada. A professora, um pouco sem jeito, pergunta à Vitória:

- *Como assim? O que aconteceu para você falar isso?*

- *É, ele tava brigando com a minha mãe, pegou uma faca e foi pra cima dela. Foi assim... Mas, ela brigou com ele e saiu.*

- *Bom, vamos ouvir uma história? Hoje eu trouxe o livro da Baratinha que quer se casar* – diz a professora dando continuidade à aula.

¹ A maioria das falas dessa história é real; são falas retiradas do meu caderno de campo enquanto observava as relações das professoras com as crianças.

Logo os pequenos e as pequenas vão dispersando; é difícil contê-los sentados por muito tempo. É muita energia, querem brincar, correr, conversar com os amigos, desenhar, ver filme. São tantas as coisas que podem fazer na escola que não fazem em casa. Nossa, quanta ansiedade! *Vamos gastar as energias lá fora!* Vão para o parque. Os meninos se juntam para brincar de pega-pega, as meninas querem ficar no balanço. Cada qual no seu quadrado, brincadeira de menina, *sapequices* de meninos! Mas Vitória, não, ela vai perto do Gabriel. Observa o que ele está fazendo. Ele está no canto do parque, não quer correr. Está pintando. A garotinha pega um lápis e começa a pintar com ele. Ela não quer ser igual às outras. Quer estar com o Gabriel. Eles não conversam, só ficam juntos e se divertem. Vitória, você é uma **garotinha sapeca**! – diz Gabriel bem baixinho.

Muita energia! Crianças suadas, roupas sujas: é hora do banho. Todos correm pra dentro e pegam suas mochilas. Vitória deixa Gabriel, são separados: banheiro das meninas e banheiro dos meninos. As meninas logo chegam ao banheiro. Tiram as roupas e vão para o chuveiro. *São três chuveiros apenas. Temos que nos dividir* – pensa Tamara, tentando organizar a turma. A **garotinha sapeca** nem se preocupa: pega seu sabonete e vai pra debaixo do chuveiro. Não quer saber, ninguém divide o chuveiro com ela.

É possível notar a felicidade da Vitória quando entra no banheiro para tomar banho. Sempre a primeira a entrar e a última a sair. Lava o corpo, lava a alma. É como se sentisse o poder da água que purifica e acalma. A hora do banho é seu momento de acolhimento.

Todos estão trocados e limpinhos. É hora de comer! *Comer, comer, pra ficar fortinha e crescer*, canta correndo pelo corredor, saindo à frente de toda a turma. A Vitória é faminta! – diz uma coleguinha de sala. A **garotinha faminta** olha brava, pega seu prato e senta ao lado da professora. Esse é seu lugar, sempre ao lado da professora. Fala pouco, sabe brigar e “dedar” as crianças que brincam com a comida. Não é muito de amigos, prefere ficar sozinha.

Depois da refeição, é hora de escovar os dentes. As crianças pegam suas escovas e vão para a pia. Que diversão, é água pra todo lado! Vitória dá risada – seu primeiro sorriso do dia. Aquela bagunça a anima: todos juntos, barulho, os meninos correndo um atrás do outro. *Tá bom já, meninada! Fechem as torneiras e vamos pro nosso soninho.*

O sono é o problema de Vitória. Só dorme quando a professora fica junto dela. Ela esperneia, não quer, tem medo. Por quê? Custa a relaxar e conseguir se desligar. Precisa do outro para tranquilizar seus sentimentos, suas emoções. A professora lhe dá segurança.

Vitória corre, foge pelo pátio. Sobe no brinquedo do parque e se esconde, torcendo para que a professora não a veja ali.

- *Vitória, eu tô te vendo, pode vir pra cá. Eita, **garotinha arisca!***

Ela tenta, mas não tem jeito: vai ter que entrar na sala e dormir. Vitória entra e começa a brincar.

- *Não é hora de brincar! Guarda isso e vem dormir.*

Começam os gritos. A **garotinha arisca** começa a xingar todo mundo. Diz palavras fortes, pesadas, parece que lhe falta fôlego, fala tudo que ela encontra para liberar seu receio em dormir.

- *Eu não quero dormir, não tô com sono.*

Começa a chorar, desesperada. A professora se aproxima. Vitória chuta, cospe, bate. Não quer dormir por nada. Tem medo e angústia. Aos poucos, com toda a paciência, a professora vai abraçando Vitória, coloca-a no colchão e a faz dormir fazendo cafuné em seus cabelos.

Tamanha clareza da professora em relação às necessidades da Vitória. Mas nem sempre foi assim. Antes dela outras professoras tentaram lidar com os surtos da garotinha. *Mas, ela não tem jeito, é uma **garotinha problema!*** – afirma outra professora da escola.

Vitória chamava a atenção de todos. Quando se deparou com os surtos dela, a professora, até então responsável pela sua turma, se demitiu. Não teve outra maneira, foi preciso entender o que Vitória queria. Aos poucos as professoras entenderam que ela pedia atenção, carinho, segurança. E assim, com muito amor e respeito, Vitória foi aprendendo a se abrir e a se relacionar com as outras crianças. Muitas vezes as professoras ficam sem

chão. Não sabem como lidar com Vitória. Nessa hora, é o encontro dos corpos, o acolhimento e o aconchego que dão conta. É preciso estar perto, dar segurança e entender a angústia daquela **garotinha problema**.

Depois de depositar todas as suas energias na Vitória, a professora senta no canto da sala para continuar suas atividades do dia: preencher os cadernos das crianças. São tantos os afazeres que ela corre contra o tempo. Para por alguns instantes e olha para Vitória: *O que será dessa **garotinha carente** ano que vem? Será que vão cuidar dela direito? Tanta dificuldade tivemos com ela esse ano pra tudo agora ir por água abaixo. Será que fiz o meu melhor?* Dentro da professora existe também um sentimento de alívio, de dever cumprido, como se dissesse a si mesma: *fiz a minha parte* – mesmo não estando tão segura disso. *Eu espero que ano que vem tenha uma professora boa pra estar com ela.*

Aos poucos, as crianças vão acordando do soninho da tarde. Algumas pegam um brinquedo e vão para o canto da sala. Outras preferem desenhar. As meninas se juntam e ficam penteando o cabelo umas das outras. E, assim, todos já estão de pé. Estão ansiosos. Esperam a hora da saída para rever seus pais, avós, colegas, primos. Querem ir pra casa contar como foi o dia na escola.

Vitória está nervosa. Sente um conflito dentro de si: quer ir para casa, mas também quer ficar. Ouve todos os outros falando sobre suas casas e se pergunta:

- *O que será mesmo uma casa? O lugar onde tem mamãe e papai, ou onde recebemos carinho? Porque, se for a primeira opção, minha casa é lá na comunidade; mas, se for a segunda, minha casa é a escola. Será que casa é onde temos comida, banho, roupa limpa. Por que ser for isso é a escola. Ou será que é onde estou com meus irmãos, minha família? Por que, nesse caso, é lá na comunidade.*

Vitória fica em silêncio. Mas logo cansa de pensar e ansiosa para chegar em casa, responde para si mesma:

- *Pra quê ficar pensando, eu tenho mesmo é duas casas: a comunidade e a escola!* – e sai contente, correndo atrás do seu pai que já pegou sua mochila e vai subindo a rua.

Assim é o dia de Vitória. Aparece na escola ora mais agressiva, ora atormentada, ora medrosa, e quase sempre carente de atenção. Um pouco a *garotinha difícil*, outras vezes a *garotinha arisca*. Com seus poucos amigos, é a *garotinha sapeca*, para a escola, é a *garotinha carente* e, junto às professoras, a *garotinha problema!* São tantas facetas de Vitória. Ela se veste destas diferentes personagens para encarar o mundo, ou melhor, por estar no mundo aprendeu, mesmo tão pequena, que a vida *não é mole não*. Mas, o que a Vitória vem nos mostrar é que, na verdade, é só mais uma dentre muitas outras vitoriosas, que convivem com realidades difíceis dentro do que chamam lar e que procuram seu abrigo na escola, buscam o carinho nas professoras e, no final do dia, querem apenas ser uma *garotinha amada*.

Piracicaba, 03 de agosto de 2012.

Mariana Parro Lima

II – O CAMINHO PERCORRIDO

Escrever é estar no extremo de si mesmo
(João Cabral de Melo Neto)

Meu encontro com a Vitória se deu em meu primeiro dia de visita à escola escolhida para essa pesquisa. Quando entrei na diretoria, lá estava ela, sentada, quietinha, olhando para o alto, vagando em seus pensamentos. *Quem é essa menina linda?*, perguntei. E a diretora logo me respondeu: *ESSA é a Vitória*; e no seu olhar pude perceber que ali estava uma história que me tocava profundamente.

Em uma manhã, entrei em uma das salas. Lá as crianças brincavam: os meninos de carrinho e as meninas de boneca. Entrei passeando, sentei e logo as meninas me convidaram para brincar com elas. Vitória nem me deu bola. Olhou de canto só observando a nossa brincadeira. Enquanto ríamos, ela sentou do meu lado com seu bebê. Como estava sem uma boneca e brincávamos de *mamãe e bebê*, uma das crianças me perguntou se eu não queria uma boneca para ser meu bebê. Vitória olhou para mim e com um largo sorriso me disse: “Deixa eu ser o seu bebê!! Eu deito no seu colo e você me faz carinho.” Ali Vitória me revelou seu maior desejo!

Em meio a essa teia de emoções e sentimentos, começo minha caminhada nessa estrada da escrita. Estrada solitária, muitas vezes sombria, mas com encontros e desencontros necessários para tornar essa caminhada possível. Ao trazer para a pesquisa minha vontade de escrever sobre a afetividade, escrevo também, indiretamente, sobre minha história. *No extremo de mim mesma*, remexo minhas lembranças e me dispo de meus julgamentos para mostrar meus pensamentos, vontades e pretensões, tentando não ter *pudor de que os outros vejam meus tiques e gestos falhos*.

Trago, da minha infância, imagens que me compõem e ajudam a entender minha trajetória até aqui. Imagens que envolvem, desenharam, constroem e se multiplicam no encontro com outro. Estar com o outro, ouvi-lo, compartilhar do seu dia, suas histórias,

também é estar consigo mesmo, com nossas histórias. Quando entramos em contato com o outro, percebemos nossos pedaços e, como num mosaico, vamos formando nosso ser para, no final, formar uma imagem. Ou várias imagens que, pouco a pouco, nos compõem, nos transformam e nos identificam. Estar em contato com essas imagens me fascinava. A vontade era de ir mais fundo, estar mais próxima, trocar minhas imagens com outras pessoas e compartilhar meus pedaços.

Assim, iniciei o curso de Naturologia, na Universidade Anhembí Morumbi, o que foi um desafio grande dentro das minhas vivências. Apesar de sempre admirar a medicina tradicional e os tratamentos alternativos de saúde, o que vivia no dia a dia era pura alopatia. Sentia que faltava algo, faltava cuidar da alma, do espírito, das emoções, da pessoa como um todo! Não acreditava em uma relação de cuidado na qual o cuidador se coloca como o possuidor da cura, mas, sim, aquele que, juntamente com quem é cuidado, propõe caminhos, mostra opções de medicamentos², compartilha experiências.

Ao experimentar a massagem pela primeira vez, em uma aula de massoterapia, apesar de todo o ambiente preparado, do clima tranquilo que tínhamos na turma, algo me deixou desconfortável. Foi divertido e estranho pensar em tocar e cuidar de um corpo desconhecido. Tantas marcas, tantas histórias abrigadas naquele corpo. Como será que ele percebe o meu toque? E receber esse toque? Foi mais desafiador pois a pessoa que percebia tudo aquilo era eu. E, a cada segmento trabalhado, eu percebia minhas marcas, meus receios. Depois de formada, trabalhei com massagem em diferentes empresas e, a cada terapia, melhor percebia minha ligação com o toque, o cuidado pelas mãos. A massagem nos permite entrar em contato com o outro em seu íntimo, nos permite conhecer sua história. Para mim, o tato é o contato com o outro, a troca.

Descobrir minha paixão pelas crianças foi a parte mais fácil de todo esse processo. Sabia que, naquele mundo, tinha algo que me atraía, me fascinava. Como não me fascinar por essas figuras tão deslumbrantes? Desafiam o mundo e as pessoas ao viverem a vida à sua maneira. Criam um mundo à parte, só delas, usando a imaginação, imaginação essa que

² Refiro-me aqui a medicamentos como sendo toda forma ou fórmula utilizada para a busca da harmonia do ser humano e, portanto, da sua saúde.

já não conseguimos acessar com tanta facilidade. E, por isso, me impressiono com as crianças, com sua maneira de criar e recriar as coisas.

Este novo conceito de cuidar, trazido a partir das observações dos movimentos no ambiente de cuidar da Naturologia, das sensações experienciadas ao tocar outras pessoas (pequenas e grandes), das vivências em sala de aula, da prática do cuidado me fizeram enxergar a infinidade de possibilidades no encontro de cuidado com o outro, a partir do toque.

Ao realizar meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso em uma creche de São Paulo, para a qual levamos a Shantala, prática tradicional de massagem indiana para bebês, como um meio para auxiliar o desenvolvimento dos bebês, algumas questões surgiram no processo. Onde encontramos a criança pequena nos dias de hoje? Nas ruas, nas escolas, nos parques, em casa. Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, uma conquista após anos de luta social, as crianças tiveram que ser cuidadas em outros ambientes, que não sua casa, por outras pessoas, que não suas mães ou responsáveis. Pensando nisso, como garantir esse cuidado nesses diversos espaços habitados pelas crianças?

Como não tinha experiência profissional dentro da escola, a única lembrança que trazia era a minha própria, da minha infância. Minha vivência nas diferentes escolas municipais e particulares que estudei. Espaços, para mim, de encontros com amigos, de descobertas e brincadeiras; escolas religiosa, construtivista e pública, diferentes culturas e contextos; cheiro de terra do parquinho, de leite do café da manhã, de tutti-frutti da boneca; a cor azul do portão, a cor amarela da sala, a cor vermelha do refeitório, a cor roxa da coberta do soninho, as várias cores dos brinquedos; o som da água da torneira caindo na pia, da voz doce da professora, da tesoura cortando o papel, o barulho das crianças brincando, a música alegre nas festas juninas. Eu sabia que aquele espaço era muito rico, que provocava diversas sensações e permitia uma interação entre diferentes áreas do conhecimento.

Esse projeto, como extensão do meu trabalho de conclusão de curso, leva esse olhar de cuidado para dentro das escolas de Educação Infantil, a fim de pensar esse lugar como continuador desse acolhimento, desse cuidado, de educação para a vida. Por isso, sabendo

da importância de um toque acolhedor, afetivo, e do carinho para o crescimento saudável da criança, como trabalhar isso dentro da escola? Como fazer compreender que esse gesto, do tocar, tão presente no dia-a-dia das/os profissionais da creche e da pré-escola, tem um significado tanto físico, quanto emocional e espiritual?

Ao olhar para a educação das crianças pequenas, percebi a falta de trabalhar a criança em si, e não um corpo, material, que precisa ser educado, disciplinado, cuidado. E que cuidado é esse que não permite às crianças serem crianças? Alguns autores mostram que ainda encontramos poucos trabalhos que exploram a afetividade e a importância das emoções na educação (LOPES, 2009; CIPOLLONE, 2003; RIBEIRO e JUTRAS, 2006; RIBEIRO, 2010). Mas, com as pesquisas sobre a relação entre cognição e emoção, afetividade e inteligência (WALLON, 1986; ALMEIDA, 1999; LOOS e SANT'ANA, 2007; FERREIRA ACIOLY-RÉGNIER, 2010), passou-se a reconhecer o papel dos sentimentos no comportamento humano.

Essas indagações me colocam aqui, hoje, com essa pesquisa, trazendo uma proposta de desenvolver a consciência da importância da afetividade com os professores e professoras da Educação Infantil. Partir da vivência para a compreensão da dimensão do toque, dessa linguagem essencial para o ser humano, é imprescindível. Entrar em contato com o outro e consigo mesmo permite também fazer uma reflexão sobre o papel da professora e do professor que lida com bebês. Com essas pessoinhas, outras linguagens são necessárias.

Este estudo apresenta, então, uma reflexão acerca da importância da afetividade na formação de professores e professoras que atuam na Educação Infantil. Parte da vivência com professoras de uma creche pública de Piracicaba/SP, para a compreensão da dimensão da afetividade para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças pequenas. A partir da pele, do toque, do contato entre os corpos, as relações entre adultos e crianças e das crianças entre si, vão se construindo e ganham significado. Pensar o toque como um encontro entre professores e crianças. Refletir sobre um *corpo infância* que cuidamos e educamos na escola e que abriga a vida de uma época, de uma sociedade, de uma família, e está pronto para escrever seu pedaço nessa história.

Encontro-me com os estudiosos, os poetas e os amantes para falar de afetividade, das emoções que nos envolvem e dos sentimentos que transmitimos quando estamos com e para o outro. As palavras, como pinceladas, pintam cenas de relações afetivas para mergulharmos nesse mar de sentimentos.

Para introduzir o leitor nesta pesquisa, apresentei, na abertura do texto um conto que escrevi por puro atrevimento. Diante de tantas emoções experienciadas durante o tempo que passei na escola, das minhas lembranças e dos relatos narrados pelas professoras, dos quais também participei, a história da garotinha Vitória resgata em mim o objetivo inicial desta pesquisa: proporcionar o encontro afetivo entre as professoras e as crianças, com a certeza da importância de aproximar os indivíduos de seus sentimentos e emoções.

Em **De corpo presente**, faço uma reflexão sobre o corpo e a infância. Ao longo dos anos, a criança vem se fortalecendo como um ator social, participante e parte importante na história e na cultura de um lugar. Pesquisadores de diversas áreas mostram, com suas investigações, que a infância foi, por muitas vezes, excluída do campo das pesquisas e agora é o momento para se repensar o lugar dessas crianças na sociedade. Serão abordados temas como o corpo e o toque, linguagens presentes no mundo dos muito pequenos, e qual a importância que tem sido dada a esses assuntos dentro das escolas. Ao escrever sobre o toque como uma linguagem essencial para nós seres humanos, nos aproximaremos dos afetos como um elo entre o cuidar e o educar dos pequenos. Este capítulo finaliza ao tratar da afetividade que permeia a relação com o outro, capaz de construir o vínculo emocional entre as pessoas, em especial, entre a professora e as crianças.

Com esse mergulho na infância, apresento, em seguida, **O Tecer dos Retalhos** desse estudo. Costuro **O Tecido** – que ilustra o cenário da pesquisa, **As Fitas** – que vivenciaram e deram vida ao tema abordado, e **Os Laços** – instrumentos e materiais utilizados nas práticas, para, em conjunto, dar **O Nó** nos procedimentos metodológicos, com as vivências corporais desenvolvidas junto às professoras da Educação Infantil.

A partir disso, no tópico **Formação e Saberes: reflexão sobre o lugar da afetividade na Educação Infantil**, os relatos das professoras ganham vida e são apresentados com o intuito de refletirmos sobre a afetividade, tema de importância nesse

estudo. Através da análise de questionário e gravações, somados ao meu olhar, foi se desenhando uma linha para ilustrar os conceitos das professoras sobre aquele universo infantil afetivo. No início, esta relação adulto-criança parecia um lugar de dúvidas e receios. Mas, a percepção do próprio corpo, o tocar um corpo diferente do seu e, ainda, as histórias contadas das experiências afetivas permitiram uma aproximação dessas professoras com as crianças e com seu papel na escola.

No último momento, procurei destacar a formação e a vivência pessoal das professoras como parte indispensável para uma educação de qualidade. É preciso salientar que são elas que proporcionam o espaço para as crianças brincarem e criarem; é a partir de suas vivências que organizam, elaboram e colocam em prática as atividades com as crianças. Por isso, a Formação Continuada de Professores, horário utilizado para a realização desta pesquisa, foi um espaço de escuta que valorizou as referências e experiências das professoras.

Acreditando que o papel do educador é orientar, permitir e criar situações nas quais seja possível o crescimento sadio, parece importante estar preparado para o novo, assim como para a criança: o novo olhar, a nova maneira de vivenciar as coisas, o novo momento que surge com a criança. De certo é um desafio, mas qual não o é quando lidamos com as pequenas e os pequenos?

Repensar o papel e a formação do professor e da professora de bebês e crianças pequenas é uma forma de compreender a Educação Infantil. Com crianças ainda tão pequenas, são necessárias formas diferentes de linguagens e interação, que não a escrita ou a fala. Para isso, é importante a reflexão acerca da formação desses profissionais e de como aproximá-los das várias linguagens presentes no mundo das crianças. A necessidade de espaços de formação continuada, nos diferentes âmbitos escolares, se fortalece cada vez mais, podendo ser um lugar de descobertas, confrontos e, assim, aprendizado.

III – DE CORPO PRESENTE

Tu dizes “eu” e orgulhas-te desta palavra. Mas há qualquer coisa de maior, em que te recusas a acreditar, é o teu corpo e a sua grande razão; ele não diz Eu, mas procede como Eu. Aquilo que a inteligência pressente, aquilo que o espírito reconhece nunca em si tem o seu fim. Mas a inteligência e o espírito quereriam convencer-te que são o fim de todas as coisas; tal é a sua soberba. Inteligência e espírito não passam de instrumentos e de brinquedos; o Em si está situado para além deles. O Em si informa-se também pelos olhos dos sentidos, ouve também pelos ouvidos do espírito. O Em si está sempre à escuta, alerta; compara, submete; conquista, destrói. Reina, e é também soberano do Eu. Por detrás dos teus pensamentos e dos teus sentimentos, meu irmão, há um senhor poderoso, um sábio desconhecido: chama-se o Em si. Habita no teu corpo, é o teu corpo. Há mais razão no teu corpo do que na própria essência da tua sabedoria. E quem sabe por que é que o teu corpo necessita da essência da tua sabedoria?

(Friedrich Nietzsche, ‘A sabedoria do corpo’)

A partir de uma formação holística, da Naturologia – que enxerga o ser humano como um todo –, entrei em contato com um leque de terapias complementares que auxiliam a promoção, manutenção e restabelecimento da saúde em diferentes contextos e instituições. Terapias que cuidam de um corpo que é matéria, pensamento, emoção, fé, energia. Corpo esse que se constrói em diferentes épocas e culturas. Um desafio grande para o cuidado que pretende enxergar o ser humano pelas suas diferenças, e não por aquilo que nos coloca como iguais, genéricos, *normais*.

É com essa concepção de corpo que adentro no campo da Educação, em particular, da Educação Infantil. Segura de que a escola é um lugar de construção e interação, começo este capítulo abordando o corpo e a infância, trazendo como foco a relação da criança com o mundo através da sua percepção corporal.

A infância é uma etapa da vida da qual todos, sem exceção, um dia fizeram ou farão parte. É uma fase com suas particularidades e complexidades, que, para ser compreendida, exige um mergulho *de cabeça*. É preciso olhar, sentir, ouvir, tocar; vivenciar a criança com todos os sentidos. E, com certeza, não é uma tarefa fácil: exige caminhar ao lado dos nossos guias mirins, atentos ao que eles nos mostram com suas mais diversas linguagens.

Acredito que as reflexões sobre o corpo podem estar presentes na formação de professores, em particular, daqueles que lidam com a Educação Infantil, pois, como citado anteriormente, as linguagens corporais estão muito presentes na infância, na maneira de expressar sentimentos e vontades, além de contribuir para a constituição da criança como sujeito cultural. Pensando na dicotomia corpo e mente, razão e emoção, Damásio (1996) nos mostra outro caminho e aponta que, talvez, a famosa frase filosófica *Penso, logo existo*, devesse ser substituída por *Existo e sinto, logo penso*.

Seguindo essa ideia do sentir que dá margem ao pensamento, esta pesquisa também dará destaque ao toque como linguagem essencial para o ser humano. Em um primeiro momento, houve a intenção de levar para a escola a prática da *Shantala*, técnica de massagem indiana própria para bebês. Batizada com esse nome pelo médico francês Frederick Leboyer, essa massagem é verbalmente passada de mãe para filha na Índia e tem como finalidade favorecer o que é fundamental para o bebê: contato, amor e carinho, a partir da comunicação entre mão e pele. Por ser uma técnica que exige extrema dedicação e domínio, com o decorrer da pesquisa e o contato com o dia-a-dia das professoras, percebi a necessidade de experimentar esse toque com as próprias professoras, antes do encontro com a criança.

Tocar alguém, um abraço, um aconchego, é como permitir ser desvendado. É uma troca de energia, uma relação de intimidade, uma linguagem do corpo, da alma. Não há como não sermos afetado com a linguagem do tato. E, para ser afetuoso, carinhoso, cuidadoso, dependemos da vivência emocional que é construída desde que nascemos. É como revelar intimidades, medos, receios. Estar com o outro exige dedicação e empatia. Há que se doar! E, mais importante, saber que nesse tato e contato, existem dois corpos que são afetados e, transformados.

Com a reflexão do corpo e da infância, e tocados pela linguagem do tato, um novo mundo surge: o mundo das linguagens dos sentimentos e das emoções.

Pensar a escola como meio social, de ricas interações entre adulto e criança, traz à tona a importância de se refletir sobre a educação e seus métodos de ensino. Ainda existem

muitos desafios para uma educação de qualidade e, para isso, observar a criança, suas criações e interações, pode se tornar um objeto crucial nesse processo de melhoria escolar.

O despertar corporal e emocional dos profissionais que trabalham na Educação Infantil ainda é um desafio nos cursos de Formação Docente. Percebo, então, a necessidade de ampliar essa discussão. Pensar na importância do toque para a criança, mas não um mero toque e, sim, um encontro afetivo entre professores e crianças. Quero, ainda, refletir sobre o corpo na infância e como trabalhar isso nas escolas, por que não estamos lidando com uma máquina, mas com um ser completo, com sentimentos, personalidade, história!

3. 1. Garotinha sapeca: corpo e infância

O bebê não tem um corpo, ele é um corpo e todo o seu despertar passa por seu corpo. As necessidades que sente, os desejos que manifesta, a resposta dada por sua mãe a seus pedidos, o prazer que daí deriva, a comunicação que se estabelece, tudo passa pelo corpo. É um corpo de relações.

(Janine Lévy)

O corpo na escola vem sendo um tema bastante discutido em pesquisas na área da Educação, mas ainda é visto de forma fragmentada quando trabalhado em atividades propostas pelos professores. Lévy (2001) destaca a totalidade do indivíduo quando fala que o bebê *é um corpo* e, com as suas palavras, tomo a liberdade de salientar que todas as atividades que envolvem a criança estão ligadas ao corpo e ao cuidado deste. Falar sobre como trabalhar o corpo na infância não deveria estar restrito apenas aos professores de Educação Física, mas, sim, a todos os profissionais envolvidos no cuidado da criança.

Acostumados com uma visão dicotômica, nos deparamos com conceitos que primeiramente tendem a separar as coisas para depois uni-las. Os povos antigos falavam de um corpo cósmico, integrado à natureza e parte dela. Corpo e mente eram uma coisa só. Cultuavam um corpo sadio, “*mente sã, corpo sã*”. Um ser que deveria ser cuidado como um todo, assim como o é no mundo, sem pedaços, sem partes, mas um só corpo. Parece-me

até redundância falar de corpo e infância, logo que a infância está presente no corpo e, o corpo faz a infância se revelar. Mas, aqui, o tema é mesmo uma provocação para repensar as práticas que envolvem o *corpo infância*, partindo da ideia de um ser integral.

Não é possível separar o corpo daquilo que vivenciamos. Ele é parte e forma dessa leitura do mundo. Nele guardamos nossas impressões, descobrimos caminhos novos e construímos uma maneira diferente de ser no meio de tantos outros indivíduos. Se me refiro ao corpo como o que sou – e é esse meu ponto de partida – é a partir dele que falo, situando o ser humano como *um corpo no mundo*. Não há necessidade de separá-lo, segmentá-lo, reduzi-lo. O corpo é nossa morada nesse caminho do viver; corpo que desenha os sentimentos; o encontro com o que me faz, o que me estrutura e o que me identifica.

Para Jesus (1992):

O corpo, meu corpo, é minha experiência imediata de mundo, é minha primeira e permanente vivência do que sou, do que fui, e do que poderei ser. É minha possibilidade de desenvolver minha humanidade. É o humano pleno, em sua corporeidade, ou seja, em sua condição de presença, participação e significação no mundo (p. 15).

Seguindo essa mesma perspectiva, Machado (1992), em sua dissertação de mestrado, faz uma reflexão sobre *O fascínio de ser corpo* e, no capítulo Corpo – Corporeidade ressalta que:

Meu corpo sou eu e, através dele, eu identifico-me e sou identificada entre as demais pessoas. Através do meu corpo, eu percebo o mundo, as sensações de cheiro e sabor. Por ele eu ouço os sons do dia a dia, pela minha pele eu sinto calor e frio, o prazer do toque e a dor. Por ele eu percebo e expresso minhas emoções (p. 52).

Embalada por esse fascínio sobre o ser corpo, refiro-me, assim, ao corpo como o que sou, independente dos diferentes contextos ao qual estão relacionados os seres humanos observados e com todas as suas singularidades. Por isso, fico a pensar sobre como lidamos, então, com esse corpo nos ambientes escolares, em específico na Educação Infantil. Qual o olhar sobre esses *corpos identidades*? Como auxiliamos essa descoberta desse *corpo eu*?

Quando falamos das crianças pequenas e dos bebês, que estão descobrindo o mundo a partir de outros corpos responsáveis por sua educação e por seu cuidado, essas questões tornam-se ainda mais relevantes no âmbito escolar. Rios *et al* (2012) dizem que

(...) as falhas nos relacionamentos interpessoais resultam em dificuldades na criação de um sentimento de unidade e continuidade de si mesma na criança e na construção de uma narrativa de si mesma ao longo do tempo, causando prejuízos na auto regulação dos afetos, instabilidade emocional e restrição de imaginação (p. 23).

Essas relações, tão presentes no ambiente escolar, acontecem em meio ao aprendizado, e dele também fazem parte. A interação entre criança e professora³ pode ser vista como o caminho para o educar e o cuidar e, por isso, merece um lugar carinhoso dentro dos espaços escolares. Os trabalhos corporais e afetivos, preocupados com a relação que a criança desenvolve com as outras crianças, com os/as professores/as, com os diferentes profissionais da escola e com a natureza devem, então, estar norteando as atividades educativas, permitindo, tanto à criança, quanto ao adulto, trabalhar a imaginação, a criatividade e o *maravilhamento*.

Assim como a concepção dicotômica do corpo por conta do pensamento positivista, a infância também muitas vezes foi tomada por um olhar biologista, sob o aspecto de um período, uma etapa da vida, uma fase que antecede o adulto. Chamboredon e Prévot (1986) apontaram que a psicologia foi responsável pela descoberta da primeira infância ao convencer-se da importância deste período para a constituição da personalidade e para a formação da inteligência.

Um dos principais efeitos deste movimento é transformar a definição social da infância, fazendo recuar para a mais tenra idade o “bebê”, como objeto de cuidados fisiológicos e afetivos, e fazendo começar muito mais cedo a primeira infância como período que reclama, também, cuidados culturais e psicológicos. Estas transformações supõem condições sociais e culturais determinadas (CHAMBOREDON e PRÉVOT, 1986, p. 42).

Porém, o campo da sociologia da infância tem ocupado um espaço significativo no cenário internacional por propor o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças atores sociais plenos (ROSEMBERG, 1976; CHAMBOREDON e PREVOT,

³ Utilizo o genérico feminino por ser uma profissão historicamente desenvolvida por mulheres.

1986; FARIA, 2005; MÜLLER, 2006; MAUSS, 2010). Passou-se a questionar a ideia da criança como potencialidade de promessa, um vir a ser, adulto futuro, já discutida por Rosemberg em 1976, ideia essa que deixa a criança em segundo plano, à espera de uma vida que virá, sem ter oportunidade de mostrar-se como tal, pessoa integral, com sua singularidade e em formação, como qualquer outra pessoa, em diferentes idades.

Quando levamos em consideração que a criança é parte integrante de uma sociedade, ou seja, de que tudo que a cerca a influencia e por ela também é influenciado, podemos notar a complexidade de se compreender as mais diferentes infâncias. Infância do norte, do sul. Infâncias do oriente, do ocidente. Infância católica, judia, ateia. Infâncias de preto e de branco, de pobre e de rico. São muitos os espaços e tempos que abrigam a criança e, para entender o olhar destas, é preciso ouvi-las, interagir com suas ideias, criações e aprender suas linguagens.

O mito da infância inocente vem se rompendo. Isso é evidenciado quando as crianças demonstram conhecimentos mais elaborados do que os dos próprios adultos, no que se refere às informações veiculadas nos programas televisivos e até no tipo de vocabulário empregado em certas situações. Steinberg explica que as "noções tradicionais da infância como um tempo de inocência e de dependência dos adultos são abaladas pelo acesso infantil à cultura popular" (MÜLLER, 2006, p. 559).

A criança sempre foi e continua sendo uma caixinha de surpresas! Quanto mais crescemos, mais nos afastamos da criança que existe em nós e das muitas outras que nos rodeiam. É como se colocássemos uma barreira, dividindo o mundo em dois: o mundo dos adultos e o mundo das crianças. O que estamos percebendo, cada vez mais, com pesquisas que dão voz às crianças tentando compreender suas várias linguagens, é que a criança se vê e se coloca perante o meio social em que vive. Ela se percebe integrante da família, da escola, da rua e, assim, através das brincadeiras, transmite sua cultura e faz ainda uma releitura do que lhe é passado nesses meios sociais, recriando saberes e inventando formas de se conviver em grupo.

As crianças, desde que nascem, vivenciam o corpo interagindo com/no mundo. Elas se movimentam e criam possibilidades de descobrir e experimentar tudo que as cerca.

Relacionam-se com os objetos e com o outro e, acima de tudo, acabam por aprender sobre si mesmas, desenvolvendo suas habilidades. Assim, podemos tomar o movimento como um recurso da criança para aprender, conhecer e experimentar o meio e as pessoas que a cercam, expressar suas emoções e pensamentos. O corpo e seu movimento se apresentam na Educação Infantil como uma linguagem, uma identidade.

Ao trazer essas reflexões sobre o corpo e a infância, fica para mim evidente a necessidade de um novo olhar para as crianças e ressalta a presença das linguagens corporais dentro das escolas. Pois, como enfatiza Silva (2011) em seu prefácio no livro *Culturas infantis em creches e pré-escolas*, “todo o nosso corpo é envolvido na experiência de explorar aquilo que está fora de nós” (p. vii), e, para prestar atenção nesse envolvimento corporal, é preciso educar o olhar do professor.

Como nos indica Coutinho (2002)

A escola deve ser um espaço múltiplo e ao mesmo tempo proporcionar ambientes de vivências individuais, deve conter os elementos que nos constituem enquanto seres que sentem pelo cheiro, pelo toque, pelo gosto, pelo olhar e pela audição. Espaços para as infâncias são espaços que as traduzem, mas também as modificam, que as acolhem em um momento e em outro as libertam para criar, recriar e manifestar a sua cultura (p. 8).

Portanto, percebo a importância de uma proposta pedagógica que permita à criança o acesso a espaços e atividades que favoreçam o seu desenvolvimento integral a partir de suas vivências. Proporcionar à criança autonomia para escolher e assumir pequenas responsabilidades permiti-lhe obter autoconfiança. E, ainda, criar um lugar no qual se sintam acolhidas, cuidadas, respeitadas e amadas, para auxiliar a formação pessoal e social da criança.

Ao pensar na criança, na sua pluralidade, nas várias linguagens que permeiam suas interações com as pessoas e consigo mesma, e na escola – lugar de interação social e diversidade – surge a questão de como trabalhar com profissionais docentes que vivenciam a descoberta do ser criança, e, ainda, devem proporcionar momentos para suas criações. Por isso, essa pesquisa busca caminhos para esse encontro, entre professor/a e criança, aproximando esses profissionais das múltiplas linguagens da infância.

No contexto das instituições de educação infantil públicas, Oliveira (2008) nota que existe uma preocupação com o corpo e movimento das crianças. Porém, grande parte dos professores de creches e pré-escolas não se sente preparada para promover atividades corporais com as crianças, tanto pela ausência desse tema em sua formação, quanto pelas próprias condições objetivas de trabalho e, muitas vezes, de estrutura da instituição, como afirmam algumas professoras. Dessa forma, muitas vezes resta às crianças apenas um escasso tempo para brincar no parquinho ou outros espaços na hora do recreio ou, ainda, o recreacionismo com fim em si mesmo, ministrado pelas professoras (OLIVEIRA, 2008, p. 3).

Trazer à tona a consciência corporal como tema importante para a educação das crianças pequenas me faz pensar qual a formação adequada do professor para lidar com esses indivíduos. Como vimos nas palavras de Oliveira (2008), a preocupação com o corpo e o movimento está presente nas falas das professoras, mas estas ainda ficam inseguras em como desenvolver isso com os/as pequenos/as. Assim, proporcionar uma formação que pense e sinta o corpo é necessário para poder transmitir esse cuidado para as crianças. A vivência da educação e do cuidado corporal para os professores pode auxiliar suas atividades dentro dos espaços escolares, permitindo um olhar mais sensível para com os corpos infantis.

O corpo pode ser descoberto na escola, para além da higienização e da alimentação. Como professores, é necessário olhar para esse corpo infante e proporcionar situações de encontro *para* e *com* a criança. Encontro com o *eu*, com o outro, com o imaginário, com o real, com as dimensões e as sensações. A consciência do corpo, da individualidade, o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e o entendimento das relações humanas são fundamentais e, para isso, é importante a presença de atividades que deem espaço para o lúdico, para a criação e o encantamento.

Com a recente mudança nas políticas educacionais no campo da Educação Infantil e com a criação de documentos nacionais como o *Plano Nacional de Educação Infantil* e *Parâmetros de qualidade para a educação infantil*, aumentou a preocupação de uma educação de qualidade para as crianças pequenas, educação essa que deve respeitar seus

direitos. Por muitos anos, os trabalhos desenvolvidos nas creches e pré-escolas estiveram pautados em práticas assistencialistas, atendendo a população mais carente. Este cenário está mudando e começa a considerar as atividades educacionais como parte essencial nas escolas de Educação Infantil, porém ainda é pouco quando falamos de uma Educação que “muitas vezes não tem sequer a criança como alvo, sequer se pronuncia a respeito de primeira etapa da educação básica” (FARIA, 2005, p. 1029).

Cada vez mais cedo, as crianças são antecipadas na linguagem da escrita. A alfabetização precoce faz com que os professores se esqueçam de olhar para as outras linguagens tão presentes nas interações que as crianças estabelecem entre elas e os adultos. Colocando a criança em foco, torna-se imprescindível criar espaços de aprendizagem para que professores da Educação Infantil construam um novo olhar sobre a criança e, assim, possam mudar sua postura frente ao educar/cuidar dos menores. Cabe lembrar que esta não é uma crítica quanto à alfabetização em si – que é um direito de todos – mas, sim, à sua antecipação. A escrita é uma das linguagens do ser humano e consequência de seu desenvolvimento social; porém, antes disso, temos outras linguagens que nos colocam em direta comunicação com o mundo e as pessoas que nos rodeiam.

Quando pensamos na história de crianças como a Vitória, fica mais fácil perceber que devemos ter respeito pela vivência da criança. É importante saber o que ela traz abrigado consigo, quais os valores apreendidos, qual a história que nos conta através de seus gestos, das palavras, dos desenhos, dos movimentos e das múltiplas linguagens presentes no mundo das crianças. Como destaca Montagu (1988, p. 114) “pensamentos e sentimentos são muitas vezes comunicados de modo não verbal” e, como professores, é preciso estar atento a isso. Antes mesmo de passar algum ensinamento, é dever principal da Educação a formação humana dos indivíduos, que “consiste na criação das condições que guiam e apoiam a criança em seu crescimento como um ser capaz de viver no auto respeito e no respeito pelo outro” (MATURANA, 2000, p. 11) e, para isso, precisamos nos alfabetizar na linguagem do respeito e do amor.

Considerando a brincadeira, as interações e as diferentes linguagens como eixos do trabalho pedagógico na Educação Infantil, Sayão (2002) afirma que podemos planejar

situações que levem as crianças a brincar, a interagir e a manifestar-se através de diferentes linguagens, o que significa permitir e reconhecer que a oralidade, a escrita, o desenho, a dramatização, a música, o toque, a dança, a brincadeira, o jogo, os ritmos, as inúmeras formas de movimentos corporais são todos eles expressões das crianças, que não podem ficar limitadas a um segundo plano. Em nossa cultura, a escrita tem ocupado um espaço considerável nas intervenções educativas em detrimento de outras linguagens que também são manifestações humanas. Descobrir junto com as crianças essas outras linguagens é um desafio a ser superado (SAYÃO, 2002, p. 61).

Minha reflexão se acentua com as palavras de Ayoub (2001):

A riqueza de possibilidades da linguagem corporal revela um universo a ser vivenciado, conhecido, desfrutado, com prazer e alegria. Criança é quase sinônimo de movimento; movimentando-se ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Criança é quase sinônimo de brincar; brincando ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Descobrir, descobrir-se. Descobrir, tirar a cobertura, mostrar, mostrar-se, decifrar... (p. 57).

Se pensarmos na criança, com suas diversas linguagens, logo entendemos a necessidade de profissionais diversos para educar e cuidar dessas infâncias. A escola de Educação Infantil pode ser um espaço de diálogo entre diferentes conhecimentos, um lugar de encontro, de troca e de acolhimento. Para isso, faz-se necessário pensar em uma formação que abranja as múltiplas linguagens da criança, que estimule a imaginação de quem educa e que, ainda, permita ao educador maravilhar-se com o mundo da criança.

3.2. Garotinha carente: o toque como linguagem

A linguagem dos sentidos, na qual todos podemos ser socializados, é capaz de ampliar a nossa valorização em relação ao outro e ao mundo em que vivemos... Tocar é a principal dessas outras linguagens

(Ashley Montagu)

Toque, tocar, tato, contato, tocante, tocado. A dimensão da palavra toque é imensa, nos leva ao corpo, às emoções, ao outro, às sensações, às descobertas, ao encontro. Com o toque, vamos além do que vemos, do cheiro, do gosto, do som, passamos pela *linguagem dos sentidos*, unindo-os para decifrar aquilo que podemos sentir com as mãos.

Antes mesmo de nascer, já estamos envolvidos pelo toque. Na barriga da mãe, trocamos carícias com os líquidos que nos rodeiam. Acolhidos por uma bolsa, nos aconchegamos até estarmos prontos para vir ao mundo. E esse mundo nos é apresentado passando pela figura da mãe ou do cuidador. Ferreira (2006, p. 15) diz *que estar presente na relação implica disponibilizar gestos e expressões que promovam a possibilidade de compreender e ser compreendido*.

O toque é uma linguagem que todos usamos instintivamente para comunicar nossos sentimentos, para demonstrar aos outros que eles são amados e queridos. É a principal forma dentro da linguagem dos sentidos que nos permite, segundo Montagu, *ser socializados*. Estar em contato com o outro nos permite conhecermos a nós mesmos, descobrir nossas várias facetas. Ao tocar, reconhecemos os objetos, as pessoas, o mundo que nos envolve. Nos braços, acolhemos o outro, confortando seus anseios, medos e transmitimos segurança.

Para Montagu (1988):

A pele é o mais antigo e sensível de todos os órgãos. É o nosso primeiro meio de comunicação, nosso mais eficiente protetor. É na pele em que se projetam todas as experiências da vida. Por onde emergem as emoções, penetram os pesares, a beleza encontra sua profundidade. Radiante na saúde, sente um formigamento ao toque amoroso (p. 21).

O autor traz todo o panorama que envolve a pele em seu livro *Tocar, o significado humano da pele*, e, a partir de pesquisas de diferentes estudiosos e relatos de cientistas diversos, compõe sua síntese sobre a importância do tocar para o desenvolvimento do ser humano. “Tanto para os animais em geral, quanto para os humanos em particular, as evidências são inequivocamente claras: as experiências táteis desempenham um papel fundamentalmente importante no crescimento e no desenvolvimento de todos os mamíferos estudados até o momento” (MONTAGU, 1988, p. 230).

Apesar de estar muito ligado à figura da mãe, o vínculo criado a partir do toque deve percorrer todos os responsáveis pela criança, em casa e na escola. Afinal, o professor é uma extensão desse cuidado e também precisa transmitir confiança e acolhimento para a criança. É através dessas relações que as crianças saboreiam o mundo e a si mesmas. “O trabalho corporal que permite perceber ou experienciar o corpo de maneira não usual pode resultar em alterações de consciência da visão de mundo e, portanto, do pensar, sentir e agir” (RIOS *et al*, 2012, p. 33).

Segundo Golse, citado por Pena *et al* (2008, p. 34), “o sentido do toque entre o cuidador e o bebê é uma maneira de transmissão entre os dois”. Esse toque “pode resgatar ou impedir um melhor equilíbrio nesta diáde, que é a base do contato do bebê com o mundo” (Idem, p. 34). E o toque está tão presente na realidade da Educação Infantil, principalmente quando nos referimos aos bebês: no banho, na troca de fralda, no acalanto para dormir, no abraço acolhedor.

Nas minhas observações durante minha pesquisa, pude notar que, quando entrava no banho, a Vitória era sempre a primeira a chegar e a última a sair. Era como se esperasse o dia todo por aquele momento: a água que envolve o corpo acalma e, juntamente com o cuidado da professora, a sensação da pequena é de carinho. “A hora do banho é seu momento de acolhimento” (frase retirada do Conto da Vitória). A hora do banho pode ser um espaço de encontro com a criança, lugar para vivenciar o corpo e o contato. A linguagem do toque está presente nos diferentes ambientes da escola e nas várias atividades desenvolvidas ao longo do dia.

Em seu trabalho, ao investigar as práticas educativas de uma creche de Campinas, Bufalo (1997) retrata um episódio, o qual intitula Nana-neném, e fala sobre o contato pele-pele:

Percebi, após ter analisado todo o material filmado, que havia uma linguagem que permeava aquele ambiente, que não era só a pouca fala das crianças, a fala dos adultos, o canto deles e as brincadeiras, mas, também, o contato dos corpos entre eles. [...] resolvi considera-los com a devida atenção. Analisei-os no âmbito da Pedagogia, verificando o significado e também a importância da linguagem pele-pele no processo educativo das crianças pequenas em creche (p. 71).

Wallon (2007) defende que, na primeira etapa do desenvolvimento infantil, ocorre um verdadeiro diálogo tônico entre o adulto e a criança através das reações corporais do bebê, as quais exercem essa função de manifestar emoções e mobilizar o adulto para atender suas necessidades. É esse contato pele-pele que constrói as relações entre a criança pequena e o adulto. Dialogando com o autor Montagu, Cavalari (2005) escreve em sua dissertação que “o vínculo com o próprio corpo é a base dos vínculos com as outras pessoas (sociabilidade) e é também a base das sensações positivas a respeito de si mesmo, permitindo a consolidação da autoestima” (p. 68).

Ao ser delicadamente tocada, acariciada, carregada no colo, aconchegada, confortada e ao receber as verbalizações carinhosas típicas para bebês, a criança aprende a tocar delicadamente, a acariciar, a aconchegar, a confortar, a emitir as mesmas verbalizações e a amar os outros. Implica envolvimento, interesse, responsabilidade, ternura e percepção atenta das necessidades, sensibilidades e vulnerabilidades do outro (MONTAGU, 1988, p. 211). E, assim, o autor ilustra como aprendemos a linguagem do amor e como essa linguagem é essencial para o desenvolvimento saudável das crianças.

Tamanha importância tem o toque para nós seres humanos. Hoje, observamos várias técnicas que utilizam o toque sendo estudadas e compartilhadas, como o Método Canguru para crianças pré-maturas (VENANCIO e ALMEIDA, 2004), a *Shantala* para auxiliar a relação mãe-bebê (VICTOR e MOREIRA, 2004; FERREIRA, 2006), ou o toque terapêutico para crianças autistas (CULLEN e BARLOW, 2002). O toque permite o diálogo tônico entre os corpos.

Reconhecendo a importância do toque para o desenvolvimento do bebê, Oliveira (2009) leva, para um Centro de Educação Infantil de São Paulo, a técnica da *Shantala* – massagem tradicional indiana – para auxiliar a prática docente com crianças. Seu projeto de pesquisa desenha uma trajetória para a formação continuada de professores, inserindo a discussão de práticas envolvendo o toque no Projeto Pedagógico da escola. “Em meio às mediações tecnológicas, ausências e abandonos, o amor e a construção de uma nova ética podem estar, sutilmente, se expressando através desse respeito mútuo, dessa importante presença corporal e da delicadeza do toque em suas diferentes dimensões” (OLIVEIRA, 2009, p. 108).

O ato de tocar é necessário para nosso desenvolvimento saudável. No físico, o tocar auxilia o bom funcionamento de todo o metabolismo do corpo. No desenvolvimento psíquico e social, fica evidente a relevância do toque, pois, através dele, é possível se relacionar com o outro e estabelecer vínculos. No campo energético, o toque permite a troca e a harmonização. No campo espiritual, é salvação.

O homem nasce preparado para a percepção e para o contato. Não é limitado pelas paredes de seu próprio corpo, mas necessita de um certo espaço para não se sufocar psíquica e socialmente. Para além da pele, cada indivíduo vive dentro de uma ‘bolha’ invisível, como se fosse uma placenta etérea de várias camadas. Esse espaço pericorporal participa das nossas comunicações e pode modificar os sentidos, quando em contato com os espaços pericorporais dos outros (KNOBBE, 2004, p. 131).

Para os pequenos, quanto melhor o vínculo entre o cuidador e a criança, maior a tendência na criança em criar e manter outros vínculos mais seguros ao longo de sua vida social. Cavalari (2005) reforça que “o toque é base, tanto da linguagem, como do movimento e todo organismo vivo depende dos estímulos do mundo externo para seu crescimento e desenvolvimento”. Por encontrar um contato desta amplitude em sua formação inicial, a criança pequena pode formar uma personalidade sadia e percebe o mundo de forma agradável e segura. Com o passar do tempo, ela vai construindo sua autoestima, que é instrumento imprescindível na conquista do mundo que vai se revelando

no decorrer de seu crescimento e na manutenção das relações que vai tecendo com as outras pessoas.

É preciso cunhar o corpo das crianças com trabalhos corporais, e o corpo do educador também revela a experiência. É preciso cunhar nele toques que, despertando belas sensações, belas imagens, belos pensamentos, belas perguntas, revelam ser estranhamente eficazes. Assim, mesmo na ausência de um ambiente favorável, surgem nele ideias, intuições daquilo que é possível fazer, em cada situação (LORTHIOIS, 2012, p. 105).

Knobee (2004) escreve que

Como se fosse uma tela, na pele se projetam as variadas experiências vividas, incluídas aí as emoções, as resistências e as resultantes das inúmeras funções físicas. O tecido cutâneo se deixa tatuar pelo tempo. Na pele, o tempo toca o segredo das transformações (p. 129).

Podemos, assim, estar certos de que há a necessidade de tocarmos com carinho os bebês no dia-a-dia e, conseqüentemente, a criança que se desenvolve posteriormente. É importante salientar, dentro da perspectiva de contínuo desenvolvimento, que o tocar é importante também para o jovem, o adulto e o idoso, que são todos apenas o ser humano, em suas diferentes formas com relação ao tempo.

O toque nos leva de encontro ao outro e, ao mesmo tempo, a nós mesmos. O toque que acolhe traz confiança e segurança. Montagu (1988) salienta que são muitas as funções, concepções e percepções que envolvem o tocar e “quanto mais sabemos a respeito dos efeitos da estimulação cutânea, mais descobrimos o quanto é profundamente significativa para um desenvolvimento saudável” (p. 43).

Este tocar carrega em si numerosos benefícios em forma de estímulos que geram um melhor desenvolvimento físico, emocional e social. É possível notar que o que pode estar perdido no momento é a falta de hábito e não o desconhecimento sobre o tema e suas conseqüências para nós seres humanos. O trabalho que se faz necessário agora – e é trazido como foco desta pesquisa – é o de agregar estas duas informações, uma parte teórica e outra prática, despertando a necessidade do hábito do tocar, aumentando a chance das crianças quanto a um melhor desenvolvimento e aprendizado.

3.3. Garotinha problema: afetividade como elo entre o cuidar e o educar

A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, (...) possui sobre o outro um grande poder de contágio
(Henri Wallon)

Para melhor compreensão do que estamos chamando de afetividade, procurei o significado da origem dessa palavra com o auxílio de um dicionário. Afetividade, segundo o dicionário Aurélio (1986), “é um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de alegria ou tristeza”. Em meio a essa trama de sentimentos e emoções penso que devem estar situados o *cuidar* e o *educar* da criança, pois, como enfatiza Wallon (2007), *possui grande poder de contágio*, o que permite a construção de uma formação humana baseada no amor e no respeito.

A educação de crianças pequenas vem rompendo a estrutura da escola que se difunde há anos. Com a Constituição de 1988 e a LDB em 1996, as antigas creches e pré-escolas passaram a ser definidas como Educação Infantil, sendo um direito de toda criança no Brasil. Tendo como foco crianças de zero a seis anos, a escola de Educação Infantil traz um desafio para os professores: o de pensar um espaço múltiplo de aprendizagem, com diferentes linguagens e percepções do mundo da criança.

Tomando como base a Educação Infantil, a afetividade representa uma linguagem essencial para a formação humana. Com as novas concepções de infância, surgidas com a pós-modernidade, faz-se necessário, cada vez mais, estar perto e olhar para a pequena infância com cuidado, com respeito.

Ao pensar na escola como um lugar para se conhecer a infância fica claro que a relação adulto-criança não deve ser de autoridade, mas, sim, de empatia, compartilhamento, troca. Para Rios *et al* (2012), “do cuidador da criança pequena, o que se espera, além dos cuidados básicos, é que seja capaz de compreender, conter e eventualmente atribuir significados adequados às experiências emocionais da criança” (p. 26).

Muitas vezes, as ações de cuidados são artificialmente separadas daquelas ditas educativas no cotidiano das creches e pré-escolas. Cria-se uma hierarquia como se existissem atividades mais importantes ou nobres que outras. Isso é uma distorção, um erro. O momento de alimentação apresenta tantas oportunidades educativas quanto a brincadeira com pincéis; o jogo com os colegas é um momento ímpar de aprendizagem sobre o cuidado com o outro. A presença do professor mediando essas relações integra as dimensões de educação e cuidado que devem estar presentes em toda ação educativa na infância. (Niterói, 2008, p.)

A escola é, assim, um espaço de possibilidades, pois permite a configuração de processos coletivos, proporcionando o encontro com o outro. Após observar as relações entre as crianças e as professoras, Bufalo (1997) considerou muito importante o conhecimento das diferentes linguagens, em especial a do corpo, e questionou sobre o quanto a formação escolar das professoras interfere na sua dimensão da relação pele-pele como função pedagógica.

É um dos papéis da escola e da atuação do profissional da educação propiciar, no contexto escolar, atividades de interação entre os diferentes sujeitos com finalidade de promoção social e educativa. Isto porque as características individuais e essencialmente humanas, como forma de pensar, agir, sentir, entre outras, estão relacionadas e dependem, sistematicamente, da interação do ser humano com o meio físico e social ao qual pertence (BORBA e SPAZZIANI, 2005, p. 6).

Nota-se que é na interação social que se dá a construção de vínculos e a formação de laços afetivos. A escola, como esse meio social, de ricas interações entre adulto e criança, me faz refletir sobre a educação e seus métodos de ensino. O educador, nas primeiras etapas de vida, na qual a criança ainda não se comunica verbalmente, deve estar atento para saber ouvir e compreender a linguagem do corpo, as formas de expressar emoções, sentimentos e temores da criança. Se pensarmos que o cuidar exige vínculo e, ainda, que esse cuidador seja afetivo, entende-se a importância da discussão sobre afetividade nas relações dentro da escola, tanto entre professoras e crianças, quanto entre as crianças.

Refiro-me, então, à afetividade como uma teia de sentimentos e emoções que nos revelam a impressão que temos de tudo aquilo que nos toca, nos afeta. Reconheço a afetividade como o que nos move até o outro, como na frase *afficere ad actio*, traduzida por Meneghetti (2004) como “onde o sujeito se fixa, onde o sujeito se liga”.

Toda criança deseja e quer atenção, amor, carinho, acolhimento. Sua relação com o mundo se dá, primeiramente, através das pessoas e de como esse vínculo é construído. Tudo o que ela vivencia e aprecia vem pela interação com o outro. É através dessa interação que a criança se descobre e conhece o que ela é no mundo. Vygotsky, citado por Guimarães (2008), destacou o papel das interações sociais para o desenvolvimento humano. Para o autor, o processo de aprendizagem tem origem nas interações sociais vivenciadas pela criança.

Nossa civilização foi tecendo, aos poucos, o atrofiamento da sensibilidade tátil e exacerbando os domínios da visão e da palavra. [...] Diuturnamente, somos sedados e controlados pela visão. Nas ruas, avenidas, em todos os lugares públicos e também nos espaços privados, através dos meios de comunicação; somos incitados a abandonar tudo o que não é visível como algo sem valor. [...] A palavra, por sua vez, embora seja um acontecimento capital para a vida humana e o ‘sexto sentido’ da espécie, tornou-se, em muitos dos nossos rituais cotidianos, familiares e profissionais, desencarnada das emoções, dos comportamentos e da coerência semântica (KNOBBE, 2004, p. 127).

Pesquisas recentes se dedicam a estudar o papel das emoções e dos sentimentos no desempenho cognitivo (WALLON, 1986, 2007, MATURANA, 2002, LEME, 2004, LOO&SANTANA, 2007, RIBEIRO, 2010). Podemos notar, com isso, que o tema afetividade tem uma ampla repercussão e que o diálogo entre sentimentos e cognição resulta oportuno e significativo.

Alojadas entre essas manifestações e reações de origem infrapsíquica, as emoções conservam o poder de abalar o aparelho psicorgânico em toda sua extensão, mas com a condição de que este se subordine a essa função de expressão que a natureza das emoções imprime às manifestações corporais, e por onde estabelece contato com o outro (WALLON APUD FERREIRA, 2006, p. 134).

Maturana (2002) fala sobre a educação como formação humana e destaca a importância de “formar seres humanos para o presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e de fazer tudo o que é preciso como um ato responsável, a partir de sua consciência social (p.10)”. Quando pensamos nisso, entendemos a importância de uma educação afetiva, baseada, como o próprio Maturana descreve, na biologia do amor.

Professores e professoras podem estar atentos às emoções geradas em sala. É importante aprender a lidar com esses sentimentos expressados tanto pelas crianças, quanto por eles; entender como as emoções e os sentimentos interagem e constroem a relação professor-criança, pois a escola tem um papel importante na formação do ser humano. Scuoppo (2012) destaca que, por meio da comunicação não verbal, se dá a formação de laços e apegos. E ainda, segundo a autora, “as primeiras experiências de apego seguro facilitam a aquisição da auto regulação emocional, a aprendizagem sobre o ambiente e abrem caminho para o desenvolvimento de habilidades sociais positivas” (p. 92).

Assim, é preciso pensar em uma educação que favoreça quem ensina e quem aprende; que permita a interação entre professor e aluno, adulto e criança, sabendo que aquele que se coloca como “o que ensina” também tem, muitas vezes, o que aprender com as crianças, com os adolescentes, com os jovens. Quero destacar que minha finalidade com esse estudo não é dizer que a afetividade é mais importante do que outras funções na aprendizagem, mas, sim, que ela também deve ser vista como relevante para a formação de professores. Por muitos anos, a educação vem valorizando apenas as funções cognitivas: ver e repetir, aprimorar as técnicas, o que também pode ser notado com as palavras de Esteban (2004):

Os processos escolares vão se vinculando à cultura do silêncio através de suas práticas extremamente preocupadas com a ordenação, que implica na redução da diferença aos limites definidos pelas posturas hegemônicas. A educação escolar vai sendo demarcada pelos atos que priorizam a transmissão/reprodução de conhecimentos elaborados no marco da cultura hegemônica, dificultando o debate entre as diversas perspectivas que penetram no cotidiano escolar (p. 134).

Mas, a Educação abrange muito mais do que isso: é responsável pelo crescimento e desenvolvimento biológico, psicológico, social, histórico, cultural e afetivo das crianças,

dos jovens e dos adultos. E, para isso, os profissionais responsáveis pela Educação devem ser capazes de lidar com questões que envolvem as emoções e sentimentos de suas crianças e alunos dentro das escolas.

A professora pode representar essa figura de apego; sua ação, comprometida com o processo infantil, pode fortalecer a escola como um espaço de identificação para as crianças, com o desenvolvimento de processos pedagógicos que potencializem a escola como lugar em que os sujeitos se encontram, são acolhidos e criam representações para seus dramas, refletindo sobre eles e produzindo caminhos para inseri-los no discurso social. A ação docente pode ser significativa para que as impossibilidades sejam traduzidas e as possibilidades que nelas se ocultam representem fios articuladores de novas representações dos dramas infantis (ESTEBAN, 2004, p. 14).

Por estar ligada à emoção, a afetividade interfere e pode determinar o modo como o indivíduo enxerga o mundo que o cerca e também a maneira como interage e nele se manifesta. Por isso, a importância do afeto para o desenvolvimento total do ser humano. A afetividade também determina a autoestima das pessoas a partir da infância, pois, quando uma criança recebe afeto dos outros, tem mais possibilidade de crescer e se desenvolver com segurança e determinação.

Lombardi (2011) traz em sua tese de doutorado a discussão sobre a formação corporal do professor de bebê e, quando refere-se a importância de se incluir o movimento no currículo dos professores da Educação Infantil, acentua com as palavras de Kishimoto:

Crianças desenvolvem-se pelo movimento e pela ação intencional. Essa é a singularidade do bebê: suas necessidades estão vinculadas à possibilidade de mover-se conforme seus interesses de explorar, compreender, pois é o movimento, a afetividade e a ação corporal que abrem espaço para a sensorialidade, o ver, o sentir, o pegar e o cheirar (p. 14).

Pensando nos professores de Educação Infantil como continuadores do cuidado, tão necessário para a criança pequena, temos que trazer à tona a importância de um debate acerca da afetividade e de como esse toque está presente no cuidado e na educação oferecidos nos ambientes escolares. Esse afeto proporciona a interação entre o adulto e a criança, a comunicação entre os corpos, fazendo uma ponte entre o educar e o cuidar na

escola de Educação Infantil. Finalizo este capítulo com o poema de Cora Coralina, para que suas palavras possam inspirar a relação entre adultos e crianças:

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

Portanto, mostra-se essencial pensar a educação para além do que é dito, ensinado com palavras. Outras formas de linguagem entre dois seres, como o olhar, o toque, gestos, entre outras, são ações indispensáveis no processo de aprendizagem que não devem ser ignoradas. A atenção ao educar uma criança na escola, a maneira de se relacionar, ouvir e falar com ela, a troca, o contato e o espaço direcionados para a criança, todas essas ações podem e devem estar norteadas por linguagens de afeto, de respeito. A afetividade presente no trabalho do professor e da professora é o elo entre o cuidar e o educar da criança pequena na escola, pois envolve a criança como um todo.

IV – O TECER DOS RETALHOS

*No início, apenas retalhos, soltos, guardados
antigos, tempo de separar, cortar, arrumar,
E então escolho o centro: florido. Vou emendando
um a um, cozendo, os pedaços vão formando um
todo, que cresce dia após dia. Dia após dia...*

(Paula Baggio)

Segundo Rosália Duarte (2002, p. 140),

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

A autora indica que nessa viagem pessoal, nada há de novo, mas sim, *um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade*. Para isso, tomei como base para este estudo o método de pesquisa qualitativa, pois, como nos indica Godoy (1995), segundo essa perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Portanto, esta pesquisa refere-se a um estudo de caso, acompanhado de recursos etnográficos, como a entrevista, observação e registro em caderno de campo, sem deixar que eu, mesmo como pesquisadora, tenha participação em conjunto com as professoras e, assim, possa contribuir com a reflexão sobre o tema da afetividade nas escolas de Educação Infantil.

Assim, a pesquisa de campo foi fundamental para compreender o tema deste estudo a partir das pessoas nele envolvidas. Nessa relação com professoras da Educação Infantil, vou juntando os pedaços, entrevistas, vivências, relatos, questionário⁴, observação e caderno de campo, criando um mosaico, a fim de formar a imagem dessa pesquisa: mulheres que lidam com crianças pequenas em um ambiente escolar. Este capítulo buscou

⁴ Para compreender o que as professoras estavam chamando de afetividade, antes de começarmos as vivências, senti a necessidade do auxílio do questionário para organizar as concepções das professoras. Elaborei perguntas abertas para que as professoras pudessem falar sobre suas vivências pessoais e práticas com as crianças: 1) Para você, o que é afetividade? 2) Que lugar a afetividade ocupa no espaço escolar? 3) Como você promove afetividade junto às suas crianças?

relatar a trajetória percorrida e, assim, apresentar o tecido, as fitas, os laços e o nó que permitiram o tecer desta pesquisa.

Quando me refiro ao **Tecido**, quero falar sobre o lugar, o espaço, e toda dimensão que caracteriza a escola pesquisada. Com minhas observações diárias, dados estatísticos locais e imagens que as diferentes personagens tinham como ilustração da comunidade do Jardim Tóquio – bairro de periferia da cidade de Piracicaba – pretendo fazer uma reflexão sobre como essas informações interferem no dia a dia da escola.

Para enfeitar meu tecido, trago as **Fitas**. Neste tópico, apresento as professoras e, a partir de questionários e entrevistas, poderemos conhecer melhor o perfil das 22 profissionais aqui estudadas. Coloco então os belos **Laços**, ilustrando os materiais utilizados no decorrer das vivências e de toda a pesquisa dentro da escola de Educação Infantil.

Para dar um **Nó**, proponho um conjunto de vivências, divididas em três partes: *Conhecer os sujeitos e estreitar os laços, O toque e o corpo de quem educa/cuida e Afetividade na escola*. O intuito foi colocar em foco o toque, o contato pele-pele e o corpo, meu e do outro. Entrar em contato com o outro e consigo mesmo permite, também, fazer uma reflexão sobre o papel da professora e do professor que lidam com a criança.

Proporcionar um espaço para a vivência destas propostas foi o ponto de partida para o diálogo com essas profissionais; era preciso estar conectada com o toque e consigo mesmo para compreender o sentido dessa linguagem no trabalho com o outro. As vivências foram detalhadas para ilustrar o caminho percorrido pelas professoras até o cuidado, a percepção de si mesma e de seus sentimentos e emoções.

4.1. O Tecido

O lugar – que é um espaço da possibilidade de criação dos laços afetivos, de (re)conhecimento das pessoas, de percepção e construção da cultura, de percepção total e fragmentada do mundo – é também conteúdo para o desenvolvimento de reflexões sobre como educamos nossas crianças

(Cassiano Caon Amorim)

Para falar sobre um lugar, é preciso fazer parte dele ou, pelo menos, tentar. Aqui descreverei um pouco sobre o bairro e a escola para *(re)conhecimento das pessoas* e compreensão da realidade dessas famílias e, conseqüentemente, dessas crianças. Entender o meio em que elas estão inseridas ajuda no trabalho das professoras e da diretora da escola.

Amorim (2008) nos dá a percepção de lugar como *conteúdo para o desenvolvimento de reflexões sobre como educamos nossas crianças*. É com esse olhar que passearemos pelas imagens do Jardim Tóquio e da Escola Municipal de Educação Infantil “Maria de Lourdes Viccino”, certos de que a escola se constrói em um meio social, histórico e cultural, e dele faz parte.

Piracicaba, cidade na qual se situa a creche, fica no interior do estado de São Paulo, a 164 km da capital. Fundada às margens do Rio Piracicaba, sua história e cultura estão mergulhadas nos símbolos deste rio. O *lugar onde o peixe chega*, significado do nome da cidade na língua tupi, se desenvolveu rapidamente e logo se tornou um dos principais polos industriais da região, abrangendo, hoje, cerca de 360.000 habitantes.

Faz-se necessário salientar que, no campo da educação, a cidade de Piracicaba teve um papel importante dentro do movimento em prol das escolas de Educação Infantil:

Em 1978, teremos a primeira experiência brasileira da educação da criança de 0 a 6 anos sob a responsabilidade de uma Secretaria Municipal de Educação (diferente da então tradicional divisão da educação: nas creches para as crianças de 0 a 3 anos pela Secretaria da Promoção Social/Assistência Social/Desenvolvimento Social e nas pré-escolas para as crianças de 4 a 6 anos pela Secretaria da Educação) que nasce contemplando a creche, a pré-escola e também uma complementação das séries iniciais do então primeiro grau nos

Começava aí a criação de espaços pensados para a Infância, com a concepção de que creche e pré-escola era um lugar não somente do cuidar, mas também de educar. Por esse cenário de lutas pela educação das crianças pequenas, as políticas públicas para a Educação Infantil em Piracicaba procuram contemplar os direitos das crianças em suas propostas pedagógicas, apesar de ter muitas coisas ainda para serem melhoradas.

No caminho da minha casa até chegar à escola, há um tremendo contraste. Saio de um condomínio fechado, num bairro afastado do centro, com muito verde, o colorido das flores, casas grandes e ruas largas. Não se vê pessoas nas ruas, todas saem de carro. Crianças brincam no parque ou nas quadras.

Ao passar pela ponte, não muito distante dali, outra cena começa a ser pintada. Um bairro de classe baixa, com casas abandonadas e uma comunidade com barracos de madeira e papelão. Poucas árvores, poucas cores. Muito comércio, bicicletas, pessoas conversando nas esquinas e crianças brincando no meio da rua. É possível sentir o ar de liberdade: de tempo e de espaço.

Recentemente inaugurada⁵, a Escola Municipal de Educação Infantil “Maria de Lourdes Viccino” está localizada no bairro Jardim Tóquio e atende famílias de classes sociais média-baixa e baixa da cidade de Piracicaba. Com sua ampla estrutura, atende 228 crianças, em grupos estruturados por faixa etária, em períodos integral e parcial.

Esta escola me foi recomendada pela Secretaria de Educação de Piracicaba, quando entrei em contato em abril de 2011 para falar do meu projeto de pesquisa. Escolheram essa instituição por ser uma escola nova, de grande porte e com professoras recém-chegadas na rede pública. Por ser um bairro de baixa renda, com grandes índices de uso de drogas, famílias em situações de risco, acreditou-se que o projeto sobre afetividade poderia auxiliar e motivar o trabalho dessas professoras juntos às crianças pequenas.

Como colocou a diretora da escola,

⁵ A escola foi inaugurada em março de 2011.

a Escola Municipal Prof.^a “Maria de Lourdes Silva Viccino” representa a concretização de um ideal nobre e de uma comunidade que, devido à demanda, muito necessitava de mais uma instituição de Educação Infantil. Nossa história começa quando a Prefeitura de Piracicaba, ciente das dificuldades da população local, resolve construir esta obra, destinada às crianças deste bairro com idade entre 0 a 5 anos. Devido à comunidade bastante carente nos arredores desse bairro, havia necessidade de instalação de uma escola que atendesse a essas crianças, para que as mães pudessem deixar seus filhos em segurança, sendo bem alimentados e cuidados (**relato de Marina**).

Essa fala reforça a chegada da creche como luta da população, dos movimentos sociais, e conquista de seus direitos. A equipe de trabalho é composta por 37 funcionárias, 8 estagiárias e um zelador, o que acaba compondo um ambiente, quase em sua totalidade, feminino. Maria de Lourdes, conhecida como Lurdinha, foi uma educadora consciente e, em homenagem a sua trajetória na educação, dá seu nome à escola. Possuidora de grande erudição “tinha como lema o amor ao próximo e que aprender era a recompensa por respeitar a vida” (fala da diretora).

Já no meio do quarteirão, é possível avistar a escola: grande – tomando quase todo o quarteirão – e nova. As cores, amarelo e azul, ainda estavam frescas. Algumas áreas verdes e muitas cores com os brinquedos espalhados pelos solários. Pude ouvir as crianças brincando.

Entrando na escola, era como se estivesse voltando no tempo. Logo me vieram lembranças da minha escola, minhas amigas, professoras e professores. Para mim, ficou a imagem de algo bom, divertido, a escola era um lugar de brincar com os coleguinhas, pintar e desenhar, correr no pátio, ouvir música. Quando entrei, pude até lembrar o cheiro da escola. Aquele cheiro de giz de cera, de tinta guache, cheiro de tutti-frutti do pirulito, cheiro de plástico dos brinquedos.

Achei a escola pequena quando entrei, pois minha imagem da escola quando criança era de um lugar enorme, com árvores enormes, os brinquedos eram grandes, mal conseguia subir sozinha... Acho que a referência era outra! Mas logo me situei e fui conhecendo o

espaço, as merendeiras, a secretária, as professoras, as salas multiuso, os solários. A escola objeto deste estudo tem um espaço bem amplo, muitos brinquedos, salas bem arejadas e claras.

Nos espaços do berçário, berços e colchonetes distribuídos para a hora do sono. Todas as salas têm aparelhos de música, que tocam canções diversas durante as atividades propostas pelas professoras. Os brinquedos estão ao alcance das crianças, e essas podem escolher o que querem para brincar e quando querem parar. Brinquedos dentro das salas, brincadeiras fora das salas. Movimento, experimentação, interação.

Os bebês se encontram e se descobrem juntos, em uma brincadeira de balanço no cavaleiro, ou de corrida de carro com a caixa grande de guardar os brinquedos. Correm à vontade pelo solário, abraçam, dão beijo, e disputam o colo da professora. Na hora do banho, a professora propõe um banho coletivo! Deu trabalho, mas as crianças pequeninhas adoraram. As atividades são divididas entre os espaços: salas multiuso (com brinquedos), solário, banheiro, espaço aberto com gramado, refeitório e sala da turma, na qual tiram a soneca e brincam, enquanto esperam suas mães, pais ou responsáveis vir buscá-los.

Logo percebi um equívoco na estrutura da escola: o berçário fica na parte de cima do prédio, para a qual o acesso é através de uma escada enorme ou de uma rampa. Todo dia, aquele entra e sai dos pais ou responsáveis com os bebês, pessoas essas muitas vezes de idade mais avançada. E as atividades com vídeo, leitura, ou mesmo o contato com as outras crianças maiores, ficam restritos aos dias de sol, à boa vontade das professoras e à presença de monitoras.

Aproveito esse tópico para destacar que o espaço físico, a estrutura da escola, reflete muito a educação que pretende ser passada para as crianças e, nas palavras de Galardini, citado por Prado (1998) procuro evidenciar essa reflexão sobre o espaço escolar:

Um espaço e o modo como é organizado resulta sempre em ideias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança, dos adultos que o organizam; é uma poderosa mensagem do projeto educativo

concebido para aquele grupo de crianças (GALARDINI *apud* PRADO, 1998, p. 49).

Esse tema também é tratado por Ayoub (2001) ao destaca o espaço físico como um dos fatores fundamentais para a Educação Infantil.

Pensar o espaço e sua arquitetura parece-me tarefa imprescindível para a educação, tanto no âmbito da educação infantil quanto nos outros níveis de ensino. A organização do espaço configura o ambiente do contexto educativo, influenciando as relações humanas. As pessoas produzem o espaço e sua arquitetura e, ao mesmo tempo, são produzidas pelo espaço e sua arquitetura (p. 53).

Apesar da divisão no espaço físico entre berçário e pré-escola, a arquitetura da escola pesquisada possibilita a descoberta e a criação das crianças pequenas.

Descendo as escadas, chega-se a outra parte da escola, com as salas da diretora, secretaria, sala “Sonhos, Cantos e Encantos”⁶, refeitório, parque, e prédio com as salas das turmas de Maternal I e II e Jardim I e II. Tem espaço para correr, tomar sol e “cansar as energias” (como dizem as professoras) no parque; espaço para brincar de pula-pula, roda e jogos infantis; sala com aparelho de som, livros distribuídos por uma estante ao alcance das crianças, e televisão e DVD para filmes, e as salas das turmas, com mesa e cadeira, organizadas para tarefas como pinturas, recortes ou apenas um lugar para organizar as crianças.

A rotina da escola está dividida entre entrada, alimentação, parque, sono, higiene, atividades orientadas e saída. Todos os dias, as crianças vão para espaços livres, nos quais tudo (ou quase tudo) é permitido. Ainda temos brincadeiras que não são bem-vindas para algumas professoras, posturas que podem machucar as crianças e/ou causar um descontrole da turma. Mas, mesmo assim, as crianças quebram as regras e conquistam sua autonomia ao subir nas árvores, correr dentro dos prédios da escola, brincar durante o banho e criar brincadeiras à parte das atividades propostas pelas professoras.

⁶ Essa é uma sala equipada com televisão, aparelho de som, DVD e prateleiras com livros para todas as idades. É um espaço de encantamento das crianças, com propostas diferentes das atividades em sala.

4.2. As Fitas

Não sei o que é conhecer-me. Não vejo para dentro. Não acredito que eu exista por detrás de mim.

(Alberto Caeiro, Heterónimo de Fernando Pessoa)

Para apresentar as professoras, segue o Quadro 1, com dados pessoais e experiências profissionais. Os nomes presentes no quadro são fictícios e foram indicados pelas próprias professoras deste estudo.

Quadro 1 – Formação e Experiência profissional das professoras

	Idade	Escolaridade	Experiência Profissional (tempo)
Mariza	40	Pedagogia	Estagiária, Professora da Educação Fundamental e Infantil (20 anos)
Carolina	33	Magistério, Pedagogia (cursando)	Auxiliar, Professora da Educação Infantil (15 anos)
Livia	25	Pedagogia	Estagiária, primeiro ano como professora (2 anos)
Fernanda	23	Pedagogia	Primeiro ano como professora da educação infantil
Patrícia	23	Pedagogia	Auxiliar de professora e primeiro ano como professora da Educação Infantil (3 anos)
Alice	24	Pedagogia	Auxiliar de professora por 4 anos e segundo ano como professora da Educação Infantil (6 anos)
Ana Clara	45	Magistério e Pedagogia	Professora da educação infantil (20 anos)
Julia	25	Magistério, Graduação (Ciências Biológicas)	Professora da Educação Fundamental por 5 anos e primeiro ano na Educação Infantil (6 anos)
Carla	28	Pedagogia	Estagiária (Educação Infantil) por 2 anos e Professora da Educação Infantil (4 anos)
Vanessa	49	Pedagogia	13 anos como monitora e primeiro ano como professora
Camila	31	Magistério, Pedagogia, Gestão Escolar	Auxiliar de Coordenação, Auxiliar de Biblioteca, Estagiária e Professora da Educação Infantil e Fundamental (10 anos)
Lucia	43	Matemática e Pedagogia	Professora da Educação Fundamental, primeiro ano na Educação Infantil (---)
Beatriz	27	Magistério, Pedagogia	Auxiliar de professora por 2 anos e professora da Educação Infantil (4 anos)
Laura	35	Magistério, Pedagogia	Auxiliar de coordenação, secretária escolar, estagiária, professora da Educação Infantil e Fundamental (18 anos)
Taís	22	Pedagogia	Estagiária e primeiro ano como professora da Educação Infantil (2 anos)
Luiza	28	Pedagogia	-----
Raquel	42	Técnico em contabilidade e Pedagogia	Trabalhou na Delphi com contabilidade; primeiro ano como professora da Educação Infantil
Elisa	49	Pedagogia, Gestão de R.H., Especialização em	Professora de Educação infantil, fundamental, médio e superior; coordenadora e orientadora

		Adm. Escolar, Mestrado	pedagógica; diretora pedagógica; (13 anos)
Letícia	24	Magistério e Pedagogia	Estagiária e primeiro ano como professora da educação infantil (2 anos)
Joana	23	Pedagogia	Auxiliar de professora da Educação Infantil, primeiro ano como professora de educação infantil (3 anos)
Joyce	36	Magistério e Pedagogia	Professora da Educação Infantil, e coordenadora pedagógica (18 anos)
Viviam	40	Pedagogia	Estagiária do ensino fundamental, orientadora de aluno e 1º ano como professora da Educação Infantil (6 anos)

Fizeram parte da pesquisa vinte e duas professoras da Educação Infantil, com idades entre 22 e 49 anos. Apesar de não ser obrigatória a participação, todas as professoras da escola estudada fizeram questão de fazer parte da pesquisa devido à falta de trabalhos realizados nessa temática. Também foi aberta às monitoras a possibilidade de participarem das vivências, porém essas tinham outras atividades após o trabalho na escola e não puderam ficar. As professoras são responsáveis pelas turmas do Berçário (I e II), Maternal (I e II) e Jardim (I e II), com crianças de quatro meses a cinco anos e onze meses.

Como destacado anteriormente, as professoras da escola estudada são, em sua totalidade, novatas na rede pública de ensino. Porém, suas experiências são muito diferentes, começando pelo tempo de trabalho, ou mesmo pela idade das professoras. Todas as professoras possuem, no mínimo, graduação em pedagogia (obrigatório para escolas da rede pública de Piracicaba), duas possuem duas formações (Lucia e Raquel), e apenas duas possuem pós-graduação *lato sensu* e/ou *stricto sensu* (Camila e Elisa).

Podemos notar no quadro apresentado que poucas foram as professoras que procuraram, até agora, cursos e formações complementares para melhor se prepararem para o trabalho com as crianças. Duas fizeram cursos de pós-graduação, ambas em áreas de gestão escolar. Algumas relatam terem feito cursos de curta duração na área de educação infantil, fornecidos pela rede pública de Piracicaba, que auxiliam bastante as atividades desenvolvidas com as crianças. Os HTPCs⁷, junto com a diretora da escola, ampliam a visão dessas professoras para um melhor trabalho pedagógico no cuidado e na educação dessas pessoas ainda tão pequenas.

⁷ Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo.

Apesar de trabalhar com Educação Infantil, a maioria das professoras (63,6%) possui pouca ou nenhuma experiência com crianças, ou melhor, com o ensino de crianças pequenas e, por isso, traz em seus relatos muita dificuldade para lidar com a rotina de um berçário e das atividades nos Maternais (I e II) e nos Jardins (I e II).

O próximo capítulo trará as vozes das professoras em questão, a fim de escutar suas experiências pessoais e profissionais. Ao compartilhar suas histórias, procurei encontrar caminhos para uma formação que valorize as relações afetivas entre professoras e criança.

4.3. Os laços

Para cada casa construída, vários tijolos, muito cimento e distintas mãos. Nesse tópico, apresento os diferentes materiais utilizados nas e para as vivências com as professoras. A escolha de cada material foi feita de acordo com diferentes trabalhos realizados na área de Consciência e Percepção Corporal.

- Colchonete e almofada, para o conforto nas práticas de relaxamento e massagem.
- Algodão, gelatina, *marshmellow*, bexiga, mingau, apito e confetes para a vivência dos cinco sentidos.
- Óleos essenciais de lavanda e laranja doce⁸ e músicas clássicas para as vivências em grupo.
- Óleo de semente de uva para ajudar no deslizamento das mãos nas práticas de massagem.
- TV, aparelho de som, *Notebook* para apresentação de vídeos sobre o tema explorado.
- Bolas de tênis para massagem.
- Técnicas de relaxamento e de massagem.
- Bombons e papel cartão para brincadeira.

⁸ O óleo essencial de lavanda atua no emocional trazendo segurança, vitalidade, aceitação, acolhimento e equilíbrio emocional. Enquanto o óleo essencial de laranja doce atua no emocional trazendo criatividade, autoestima e positividade.

- Imagens diversas e tecidos de diferentes texturas para atividade lúdica.

4.4. O nó

Não há, hoje, caminhos pré-definidos para a condução de um estudo, não há metodologias prescritas que deem conta de levar o pesquisador ao esclarecimento das questões que o mesmo se propõe a esclarecer

(Zelia de Brito Fabri Demartini)

A proposta do projeto a ser desenvolvido na escola, inicialmente, era introduzir para as professoras a prática da *Shantala*, segundo Leboyer (1995) e, assim, trabalhar a importância do toque e da afetividade para o desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social das crianças pequenas. Mas, como Demartini (2002) nos lembra, *não há caminhos pré-definidos para a condução de um estudo*. Com o início da pesquisa de campo e o contato com a escola, outras questões foram surgindo: ao me deparar com a realidade daquela escola (recém-inaugurada, professoras de primeira viagem) percebi a necessidade de, antes da introdução dessa técnica, que trabalha massagem com bebês, trabalhar o corpo e o toque com as professoras e, assim, levantar uma discussão em torno do cuidado, do acolhimento, da afetividade dentro da escola.

A intenção era de que a auto percepção corporal pudesse abrir caminho para que elas pudessem vivenciar a importância de se trabalhar os afetos na educação de crianças, que ultrapassa os livros, as pesquisas, a formação acadêmica, mas que toca a pele e envolve as emoções e traz sentido. Só assim seria possível desenvolver, junto às crianças, um trabalho baseado na afetividade, no amor, no cuidado.

E como desenvolver a afetividade com as crianças sem antes entrar em contato com a própria afetividade? Como perceber as sensações dos outros sem nos conectarmos às nossas próprias? Como estar aberto às emoções infantis sem recuperarmos os nossos sentimentos? Como defende Jesus (2012, p. 1), “o verdadeiro conhecimento está baseado em nossas vivências, as quais nos movem por sentimentos internos experienciados de

forma numinosa”. São essas experiências que nos dão a certeza da realidade das coisas que vivenciamos em nossa dimensão física, mental, psíquica, espiritual.

Pensando nisso, foram realizadas dez vivências direcionadas que focaram o corpo, o toque e a afetividade através de práticas de massagem, jogos e brincadeiras lúdicas, vídeos educativos, além de instrumentos de sensibilização como música e imagens. Como uma linha, fomos construindo o caminho pelo qual as manifestações de afeto chegam até o outro: com um corpo que exprime e outro que interage; com um toque que doe ao ser que é tocado sua intenção afetiva.

Essas atividades foram realizadas a cada 15 dias, utilizando o espaço do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), que acontece toda terça-feira, o que nos mostra o comprometimento da diretora da escola com o projeto. Como são dois períodos de trabalho das professoras, existem dois grupos de HTPC: um pela manhã, formado pelas professoras que trabalham no período da tarde, e outro à tarde, formado pelas professoras que trabalham no período da manhã.

As vivências duravam uma hora e foram estruturadas em três temas, priorizando as relações corporais e afetivas, que possibilitaram às professoras a expressão de suas emoções, prazeres e desprazeres. São esses *Estreitando os laços*, *O corpo de quem educa/cuida* e *Afetividade na escola*. A duas primeiras vivências focavam a apresentação do projeto, dúvidas e perguntas, e também a apresentação do grupo, a formação das professoras, como se deu a escolha da profissão, a fim de conhecer os sujeitos da pesquisa e estreitar nossos laços. Na segunda fase, com as vivências dos encontros 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º, o intuito era entrar em contato com o toque, despertando esse sentido um tanto adormecido no trabalho com o outro e, com o corpo, auto percepção corporal, através de movimentos e da massagem. Por ultimo, nas vivências dos encontros 9º e 10º, trabalharam-se as emoções trazidas com as vivências e como transformar isso na relação com as crianças.

Quadro 2 - Vivências com as professoras

Encontros	Objetivo	Atividades
1º (02/08)	Conhecer o grupo	Apresentação da pesquisadora e intenção do projeto; Questionário sobre afetividade;
2º (16/08)	Integração do grupo	Apresentação do grupo: quem sou e como me “tornei” professora; Formação.
3º (30/08)	Desenvolver a percepção corporal	Brincar com uma bola imaginária. Perceber o espaço, o cheiro, a música, e seus movimentos; Conversa.
4º (13/09)	Vamos aguçar o nosso tato!	Com os olhos fechados explorar o espaço. Em duplas reconhecer expressões corporais através do tato. Conversa.
5º (27/09)	Entrar em contato com o outro	Proposta de alongamento com as professoras. Em duplas, percepção do outro, do cuidado. Conversa.
6º (11/10)	Massagem I	Massagem com bolas de tênis; Vídeo sobre corpo e movimento; Conversa.
7º (25/10)	Explorando os sentidos	Sem o auxílio da visão, através de objetos, comidas e instrumentos, trabalhar os sentidos. O que me toca? Trabalho com imagens, fotos. Conversa.
8º (08/11)	Massagem II	Massagem em duplas, vivência do toque.
9º (22/11)	Importância das emoções para o desenvolvimento	Brincadeira do envelope; conversa sobre afetividade. Vídeo sobre <i>Henri Wallon</i> .
10º (06/12)	Discussão sobre afetividade	Como trabalhar afetividade com as crianças? Onde? Porque? Trazer fotos sobre afetividade, toque, contato, no seu dia-a-dia na escola! Vídeo de <i>Shantala</i> . Conversa e encerramento

Rotineiramente, antes de começar as práticas, a proposta da vivência era colocada para as professoras, deixando-as à vontade para participarem ou não. Logo após a prática, uma roda era formada para conversar sobre o que foi vivenciado naquele dia e tudo aquilo que foi acordado, lembrado ou provocado com a prática⁹. Essa conversa era necessária para dar lugar para às emoções e sentimentos trazidos com a vivência. Meu celular e *e-mail* foram colocados à disposição das professoras caso surgissem dúvidas, receios, medos, ou caso quisessem compartilhar algum sentimento ou experiência.

As vivências foram elaboradas por mim, a partir de minhas experiências profissionais e pessoais, com a intenção de despertar esse encontro com o outro e consigo mesmo, e serão descritas a seguir.

⁹ Os relatos coletados durante as práticas estão disponíveis no Anexo III.

Primeiro tema – Estreitando os laços

1ª vivência – Conhecer o grupo

Abri nosso primeiro encontro me apresentando, contando um pouco da minha trajetória e esclarecendo a intenção do projeto dentro da escola. Também foi um espaço para tirar dúvidas e responder algumas perguntas das professoras. Nessa primeira etapa foram entregues os questionários sobre afetividade na escola, para compreender melhor o que as professoras entendiam por afetividade e como trabalhavam isso junto às crianças.

O primeiro momento é sempre estranho e confuso. Esse primeiro encontro traz o novo e, com ele, expectativas e ansiedades. E, desta vez, não foi diferente. Apresentei-me às professoras, falando das minhas vontades com esta pesquisa. Compartilhei minhas dúvidas e reflexões para começarmos, ali, uma relação amistosa. Acredito que essa relação é essencial para o andamento de qualquer pesquisa, relação essa na qual os participantes da pesquisa se envolvem com o tema ou, pelo menos, se colocam abertos para a proposta apresentada. Entre sorrisos de insegurança e risos de descontração, fomos estreitando os laços e, juntas, compreendendo melhor como seriam as vivências no decorrer dos encontros. Os questionários foram aplicados neste momento com a intenção de compreender o que as professoras identificavam como sendo afetividade e como elas traziam isso para junto de seu trabalho com as crianças. Todas as professoras participaram da vivência.

2ª vivências – Integração do grupo

Queria saber mais sobre minhas personagens de pesquisa, sobre suas escolhas em ser professora de Educação Infantil. Como foi? Quem influenciou? Há quanto tempo trabalham com crianças? E assim, uma a uma, foram me contando suas trajetórias. Como era nosso segundo encontro, e já havíamos estado juntas em outros momentos dentro da escola (observação da rotina e da relação professora/crianças), as meninas (como costumava chamá-las) já estavam mais a vontade. Sem muitas cerimônias, me falaram

sobre os desafios e dificuldades do ser *professora da criança*, algumas até falaram sobre o despreparo que sentem quando estão com a turma. Nesse instante, entendi a importância daquele momento para elas: um espaço para dividir as angústias, compartilhar experiências e pensar caminhos para melhorar o trabalho e a relação delas com os menores.

Conhecer a trajetória de cada uma das professoras aproximou o grupo. Algumas delas não conheciam as histórias das outras professoras; assim: foi importante poder falar sobre isso para, juntas, pensarmos caminhos de como aproximar professoras e crianças. Todas as professoras participaram da vivência. Após os relatos das professoras, fizemos um relaxamento.

Descrição do relaxamento: deitadas no colchonete, decúbito dorsal, em posição confortável, respirar fundo e observar somente a respiração. A partir da respiração, aos poucos, ir prestando atenção em si. Como me sinto? Cansado? Quieto? Cheio de energia? Desconfortável? Perceba os diferentes segmentos do corpo: sinta os pés, as pernas, o quadril, o abdômen, o peito, os ombros; como estão os ombros: pesados? Relaxados? Estressados? Confortáveis? O pescoço, o tronco; sente alguma tensão? Qual? A cabeça, as orelhas, a boca. E assim, percorre-se todo o corpo, trazendo a atenção para si, podendo sentir como a pessoa se encontra naquele momento. A prática durou 30 minutos. A seguir, houve conversa sobre a vivência.

Segundo tema – O corpo de quem educa/cuida

Tomando como referência o *corpo como forma de ser e estar no mundo*, trabalharemos, nas vivências a seguir, a consciência da percepção do corpo de quem educa e cuida do outro, a fim de ampliar o conhecimento sobre o seu conjunto de expressões e sobre aquilo que é revelado às crianças pelos professores da Educação Infantil.

3ª Vivência – Desenvolver a percepção corporal

Com as apresentações e o relaxamento, o próximo passo foi entrar em contato consigo através do próprio corpo. A finalidade nessa etapa das vivências resume-se a um

processo de autoconhecimento e de fornecer subsídios para que a professora cuide melhor de si e do outro.

Assim como as crianças, nesta vivência, (re)descobrimos nosso corpo, nossas sensações, sentimentos, expectativas. É importante a percepção do corpo a partir dos movimentos, com a música, com o cheiro, com a temperatura do ambiente, para ampliar essa percepção de si mesmo. Notar-me no mundo, inserida em um todo que me cerca e como parte dele.

Descrição da vivência: as professoras são distribuídas pela sala. Com movimentos soltos, brincam com uma bola imaginária. Peço que mantenham os olhos fechados. Ampliem os lugares percorridos com a bola, usem todo o espaço (em cima, embaixo, para os lados, no chão). A ideia é que explorem o espaço e o movimento. Entrem na brincadeira. Tragam a bola para perto do corpo. Usem o chão. Façam o que der vontade. Tentem fazer isso com os olhos fechados, para não ficar prestando atenção no outro, mas só em si mesmo! Esse é o propósito da vivência, trazer a percepção para si, prestando atenção em suas sensações. Todas as professoras participaram da vivência. Conversa sobre a vivência.

4ª vivência – Vamos aguçar nosso tato

Trabalhar em grupo é sempre um desafio. Cada pessoa traz suas referências, suas experiências e, cada qual no seu tempo, se compromete com as vivências e compartilha suas sensações e sentimentos com o grupo.

Descrição da vivência: explorando o espaço, sem o auxílio da visão, para aguçar o toque como linguagem. Como uma comunicação das mãos, o tato! Quando ouvir o som do chocalho, procurar uma parceira. Aquele que receber um toque terá que descobrir qual o sentimento representado pela sua parceira (sentimentos de tristeza, raiva, alegria, dúvida, etc.). Para descobrir, elas só podem usar as mãos. Terão que tatear o rosto, o corpo, para entender qual a expressão apresentada pela dupla. Conversa sobre a vivência.

A linguagem dos sentidos, na qual podemos ser todos socializados, é capaz de ampliar nossa valorização do outro e do mundo em que vivemos e de aprofundar nossa

compreensão em relação a ele. O toque é a principal dessas outras linguagens. As comunicações que transmitimos por meio do toque constituem o mais profundo meio de criar relacionamentos humanos, como fundamento na experiência. Todas as professoras participaram da vivência.

5ª Vivência – Entrar em contato com o outro

Para essa vivência, minha intenção era de aproximar as professoras. Escolhendo uma dupla, propus que fizéssemos um alongamento para interação. Ou seja, uma professora faz os movimentos de alongamento na sua parceira enquanto a outra se foca em receber o cuidado. Pernas, braços e coluna. Explorar as sensações. Perceber como é ser alongado por outra pessoa, e o cuidado que vem do outro.

Descrição da vivência: uma sentada no colchonete e a outra se coloca de joelho atrás da parceira. Quem está atrás conduz os movimentos. Elevar os braços alongando-os. Segurar os braços acima da cabeça por alguns minutos e, com cuidado, abaixá-los para relaxar. Repetir duas vezes. Depois disso, a parceira que está sentada põe as duas mãos atrás da nuca. A outra se posiciona atrás e empurra o braço para trás e, ao mesmo tempo, dá suporte para as costas da amiga, alongando o peitoral. Uma das meninas deita no colchonete. A outra levanta a perna da amiga, para alongá-la. Lembrando sempre que isso é um cuidado e agora é hora de doação, de cuidar do outro! Dobra os joelhos e apoia no chão. Cruza a perna, ainda deitada. A parceira vai empurrar, bem devagar, a perna que está no chão e alongar toda a parte de trás da perna. O mesmo com a outra perna. De lado para o corpo da parceira, cruzar o braço para um lado, perna para o outro. Usar o peso do próprio corpo para alongar a coluna. Não forçar. Ir para o outro lado e fazer o mesmo. Devagar, ir levantando o braço em direção à cabeça. Um de cada vez. Depois que os dois estiverem lá em cima, esticar puxando o braço (sem pegar no punho). Depois dar uma leve chacoalhada. Voltar o braço. Ainda com um dos braços, encaixar as mãos e fazer movimentos giratórios! Apertar um pouco as palmas das mãos. Fazer no outro braço. Finalizar com um toque leve, como um carinho, por todo o corpo da pessoa. Agora troca a posição das duplas: quem estava sentada conduz os movimentos e quem estava de joelho, agora recebe o cuidado.

Repetimos então toda a sequência. Ao final da vivência, sentamos em roda e conversamos sobre a experiência.

Uma das professoras não quis fazer a vivência. Disse que não podia por condições de saúde. Ao perceber que a atividade seria corporal, de contato, notei a postura dessa professora.

Como de costume, as professoras chegaram e sentaram em roda para começar a vivência. Entre conversas e risadas, esperaram algumas professoras que ainda não tinham chegado. Assim que expliquei a vivência, uma das professoras sentou perto da parede. Pedi que se juntassem em dupla, mas ela continuou no canto da sala. Enquanto as professoras se organizavam, me aproximei dela e perguntei se estava tudo bem. Ela me contou que não poderia participar, por questões de saúde. Explicou-me e perguntou se poderia só observar. Nesse momento percebi que a professora estava um pouco acuada com a atividade, talvez porque não se sente muito a vontade com outras pessoas em contato com seu corpo, ou ficou insegura (Anotações retiradas do Caderno de Campo).

6ª. Vivência – Massagem I

Descrição da vivência: trabalho de massagem com bola de tênis. Passear a bola pelo corpo da companheira. Sempre lembrando o cuidado com o outro. Perceber a necessidade da pessoa que está sendo massageada; o que ela está pedindo, ou o que está expressando com o toque recebido. E quem está recebendo, perceber como recebe esse toque, qual a sensação, e como percebe o seu corpo. Para finalizar, um vídeo sobre corpo e movimento na Educação Infantil, da UNIVERSP TV¹⁰. Esse vídeo mostra a importância do movimento para a criança e ainda nos dá ideias de como trabalhar esse corpo ainda tão pequeno. Conversa sobre a vivência e o vídeo.

7ª. Vivência – Explorando os sentidos

Descrição da vivência: sem o auxílio da visão, vamos explorar os sentidos do tato, audição, olfato e gustação. Várias coisas como algodão, doces, geleias, iogurte, olho de sogra, bexiga, chocalho, tecido. Como conhecer o que nos é mostrado sem usar a visão?

¹⁰ Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=X1UzQjKZVUA&feature=related>.

Como explorar o mundo sem o auxílio da visão? Depois da vivência, várias imagens espalhadas pela sala; escolher uma que chame sua atenção. Contar porque a escolha daquela imagem. As imagens despertam sentimentos: receio, desejos, sonhos, rancor. Uma a uma as imagens vão revelando as sensações do dia, da semana, propostas de vida. As imagens depois do trabalho com as sensações possibilitam aterrar um pouco a euforia que a atividade desperta na pessoa. Conversa sobre a vivência.

8ª. Vivência – Massagem II

Massagem: mãos a obra! Ou melhor, mãos nas outras! Cada uma vivencia o toque: tanto para quem faz, como quem recebe. Formem duplas. Em sequência apresentada pela pesquisadora (pé, pernas, quadril, ombros, pescoço, cabeça), usar as técnicas de massoterapia, segundo Cassar (2001). Ao final da prática sacudir as mãos, para liberar a energia. Conversa sobre a vivência.

Essa vivência não teve a participação de todas as professoras. Quatro professoras não quiseram participar e foram para outra sala para terminar algumas atividades educacionais que estavam pendentes.

Trabalhar o próprio corpo ou, ainda, trabalhar com um corpo alheio não é uma tarefa fácil. Muitas pessoas ficam constrangidas, se sentem invadidas. Outras, por não estarem acostumadas com o toque, preferem nem participar por receio da sua reação.

Terceiro tema – Afetividade na Escola

9ª. Vivência – Importância das emoções para o desenvolvimento

Durante meu período com as professoras, percebi um clima de estresse entre elas. Algumas começaram a se desentender e isso acabou atrapalhando um pouco as vivências. Resolvi, então, fazer a brincadeira do jogo dos envelopes.

Sentamos em roda e cada uma pegava um dos envelopes que estavam comigo. Dentro deles, tinha uma característica de uma pessoa e eu pedi para que entregasse o envelope para alguém que a professora achasse que tinha aquela característica. Junto com o

envelope, tinha um bombom. Pouco a pouco, elas foram encontrando umas nas outras qualidades que no dia a dia acabam esquecendo-se de destacar na relação com a outra.

Lembrei que afetividade não é só uma coisa que você constrói com as crianças. Você tem que construir essa relação afetiva no seu ambiente de trabalho e isso cria um ambiente de harmonia, o qual as crianças podem sentir. Percebi, claramente, em minhas observações que, quando ocorria um entrosamento entre as professoras, o trabalho com as crianças era outro, dava para notar a diferença nos pequenos.

Aproveitei a brincadeira para falar sobre afetividade. Depois, passei um vídeo sobre Henri Wallon¹¹, suas ideias e alguns de seus trabalhos. Wallon, médico, psicólogo e filósofo, francês, mostrou que as crianças têm também corpo e emoções no espaço escolar. Ele defendeu, ainda, que as emoções têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. A partir do vídeo pudemos compartilhar algumas concepções, visões sobre o assunto. Conversa sobre a importância do toque e da afetividade para o desenvolvimento integral da criança.

10ª. Vivência – Discussão sobre afetividade

Falando sobre afetividade. Discutir sobre a afetividade, qual o seu papel na educação de crianças pequenas, qual sua importância. Como as professoras trabalham esse assunto e quais as dificuldades que encontram no dia a dia dentro da escola. É possível passar com tranquilidade o carinho que acham que é importante para as crianças? Como as professoras enxergam isso no dia a dia na escola? Como as crianças respondem a esse cuidado, esse contato?

Para abrir essa discussão, foi pedido às professoras que tirassem fotos sobre o que elas enxergavam como sendo um momento de afetividade na escola. Fotos livres, de momentos diversos, que elas julgassem imagem que mostrassem esse afeto. Assim, pode-se ver o olhar dessas professoras sobre a afetividade com as crianças.

¹¹ Vídeo Herin Wallon parte 2, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Dm1JZChSlFk>.

Como último encontro, conversar sobre as vivências, o que foi importante, o que elas acharam. Discutir alguns assuntos que ocorreram na escola, com algumas crianças e como a afetividade auxilia nesses casos. Apresentação do vídeo sobre a técnica da Shantala¹² para ilustrar a prática como meio de encontro a partir do toque.

A fim de captar o dinamismo das turmas de bebês e crianças e as múltiplas ações das professoras, utilizei anotações no caderno de campo. Durante todo o período de pesquisa, tive encontros com a diretora da escola, com o objetivo de compartilhar minhas observações e registros e, com isso, trocarmos nossas impressões e conhecimentos.

¹² Vídeo elaborado por mim e Lara Flertchman a partir do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em abril de 2007.

V – FORMAÇÃO E SABERES: REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Levar a afetividade e a emotividade para dentro do percurso de construção do pensamento significa estar consciente não somente de que a afetividade fornece energia às operações do pensamento, mas também de que a formação da personalidade e a representação da realidade se constroem através de interconexões.

(Laura Cipollone)

Pensando na afetividade e seu lugar na escola, especificamente na educação da criança pequena, procurei compreender a complexidade e o desafio de se construir uma pedagogia que reconheça o afeto em suas propostas educativas. Aqui será dado espaço para a reflexão das professoras sobre esse assunto e como elas se sentem preparadas (ou não) para trabalhar o toque, o corpo e os afetos junto às meninas e aos meninos da escola.

Quando a sentimentalidade do amor parece totalmente fora de moda e está relegada ao espaço do efêmero; quando o amor pelas crianças, a começar pelo amor materno, não está no centro dos interesses da nossa organização social; quando a afetividade entre crianças pequenas é bem pouco observada pelos adultos, e a afetividade entre os maiores, principalmente do outro sexo, não é bem vista, não é de se admirar que os afetos, as emoções que crianças e adultos vivem nas instituições, na escola, continuem a fazer parte da experiência individual de cada um, do implícito e do informal, e não entrem no percurso formador da instituição (CIPOLLONE, 2003, p. 26-27).

Richter e Barbosa (2010) provocam ao dar o título de seu artigo: *Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche*, e abrem uma discussão acerca dos currículos das creches. As autoras relatam que:

Os bebês e as crianças pequenas, em sua condição vital de serem simultaneamente dependentes dos cuidados do adulto e independentes em seus processos interativos, no e com o mundo, rompem com a tradição de conceber e realizar o currículo como prescrição de objetivos e conteúdos a serem aprendidos (RICHTER e BARBOSA, 2010, p. 4)

As autoras defendem que um estabelecimento educacional para crianças pequenas exige pensar e praticar ações no cotidiano diferentes do modelo escolar organizado em aulas e baseado na transmissão de conteúdos.

Maturana (2002) reforça que a formação humana da criança como tarefa educacional consiste na criação das condições que guiam e apoiam a criança em seu crescimento como um ser capaz de viver no auto-respeito e no respeito pelo outro.

Trabalhar temas importantes para o desenvolvimento integral da criança é essencial para uma educação de qualidade. É necessário pensar a criança como um todo e, para isso, conhecer diferentes linguagens de aprendizagem, aprendizagem essa que deve estar preocupada com a formação do ser humano.

Para isso, será fundamental conhecer as professoras deste estudo, entendendo sua trajetória até chegarem aqui: Professoras da Educação Infantil. Em um primeiro momento, fez-se necessário entender o que as professoras estavam chamando de afetividade. Conhecendo melhor os saberes por elas apresentados, estabeleci um quadro com as associações feitas em relação à concepção de afetividade. A partir daí, foram levantadas algumas falas, gravadas durante as vivências, que costuravam o tema dos afetos com as práticas educacionais no dia a dia da escola.

Ao ouvir essas mulheres, no momento seguinte, o foco passa a ser a busca por um sentido quando o assunto é relações afetivas entre a professora e as crianças. Como as professoras veem sua relação com as crianças? Qual o papel desse afeto na Educação Infantil? E a violência presente nas atitudes de algumas crianças, como as professoras lidam com isso e como a afetividade pode interferir nessas atitudes? Essas são algumas questões que formam um fio condutor para a discussão no segundo tópico.

A partir da proposta deste trabalho, as professoras trouxeram a tona suas impressões e experiências, e levantaram possibilidades para o trabalho da professora de crianças pequenininhas. A formação docente do profissional que lida com bebês e crianças pequenas também toma parte da discussão e, em diálogo com outras pesquisas, procurei apontar

caminhos criativos possíveis para pensar a formação do/a professor/a que lida com a Educação Infantil.

5.1. As concepções de afetividade segundo as professoras da Educação Infantil

Ouvir-se falando é inteiramente diferente do que ‘pensar’ para si mesma, ou mesmo falar diante do espelho e para a própria imagem.

(Clarice Lispector)

Nos encontros quinzenais para pensar a afetividade e indicar caminhos possíveis para o trabalho com a Educação Infantil, a primeira certeza que apareceu foi a de que, para este trabalho ter andamento, era preciso ter uma definição do que estávamos entendendo por afetividade. Ao propor uma reflexão sobre afetividade na Educação Infantil, fez-se necessário saber qual era o conhecimento/vivência das professoras sobre o assunto e criar espaço para que elas pudessem *ouvir-se falando*. O que as professoras acreditam ser afetividade? Como elas lidam com isso no seu dia a dia, com a família, com os amigos, nas relações de trabalho? Que lugar ocupa a afetividade nos espaços de aprendizado?

Com o auxílio de um questionário, foi possível criar um panorama sobre as ideias que as professoras tinham acerca das relações afetivas e, com isso, ter um ponto de partida para nossas discussões durante as vivências. Acredito que foi imprescindível começar nossas conversas a partir daquilo que as personagens tinham para compartilhar de suas experiências pessoais e profissionais.

As vivências duravam uma hora e tornavam-se espaços para que as professoras pudessem se abrir e explorar seus sentimentos e emoções. Como trabalhar o emocional é uma coisa que exige atenção, percepção e, acima de tudo, entrega, cada professora foi se soltando ao seu tempo, em momentos diferentes e, às vezes, fora dos momentos das atividades propostas. E como Jesus (1992) nos aponta, “à medida que o sujeito vivencia, reflete e fala (não necessariamente nesta ordem) sobre si, enquanto e sobre o que vivencia, compreende e traduz, dando um sentido, um significado, simbolizando”.

As emoções nos levam às lembranças e às recordações, às vezes boas, às vezes ruins, do que vivemos. Em uma das atividades propostas, brincamos um pouco com o imaginário, o lúdico, tentando explorar as percepções de espaço, corpo, movimento. Aqui temos dois relatos de professoras:

Parece que, quando a gente vai crescendo vai perdendo um pouco o que é ser criança, o que é brincar com o imaginário, o que é inventar, parece que vai limitando um pouco a gente nessa questão. Porque eu vejo meus alunos, eles brincam com um pedacinho de papel que tem no chão e eles imaginam, no parque eles imaginam que um túnel é a casinha do lobo mau e pra gente a gente vai perdendo isso conforme a gente vai crescendo, se tornando adulto. **(Relato de Fernanda durante a vivência)**

Eu me senti bem, foi um momento que a gente se solta. É um momento que pude me soltar, porque você é o adulto e muitas vezes você tem que se barrar. Você tem que segurar, porque se deixar muito livre algumas coisas saem do lugar. E esse momento eu pude me soltar, aproveitar. Eu gostei bastante. **(Relato de Luiza durante a vivência)**

Podemos notar com esses relatos a distância que existe entre professora e criança. Ou melhor, distância entre a professora e ela mesma. E, ainda, o quanto o adulto vai se enrijecendo em seu processo de maturidade. Mas, como é possível um trabalho pedagógico com a criança, se não mais entendemos a maneira como esta vivencia o mundo? Com esse distanciamento entre educador/cuidador e criança, como pode haver um diálogo?

Para refletir sobre cultura infantil, Prado (1998) nos coloca sua concepção da brincadeira:

Como espaço privilegiado de emergência de novas formas de entendimento do real, elas (brincadeiras) também instauram outros espaços para o desenvolvimento. Brincando, a criança pode tornar-se algo que não é, ou melhor, que ainda não é, agir com objetos substitutivos, interagir segundo padrões não determinados pela realidade do espaço social em que vive e ultrapassar os limites colocados para sua atividade (p. 4).

A autora salienta que, apesar de poder criar espaços diferentes de desenvolvimento, as brincadeiras podem negar às crianças a possibilidade de serem por inteiro, “pois as

manifestações culturais das crianças são comprometidas em termos de estágios de desenvolvimento cultural, em que o adulto ainda se faz como modelo a ser seguido e tomado em comparação” (p. 4).

Nossas vivências abriram espaço para que as professoras lembrassem como foi ser criança, percebendo que a educação das crianças pequenas pode ser divertida e interessante quando observada a partir das brincadeiras, do lúdico, do imaginário. As propostas trabalhadas com os pequenos e as pequenas podem ser um momento de interação entre professor e criança, sem que haja essa divisão de funções, aquele que aprende e o outro que educa.

Quando passeava pelos corredores, com o intuito de observar a relação entre professoras-criança, de longe era possível ouvir as broncas, repressivas: “não pode”, “não corra”, “não bata no amigo”, “não, não, não...”. A postura de algumas professoras barrava as crianças, seus interesses. Professoras de braços cruzados, sem notar as crianças ou o que elas estavam criando. E onde estavam as meninas e os meninos pequenos? Escondidos em seus pensamentos, suas emoções, suas vontades.

É importante salientar que a escola tinha acabado de ser inaugurada (março de 2011). Assim, a instituição e todo o grupo de profissionais que ali trabalhavam estavam ainda em formação. Pouco a pouco, com as reuniões junto à diretoria e com as vivências, pude notar algumas mudanças. Surgiram algumas preocupações nas professoras em repensar sua postura em relação às crianças. Elas foram retratando suas experiências com atividades de corpo e com a relação das crianças com elas durante as vivências com muito entusiasmo. A atitude dessas poucas professoras acabou incentivando as demais e, a partir disso, foram trocando experiências e compartilhando ideias novas para desenvolverem com os pequenos e as pequenas.

As crianças estão muito mais amorosas. Fizemos a atividade com o colchão, você precisava ver. Eles adoraram! A Amanda, que geralmente fica isolada, ficou lá no meio! Adorou! Foi muito bom. (Relato da Raquel durante a vivência)

A gente levou eles para brincar no pula-pula. Vocês precisavam ver! Eles se acabaram, diz a professora, com um sorriso enorme no rosto, contente com a diversão das crianças e satisfeita com seu trabalho com as crianças! (Relato da Joana durante a vivência)

Hoje mudamos toda a rotina. Descemos para brincar no pula-pula. Eles brincaram com as crianças maiores. Tomaram banho todos juntos. Eu acho que deu certo! Foi bem legal. E agora eles estão dormindo. (professora Lucia, começando a se encontrar como professora de educação infantil).

As professoras começaram, então, a perceber que suas atitudes interferiam na maneira de ser das crianças dentro e fora da escola. Revivendo a experiência que tiveram com a pesquisa, levaram para os espaços educativos algumas práticas corporais e descobriram maneiras diferentes de estar com as crianças. Algumas professoras se encontraram na educação infantil, diminuindo angústias trazidas por elas em nosso primeiro encontro.

Portanto, pensando na afetividade e seu lugar na escola, especificamente na educação das crianças pequenininhas, procurou-se compreender a complexidade e o desafio de se pensar as relações de afeto entre os bebês e os professores e professoras. Para isso, abriu-se espaço para a reflexão das professoras sobre esse assunto, procurando saber o quanto e como se sentem capazes para trabalhar os afetos junto às meninas e aos meninos da escola.

Quando questionadas sobre o que é afetividade, elas a definem como sendo algo bom, um ato de amor, de carinho, de cuidado e atenção, podendo ser manifestada através de um beijo, de um abraço, na relação de respeito com o outro e consigo. A afetividade, segundo uma das professoras, “é a maneira que temos de demonstrar nossos sentimentos. Não conta se apenas sentimos, tem que passar isso para o outro. Só assim pode-se dizer que está sendo afetivo com alguém, fazer o outro perceber que é querido”.

A partir das respostas, organizei um quadro com as concepções de afetividade apresentada pelas professoras e, partindo desses dados, comecei a fazer uma análise sobre o que elas estavam compartilhando.

Quadro de Concepção de Afetividade

Conceitos sobre Afetividade	No. de Ocorrências
Afetividade como sinônimo de Amor	22
Afetividade como sinônimo de Carinho	15
Afetividade como sinônimo de Cuidado	11
Afetividade como sinônimo de Atenção	6
Afetividade como Saber dar Limites	2
Afetividade como Respeito ao Próximo	5
Afetividade como Ato de Doação	3

Não podemos esquecer que a afetividade envolve diferentes emoções e sentimentos, tanto o amor, a alegria, quanto a raiva, o medo, a angústia, a tristeza. E todos esses devem ser trabalhados, notados e ouvidos pelos professores e professoras. Na verdade, pensar um ambiente que reconheça a linguagem emocional e sentimental, valorizando-as no aprendizado e desenvolvimento humano das crianças. Espaços que permitam esse diálogo, essa escuta, um acolhimento da criança como um todo, no qual profissionais docentes se encontram atentos para tudo o que se passa e acontece com ela.

A afetividade também apareceu nos questionários como doação e troca, como sendo um fator essencial para o bom relacionamento com as crianças, refletindo no seu desenvolvimento. A professora Patrícia até enfatizou que “a afetividade é um instrumento valioso para aperfeiçoar o processo de aprendizagem”¹³ (frase retirada de questionário respondido em 01/08/2011). Ao mesmo tempo, algumas professoras descreveram que ser afetivo com as crianças não significa passar “a mão na cabeça”, permitindo que façam tudo o que quiserem. Afetividade está ligada, ainda, ao ato de corrigir quando necessário, ser firme nas decisões e impor limites.

Nos relatos das professoras, estava clara a importância das manifestações de afeto, do toque e do carinho para a educação das crianças pequenas. Porém, quando imersas em

¹³ Podemos perceber traços do positivismo na fala da professora ao se refere à afetividade como um instrumento, como se fosse possível separar corpo e mente, razão e emoção, etc, no processo de aprendizagem.

suas atividades na escola, todo esse discurso muda: são tantas crianças que não há tempo para dar atenção a cada uma delas; o banho é muito rápido e o toque, tantas vezes mencionado com sendo essencial, fica quase mecânico; a diferença de realidade entre professoras e crianças acaba por afastá-las, pelo medo de não saber lidar com essa dor.

Muitas crianças que frequentam a escola pesquisada são de classe econômica baixa, por isso chegam à escola muitas vezes sem tomar banho, com poucas (ou nenhuma) roupas para trocar durante o dia, algumas apresentam anemias. Essa realidade, quando contrastada com a realidade das professoras, acaba por chocar e interferir nas relações com as crianças. Essa situação não é exclusiva desta escola; na verdade, é algo bem comum em muitas escolas públicas e precisa ser cuidado pelos diretores e coordenadores para auxiliar os profissionais que lidam com as crianças.

Foi possível perceber um despreparo emocional de algumas professoras para lidar com suas impressões e receios, para trabalhar as dificuldades trazidas pelas próprias crianças ou, ainda, para administrar suas próprias emoções sobre o que acontecia dentro da escola. Isso reforça a importância de estudos como este que busca encontrar espaço na formação docente para práticas que possam dar lugar aos sentimentos e emoções destes profissionais.

Ao indagar sobre que lugar a afetividade ocupa no dia-a-dia da escola, várias situações lhes vieram à tona, como quando chegam, ao receber as crianças com um beijo e um abraço; no saber ouvir e compreender, respeitar a realidade das crianças; durante as brincadeiras, a roda, o banho; e, é claro, nos momentos individuais com a criança.

Percebe-se, nas falas das professoras, que todo lugar é lugar, e toda hora é hora para se doar carinho, para um toque acolhedor, para um abraço envolvente. É possível, assim, criar uma postura afetiva, que permita esse diálogo mais amoroso com os bebês e as crianças pequenas, aumentando o vínculo entre eles e o professor. Esse vínculo embasado no amor, no carinho e no respeito é que define o cuidar na Educação Infantil.

Ao responderem a questão de como promover esse lugar afetivo com as crianças, logo surgiram os caminhos para uma prática afetiva dentro da escola: dando um colo, um

abraço, um beijo; em uma conversa, ao compreender a realidade da criança e também apresentando outras realidades para as mesmas; em pequenas atitudes e gestos, nas palavras doces; um carinho no banho; brincando, ajudando e compreendendo as necessidades de cada um; um toque, um cafuné e olhar no olho.

E, para construir essa prática, não depende só da postura das professoras e da diretora: “é preciso dar exemplo e passar para as crianças a importância de também terem afeto com os amigos” – como escreveu a professora Julia ao responder o questionário sobre afetividade. O professor é como um espelho para a criança. Como relatado pelas professoras, é difícil passar algo que não recebemos ou, ainda, compreender a importância da afetividade para o desenvolvimento pessoal se não pararmos para pensar como a afetividade interfere em nossas próprias vidas.

Em entrevistas, para entender mais de perto a vivência afetiva das professoras, pedi que me contassem um pouco sobre como se relacionam com as pessoas mais próximas, familiares e amigos. Ao relacionar as histórias por elas compartilhadas comigo e suas posturas junto às crianças, fica explícita a linha direta entre o que recebemos e o que doamos ao outro.

Cada palavra de incentivo, cada momento de carinho lembrado com lágrimas de felicidade – como as próprias professoras me confessaram – cada sentimento de amor era repassado, ou melhor, transformado na relação que se construía com os pequenos e as pequenas dentro da escola. As manifestações de afeto estavam mais presentes no dia-a-dia das professoras que, nas entrevistas, contaram que suas relações em casa, com os pais, irmãos, marido e filhos, estavam baseadas no amor, na conversa e no respeito. Aquelas que disseram ter dificuldades em se relacionar com o outro, de mostra-se e ter confiança nas pessoas, trazem suas dificuldades para os espaços da escola, tanto com as crianças, como com as demais professoras e funcionários.

Professoras que demonstraram dificuldades de se relacionar com o outro, durante as vivências, que mostraram certa resistência em atividades propostas ou que perceberam seus receios ao trabalhar seu corpo e suas emoções, durante os meses que estivemos juntas, começaram a construir uma nova postura dentro da escola.

Tamanha foi minha surpresa ao chegar ao berçário pela manhã e ver a Lucia com uma das crianças no colo. Era a hora do soninho e a criança não queria dormir. Então a Lucia colocou a criança no colo e começou a fazer massagem nos bracinhos e nas perninhas, cantando uma música. Minha surpresa se deu pois Lucia foi uma das professoras que, no começo das nossas vivências, se mostrou muito resistente, não queria participar das atividades com massagem, com o toque. Um dia chegou a desabafar comigo, durante uma atividade com as crianças, que não se sentia muito bem com as crianças o tempo todo a pegando: “elas são muito invasivas”, disse Lucia. E muitas vezes são mesmo, não invasivas, mas verdadeiras: se querem carinho, pedem; se querem colo, sentam no colo da professora; se querem beijo, vão e beijam. Aquela imagem da professora fazendo massagem na criança me fez perceber que alguma coisa mudou na relação dessa professora com as crianças (Trecho retirado do Caderno de Campo – 20/10/2011).

Pude perceber de perto algumas mudanças, como essa apresentada no relato anterior, o que me convenceu de que a proposta pedagógica é algo que trabalhamos todos os dias. A formação continuada fortalece o papel dos professores e das professoras dentro do espaço escolar e permite compartilhar conhecimentos diversos como ferramenta para uma melhor educação.

Seria importante também que se criassem espaços para o trabalho de vivências corporais direcionadas aos professores e professoras na escola, como parte de sua formação continuada. As vivências corporais, como acentua Jesus (1992), “constituem um processo pelo qual colocamos em foco a própria existência, as experiências de vida para serem novamente vivenciadas, sentidas e percebidas em profundidade, junto a novas situações”.

Isso pode proporcionar um crescimento pessoal e, conseqüentemente, profissional aos que se permitem esse mergulho. Esses aspectos foram notórios depois que voltei à escola e vi que tudo que trabalhamos durante os seis meses de pesquisa estava vivo quando observei as professoras com os bebês e as crianças. Nossas vivências e conversas ajudaram essas professoras a repensar suas posturas perante a escola, seus pequenos e suas pequenas.

Hoje, no HTPC, falamos de você e de quão importante foi a sua colaboração para a construção do nosso Projeto Político Pedagógico deste ano, sabia? E as meninas perguntaram se você vai continuar este ano e eu adorei, pois você não sabe como valeu essa nossa parceria... Vou te confessar... sinto

muito sua falta em nossas terças-feiras... até dá uma sensação de vazio. Mas, pode ter certeza, valeu muito a pena... as modificações foram muito boas. Começamos o ano "mais leve" (Diretora Marina em mensagem enviada por e-mail em 28/02/2012).

Assim como com as professoras, senti a curiosidade de saber o que a diretora da escola pensava sobre afetividade. Em nossas conversas ela sempre demonstrava sua imagem da criança, do cuidado e mostrava, através de suas palavras acolhedoras, sua atenção com as crianças e preocupação com a formação das professoras da escola, o lugar que as emoções e os afetos ocupavam na educação das crianças pequenas. Afinal, foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, o acolhimento que ela teve comigo e com meus questionamentos.

Acredito e reforço a importância de termos a frente de um cargo de liderança nas escolas, pessoas preocupadas com as emoções e sentimentos de seus alunos e alunas, funcionários e familiares das crianças. Esse pode ser o diferencial entre uma boa e uma má educação; uma educação de qualidade.

Para fazer valer a importância desse papel tão fundamental da diretora, concluo este tópico com um texto sobre afetividade escrito por Marina:

O corpo fala quando as palavras e as emoções se calam...

Falar sobre afetividade é algo que me toca e permeia a minha vida. É difícil concretizar afetividade, mas é muito prazeroso poder sentir em seu próprio corpo a importância de sua vida pautada nessas relações do nosso eu com o mundo que nos cerca. Não concebo a ideia de que podemos construir conhecimentos sem essa energia que emana de nosso ser e que passa pelo afeto percebido e sentido pelo nosso corpo.

Às vezes, penso que minha escolha profissional veio por essa necessidade de estar oportunizando essa troca de energia humana mais tempo, é como se meu corpo se comunicasse com o mundo a minha volta de muitas formas, que meus sentidos precisassem o tempo todo desse estímulo de afeto. E parece que meu corpo e minha inteligência trabalham de forma simbiótica, que esse movimento é o que me faz viver. E eu acredito que o aprendizado de qualquer ser humano só acontece quando

os vínculos afetivos verdadeiros são estabelecidos. Por isso, ao iniciar um novo ano escolar, coloco aos meus professores que é hora de acolhimento na escola... Que eles se preocupem em receber esses alunos criando um espaço aconchegante.

É isso, aconchego e acolhimento. Estabelecer vínculos e criar espaços em que a criança possa estabelecer relações de confiança entre adulto e professora, o que não significa deixar ao acaso, significa construir regras de convivência, de respeito ao outro e ao espaço agora ocupado. É oportunizar um espaço prazeroso, que se possa transitar e explorar deixando que se construam essas relações de afeto e confiança.

A criança é um corpo pensante cheio de emoções e não apenas cabeça na sala de aula. O adulto que a cerca, também. É isso que eu acredito e tenho certeza de que o processo de construção do conhecimento não se limita apenas ao cognitivo, mas sim, pela vivência e interação entre as partes envolvidas, através da comunicação que se estabelece através de nossos atos.

5.2. A busca do sentido na voz de quem educa

Contar histórias é um exemplo especial da construção da identidade, na qual o que o indivíduo apresenta não é ele mesmo, mas uma história contendo um protagonista que também pode ser ele mesmo

(Erving Goffman)

Segundo as professoras, os primeiros meses após a entrada na Educação Infantil são sempre momentos delicados. É um período de troca entre as crianças, as famílias e os professores e professoras. Trocas, descobertas, encontros, momento de dialogar e encontrar caminhos para uma boa educação da criança que chega. Assim, educar a criança pequena é uma grande responsabilidade, e envolve expectativa das famílias, e o que elas esperam da

escola e dos professores; por isso, depende dessa parceria entre família e escola para se construir um vínculo de confiança e respeito mútuo.

Esse tópico busca apresentar as professoras da Educação da Primeira Infância¹⁴ através de suas histórias e, assim, reconhecer a *construção de suas identidades*, como nos indica Goffman (1988). Algumas questões foram levantadas pelas próprias professoras durante as vivências e, por isso, serão expostas; porém, o intuito aqui não é respondê-las, mas, sim, compartilhar suas histórias a fim de identificar um lugar comum e caminhos para a busca por sentido na relação professora/criança.

Como apontam Cintra e Albano (2010), em seu artigo intitulado *Memória e (re)criação na formação de professores: trilhando caminhos*, atualmente, as metodologias que tomam a vida do professor são trazidas como importante elemento reflexivo para pensar não apenas as práticas de formação docente, como também para a pesquisa acerca dessa formação. E é isso que pretendo fazer nesse tópico que traz as falas, obtidas através de entrevistas, das professoras, personagens principais desta pesquisa.

No decorrer das práticas corporais, algumas perguntas foram surgindo: qual será a vivência afetiva dessas professoras? Como isso pode interferir na relação entre professor e criança? Será que elas percebem o quanto suas vivências afetivas interferem em seu trabalho com as crianças? Com essas indagações e em conversas com meu orientador, resolvi entrevistar algumas professoras e olhar mais de perto esses assuntos. Ao saber das minhas intenções em entrevistá-las, as professoras, voluntariamente compartilharam suas histórias. Não houve um critério na escolha das professoras, foram ouvidas aquelas que se voluntariaram.

Portanto, em conversa com seis professoras, responsáveis por diferentes salas na Educação Infantil, indaguei a questão: ao falar em afetividade, será que a relação entre o quanto você consegue doar em sala com as crianças tem a ver com a relação que você tem com a afetividade no seu dia a dia?

¹⁴ Utilizo o termo primeira infância para designar as crianças de 0 a 6 anos, segundo FARIA, PRADO, FINCO, ROCHA.

Sim. Com certeza! Eu desenvolvo isso com elas. É natural. Eu preciso e eu vejo que faz bem o abraço. **(Laura, em entrevista dia 13/10/2011)**

Segundo Maturana (1998), “o educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência” (p. 29). Esse convívio possibilita a construção de laços e vínculos que vão auxiliar no desenvolvimento integral da criança.

Com os pequeninhos, eu acho que faz parte, então fico toda hora beijando, abraçando, falando que eles estão lindos. Eu gosto disso. Acho que eles já ficam tão longe da mãe deles que nessa fase precisaria tanto. Eu também penso na minha pequena. O que eu gostaria que fizessem com ela (filha), eu tento com meus bebês. Sei como é deixar um filho pequeno na escolinha. Você fica com o coração na mão. **(Julia, em entrevista dia 15/10/2011)**

Eu ainda estou aprendendo a ser professora. Eu tenho experiência mesmo como auxiliar de educação, então eu cuidava mais das crianças. Mais de perto. Aqui não é tanto, aqui a gente é professora. Acaba distanciando um pouco. Mas mesmo na hora que chega, eu dou beijo, mas se eu estou de mau humor, não dou beijo. Ai eu estou chata, entendeu? Aí é uma coisa que eu não posso. Eu tenho que ser simpática sempre! (risos) Tem que receber as crianças bem. Aí eu falo só bom dia. **(Beatriz, em entrevista dia 13/10/2011)**

Algumas professoras aprendem seu ofício junto com a criança. Ambas estão se descobrindo e, nessa interação, trocam e compartilham experiências. É importante se preparar para essas descobertas, pois a rotina dentro da escola acaba sendo um espaço para refletir o papel docente e, com isso, pensar a melhor maneira de estar com as crianças pequenas.

A fala de uma das professoras me chamou a atenção durante a entrevista. Percebi, em seu relato, que a professora sentia (ou fazia) diferença em relação às meninas e aos meninos quanto à afetividade. Pesquisas na área da Educação Infantil procuram fazer uma

reflexão acerca do tema das relações de gêneros. Percebe-se, muitas vezes, que as professoras, em suas relações com as meninas e os meninos pequenos, acabam recriando um ambiente com valores de uma sociedade machista.

Pude notar a postura de algumas professoras em relação às brincadeiras de meninas e as brincadeiras de meninos. “*É feio menina comer de boca aberta!*”, “*Isso é coisa de menino, não de uma menina bonita como você*”, “*Você vai brincar de boneca? Vai correr com os meninos!*”. Essas foram algumas falas que registrei no caderno de campo. As relações de gênero foram o tema do artigo publicado por Finco (2003), intitulado *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil*. Nele, a autora buscou refletir sobre a troca de papéis sexuais nas brincadeiras, fazendo uma discussão sobre os brinquedos considerados “certos” e “errados” para cada sexo e aponta:

Considera-se que as relações das crianças na educação infantil apresentam-se como forma de introdução de meninos e meninas na vida social, quando passam a conhecer e aprender seus sistemas de regras e valores, interagindo e participando nas construções sociais. Porém, ao observar as relações entre as crianças, foi possível levantar a hipótese de que os estereótipos dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos, mas ainda não conseguiram contaminar totalmente a cultura da criança (FINCO, 2003, p. 95).

Meu intuito aqui não é fazer uma discussão sobre as relações de gênero, mas trazer os temas apresentados pelas professoras para compreender sua relação com as crianças pequenas, meninos e meninas. A partir das minhas observações, reparei que, nas relações afetivas, o gênero da criança acaba fazendo diferença para algumas professoras. Pode-se ser carinhosa com as meninas, mas, com os meninos, nem sempre. No caso dos bebês, isso não se aplica: as professoras são afetivas com todos, sem distinção.

Segundo Cipollone (2003),

Nos centros de educação infantil, locais de uma pedagogia da relação e da integração, pode-se supor uma maior sensibilidade do adulto às expressões de prazer, bem-estar, mal-estar das crianças, em comparação com outros níveis de escolaridade. Mas, quando se examina quais percursos implícitos de educação para a afetividade são determinados nesses contextos educacionais, observam-se consistentes diferenciações baseadas no sexo, tanto no comportamento dos adultos como no das crianças (p. 27).

A autora aponta, a partir de alguns estudos, que as meninas, desde muito pequenas, desenvolvem, mais do que os meninos, as suas capacidades de interação, mostrando uma maior capacidade de contato social.

Em nossa última vivência, quando falávamos de afetividade na escola, trouxe à tona a questão das relações de gênero. Perguntei como se dava a relação afetiva com os meninos e as meninas. Sentiam diferença? Criou-se, assim, a possibilidade de pensar sobre o tema. Muitas professoras nem percebiam a diferença, mas, durante sua fala, se deram conta:

Os meninos não gostam de beijo. Se eles procuram por carinho trato da mesma maneira, mas eles não procuram muito, eu também não. As meninas, não. Às vezes eu estou sentada e elas vem: *Ah, posso mexer no seu cabelo?* Ai, os meninos as veem mexendo no meu cabelo e tem uns que querem também. (Beatriz, em entrevista dia 13/10/2011)

É, dá pra ver essa diferença. Mas eles também vem, deitam no colo, abraçam, pedem carinho, mexem na orelha da gente, mexem no cabelo, ou às vezes você fala assim "Vem dar um abraço" daí eles vem, abrem os braços e dão um abraço. E, às vezes, a gente também precisa de um abraço. Às vezes tem dia que a gente não tá bem com a gente mesmo e receber esse carinho é muito bom. (Carolina, em entrevista dia 20/10/2011)

Entre a importância da afetividade para a criança e a necessidade que todos temos de sermos amados e confortados, a professora Carolina encontrou sua forma de lidar com essa diferenciação. Com um grande abraço, os meninos conseguem conquistar seu lugar de carinho com as professoras.

Um assunto que foi pontuado por três professoras foi relativo às atitudes violentas das crianças. E, ainda, a dificuldade de lidar com isso. A falta de preparo, o desconforto, a insegurança e o receio por não saber como ajudar.

O que percebo, falando de afetividade, é que eles são muito violentos. Não acredito no que vejo. O [a influência do] meio poder ser uma hipótese [para justificar a agressividade], mas não posso fazer uma afirmação. (Elisa, em entrevista dia 18/10/2011)

Pigatto (2010) traz uma reflexão sobre as ações docentes diante da violência estudantil no contexto atual e destaca o papel do professor na resolução dos conflitos, destacando a importância de uma *Educação para a Paz*:

Entendemos que os professores, diante de situações de conflitos entre os educandos, necessitam manter a calma a fim de evitar a impulsividade. Através de uma relação afetiva e amigável, em que prevaleçam o respeito, a confiança mútua, o diálogo e a sinceridade, é possível desenvolver situações de ensino-aprendizagem significativas e próximas da vida dos estudantes (p. 306).

A preocupação com a violência de alguns alunos não surgiu somente nas falas das professoras durante as entrevistas. Nas reuniões de HTPC que pude acompanhar, ou mesmo durante meus registros no caderno de campo, temas como a violência e agressividade também foram abordados pela diretora, pelas professoras e até pelos funcionários da escola.

Hoje o clima está um pouco tenso. Uma das crianças mordeu e bateu em um coleguinha de classe. Sem conseguir lidar com a situação, outras crianças começaram a chorar e a gritar, houve um tumulto e a professora pediu que a monitora chamasse a diretora para tentar resolver a situação. Pude notar a insegurança e o despreparo da professora. Ela não sabia o que fazer, não sabia como agir: tentou conter um dos meninos, mas ele a estava machucando com chutes. A merendeira veio tentar ajudar: *Esse menino não tem jeito, tem ódio no coração!* (Trecho retirado das anotações do caderno de campo – 12/09/2011).

Conseguimos que essa menina ficasse na sala. Mas ela já subiu na porta, queria pular o portão, ela chorava, ela era uma menina judiada. Ela é, ela tem uma cara de judiada. Só que ela tem uma cara de maldade... não sei se posso falar isso de uma criança. (Relato de Laura durante entrevista dia 13/10/2011)

Embasadas nas teorias de Henri Wallon, Mahoney e Almeida (2005), comentam a dimensão da afetividade em situações conflitivas, mostrando que os afetos são aprendidos e recíprocos quando incluídos na postura do professor.

Como a emoção é contagiosa, o comportamento do aluno interfere na dinâmica da classe e no professor. O professor, como adulto mais experiente, centrado em si e no outro, de forma equilibrada, com maiores recursos para controle das emoções e sentimentos, pode colaborar para a resolução dos conflitos, não

esquecendo que o conflito faz parte do processo ensino-aprendizagem, pois é constitutivo das relações (p. 25).

Para Elisa, esse caminho dos afetos é algo certo quando o assunto é a criança pequena.

Aos menores a gente parece que quer proteger mais. Pelo meu olhar eu vejo que a criança precisa se sentir amada. Se você se sentir amada o resto tudo vai acontecer. (Elisa, em entrevista dia 18/10/2011)

As professoras, em suas falas, ilustram bem essa *emoção contagiosa*, apresentando situações que tiveram que driblar com crianças tidas como “problemas”. Em ambos os casos citados a seguir, pode-se notar a resposta das crianças em relação à postura carinhosa e cuidadosa das professoras e como isso ajudou na construção do vínculo entre professora/criança.

Ela melhorou muito. Ela precisa muito! Mas eu vejo o caso da pequena. Eu cheguei aqui e a professora que estava aqui não aguentou. Ela chorava. Mas eu vou falar a verdade: eu encontrei uma menina cheirando ruim, machucada e ela sempre chorava. Eu ficava com as chaves das duas portas. Ela (criança) queria avançar em mim, dar em mim (bater). Ela estava com a mão machucada porque ela socava a porta. Falavam que ela tinha surtos, mas pra mim aquilo era outro sentimento. Ela pegava a cadeira e queria jogar em mim, mordida, batia, aí eu ia com carinho, com muito amor. Ela não deixava chegar perto, então fui chegando devagar, porque às vezes assusta. Então, com isso fui conquistando a pequena. (Laura, em entrevista dia 13/10/2011)

Ele é sempre agressivo. Não tem carinho. Você percebe que na casa dele não tem um contato de amor, só na pancada. Com as outras crianças é só na pancada, ele está brincando de repente ele bate. Aí se eu quero carinho, quando ele está chato comigo, não tem como dá carinho pra ele. Aí é uma coisa que eu não posso, teria que ser sempre... mas eu chamo, abraço, dou carinho, beijo. Mas infelizmente eu tenho que ser mais dura com ele do que com as outras. Com ele tem que ser toda hora pegando no pé. (Beatriz, em entrevista dia 13/10/2011)

Sem que fosse perguntado, uma das professoras me contou um episódio que acredito ser de extrema importância para essa discussão. É um fato que, infelizmente, não é algo isolado, acontece nas mais diferentes escolas públicas e privadas.

Você precisa ter amor. A Laura tem isso aí porque ela tem, eu vejo isso. Eu que cuidava dela (se referindo à garota Vitória), eu que continha ela, sempre colocava ela de costa pra mim e colocava ela no meio da minha perna. Sempre eu fazia isso com ela, sempre com alguém presente, porque ela gritava, então tinha que ter alguém olhando. Você sabe que você tem que tomar todos esses cuidados porque pra você ser denunciado são dois minutos! Tem que ter segurança. Teve um dia que eu estava lá e ela estava aqui. Ela arrumou uma discussão com o pai dela e ele pegou a mochila assim pra tacar na cara dela, eu sei que eu corri e disse não faça isso, por favor, não faça isso! “Então essa filha da p... vai ficar aqui” (pai da criança) aí eu disse, vem Vitória você vai ficar aqui que seu pai não quer que você vá. “vai tomar no..., sua biscate, sua lazarenta” pra mim. O que, você vai ficar aqui sim. Ela fez até xixi em mim. Medo né! Daí eu disse, você fez xixi em mim, e agora, eu vou ficar pelada... Daí ela riu! Levei ela pra tomar banho, e dei um banho de meia hora. Aí ela acalmou. Porque o banho acalma. (Elisa, em entrevista dia 18/10/2012)

Resolvi trazer essa fala não para análise ou para dimensionar a violência na escola, mas para que possamos pensar em como lidar com situações como essa no dia a dia dentro da escola. Refletir sobre como trabalhar isso com as/os professoras/es, como prepara-lo para acolher esse corpo infantil que traz tantas emoções contidas em suas falas, gestos e movimentos, que pode ser por muitas vezes agressivos. Acredito que espaços para pensar a afetividade, trabalhar a consciência e percepção corporal, de maneira a dar espaço para as emoções e sentimentos trazidos pelos profissionais docentes pode ser um caminho para trabalhar alguns conflitos presentes na realidade das escolas.

Educar hoje é difícil. O conhecimento acadêmico nós temos. O que nós temos que ter é sabedoria de conduzir esse processo que se perdeu totalmente o respeito. E a escola acha que ela é capaz de lidar com isso, ela não vai dar conta. (Elisa, em entrevista dia 18/10/2011)

5.3. Garotinha amada: propostas para a Formação Continuada de Professores da Educação Infantil

Porque ver é permitido, mas sentir já é perigoso.
(Caio Fernando Abreu)

A educação da criança de zero a seis anos vem sendo construída no Brasil com a contribuição de pesquisas das mais diversas áreas das ciências humanas, da saúde e das ciências sociais. Ao voltar nosso olhar para a criança, percebe-se o quanto é importante o diálogo entre diferentes áreas para se pensar como fazer uma pedagogia da infância que reconheça essa menor idade em sua totalidade, um ser biológico, afetivo, social, cultural e histórico.

Ao refletir sobre a educação para essas infâncias, percebemos o quanto essa instituição chamada escola se molda a partir da imagem de criança que foi sendo construída através dos tempos. Trabalhar com a criança pequena, que ainda não fala ou escreve, nos leva a mergulhar no mundo dos sentidos e das emoções. É preciso estar atento aos sinais, representações, expressões da infância, tentar enxergar além do que nos é comum e permitir outras linguagens para compreender essa realidade. É preciso nos abrir para o que é *perigoso*, e nos deixar contagiar pelo que *nos toque* mais do que pelo *que vemos*.

Para isso, priorizar a Formação Docente dos profissionais responsáveis pela Educação Infantil se faz tão importante. Cabe salientar que o intuito desse estudo não é analisar os domínios dos currículos de formação, mas, sim, identificar caminhos que, assim como este estudo, possam contribuir com a construção da formação docente de professores da pequena infância.

As professoras que fizeram o magistério e/ou a pedagogia, discutiram muito pouco sobre a educação das crianças de 0 a 6 anos. Aprenderam nos cursos de formação de professores como ensinar os conteúdos nos anos iniciais do ensino fundamental. A instituição de educação infantil é diferente da escola, tem uma proposta de educação não escolar e requer, da professora da educação infantil, conhecimentos específicos. O

compromisso primeiro da educação infantil é com a criança, com a infância, onde o brincar, o lúdico, a fantasia, a arte e a imaginação têm papel principal (FARIA, 2005).

Nesta perspectiva, cabe à educação infantil, como espaço de aprendizagem – individual e coletiva – trabalhar com a diversidade do conhecimento em suas várias linguagens, como a linguagem escrita, a linguagem matemática, a linguagem geográfica, a linguagem artística, a linguagem afetiva e a linguagem corporal, todas igualmente importantes para a leitura da realidade enquanto totalidade, além de se configurar como parte do cotidiano da criança, que se apropria das mesmas como forma de expressão.

Rocha (2001) salienta que

É fato que permanece o problema relativo aos conhecimentos específicos. Se não do ponto de vista do ensino, pois não é objetivo da Educação Infantil ensinar conteúdos, o problema se coloca pelo menos do ponto de vista da formação dos professores de creche e pré-escola, pois a se considerar a multiplicidade de aspectos, saberes e experiências exigidos pela criança, coloca-se em questão quais domínios necessariamente devem fazer parte da formação do professor neste âmbito (p. 31).

Não é apenas a possibilidade do espaço de interação social que permite o encontro do profissional com o papel de professor da educação infantil. É necessário pensar o papel do educador, sem deixar de lado suas vivências afetivas e experiências profissionais.

Ao concluir seu artigo sobre memória e criação na formação de professores, Cintra e Albano (2010) falam da importância de rememorar histórias de vida e do registro das experiências de formação:

Prática ainda pouco considerada na formação de professores e que pode possibilitar “outros modos de conhecer, qualificando sensibilidade, sentimento e intuição” (Ostetto). Modos de conhecer que possam se unir aos já existentes, agindo na integração das polaridades pensamento e sentimento (p. 110).

No primeiro encontro, foi perguntado às professoras por que escolheram essa profissão. Nas respostas, a vontade de ser professora parecia certa! Foram contando casos de vida que mostravam que ser professora foi uma escolha pessoal, como quando, ainda pequenas, brincavam de escolinha dando aulas para as avós. Ser professora também era um sonho que, com o tempo, foi se concretizando: “Quando eu crescer, eu quero ser professora.

E consegui”. Ou ainda, o amor pelas crianças, que acabou trilhando o caminho de algumas professoras para a escolha dessa profissão.

Porém, algumas dessas mulheres contaram sobre a intenção de fazer outro curso, mas, por falta de condições ou oportunidade, escolheram a pedagogia. Queriam ser dentistas, ou jornalistas, mas pedagogia foi o que apareceu e deu certo! E ainda houve as que confessaram terem sido empurradas¹⁵ para a pedagogia pelos pais ou familiares, porém admitem que hoje adoram o que fazem e não se veem fazendo outra coisa.

A segurança de terem feito a escolha certa não diminuiu a surpresa no encontro com as crianças. Experientes ou novatas, as professoras, em sua maioria, relatam ter dificuldade em trabalhar na educação infantil. Trazem a discussão sobre o que seria realmente ser professora de crianças tão pequenas e de bebês. Essa reflexão exige um olhar diferente daquele ao qual estamos acostumados na escola: das salas de aula, das tarefas e das disciplinas. Na preocupação em atender às necessidades físicas, como alimentação, banho, trocas de fralda e sono, as professoras sentem-se perdidas quanto ao que seriam as atividades educacionais.

Os encontros de terça-feira de HTPC, horário obrigatório no plano de trabalho das professoras e professores das escolas municipais de Piracicaba, são espaços para construir vínculos, pensar a Educação Infantil e proporcionar uma formação continuada. Temas como música, corpo e arte, são abordados mensalmente para auxiliar e direcionar o trabalho pedagógico das professoras junta às crianças. É importante salientar que a formação continuada pode ser dada de diversas maneiras, a fim de proporcionar experiências, trocas de informações, conhecimentos e vivências para o crescimento profissional e pessoal de todo o grupo.

Ao pontuar a especificidade da educação infantil, Rocha (2001) diz que:

a dimensão que os conhecimentos assumem na educação das crianças pequenas coloca-se numa relação extremamente vinculada aos processos gerais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o

¹⁵ Empurradas como forma de uma ação involuntária. A escolha se deu, na verdade, por outra pessoa que não ela mesma.

brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário, ou seja... as suas *sem linguagens*. Assim, uma pedagogia em construção que tem como seu objeto e destinatário privilegiado a criança (p. 31).

Essa pedagogia em construção desafia os professores e professoras que ainda são formados nos padrões do professor que ensina em salas de aula. Através da formação continuada, é possível despertar nesses professores a criança como foco de sua prática pedagógica e, assim, observar que a educação infantil tem como objeto central seres humanos em diferentes contextos sociais e culturais, que compreendem o mundo através de *suas sem linguagens*. Mas não posso deixar de salientar que a formação continuada não deve ser um lugar para compensar os espaços e os vazios trazidos de uma má formação, ou de uma formação *que deixa a desejar*.

Em 2006, Haddad publicou uma pesquisa realizada no âmbito da OCDE e da Unesco, em 2001, sobre o desenvolvimento e implementação de serviços integrados ou coordenados de educação e cuidado infantil. Nela, ela defende que a formação de quem cuida das crianças pequenas e as educa não pode ser aquela que visa apenas ao acúmulo de informações (HADDAD, 2006).

Além de um conhecimento profundo de pedagogia e psicologia infantil, de sociologia da infância e de cultura da criança, associado à grande dose de experiência prática, a formação inicial deve incluir a educação do corpo, dos sentimentos, das emoções, da fala, da arte, do canto, do conto e do encanto. A educação da criança pequena exige um olhar diferente daquele dado ao ensino fundamental e ensino médio. É o diálogo direto entre o cuidar e educar, entre o lúdico e o real, entre o absurdo e o razão. Como Haddad mesma diz: “uma educação fragmentada não produz eco na alma de uma criança” (HADDAD, 2006, p. 540).

Em nossos encontros, as professoras contaram sobre a dificuldade de trabalhar com as crianças, que *elas não obedecem*; que achavam que seria mais tranquilo e, quando se depararam com o dia-a-dia na escola de Educação Infantil, levaram um susto: *é muito difícil!* E aí, começam as questões: o que é ser professor da Educação Infantil? O que espero do meu trabalho? Como trabalhar com bebês já que eles não falam ainda?

É meu primeiro ano na rede, sempre fui estagiária. Então a responsabilidade aumentou mais, aumenta tudo, trabalho. Então tá sendo difícil pra mim, estou tendo dificuldades, mas vamos levando. **(Relato de Livia durante a vivência)**

Desde 2005 que dou aula, mas minha experiência maior é no ensino fundamental e ensino médio, então, minha filha, o infantil tá sendo um desafio e logo de cara pegar o berçário deu um (se move querendo dizer “chocalhão”), né! **(Relato de Julia durante a vivência)**

Nunca trabalhei com os pequeninhos, é meu primeiro ano e pra mim tá sendo um desafio trabalhar. Me sinto ainda muito perdida com os pequenos. E eu acho que assim eu sinto que eu deixo muito a desejar, não consigo me interagir ali com os pequenos. Então eu tenho que aprender muito para tá um pouquinho melhor com eles. **(Relato de Lucia durante a vivência)**

Essas narrativas nos remetem a alguns problemas apresentados pelas professoras em nossas conversas: a falta de experiência com crianças, a dificuldade de lidar com a burocracia do ensino público e, ainda, a insegurança profissional.

Arce (2001) mostra que muitas questões já aparecem mesmo antes dos profissionais chegarem à sala de aula. Quando perguntava aos seus alunos de graduação sobre o que pensavam sobre o profissional que deve trabalhar com as crianças menores de seis anos, estes respondiam, em sua maioria, que deveria ser mulher e que não necessitava de muita formação. Traziam ainda palavras como “jeitinho” e “gostar” como características fundamentais para esses profissionais – o mito da educadora nata, como a própria autora apresenta no título de seu texto.

Muitas dúvidas e inseguranças aparecem no dia-a-dia dessas professoras. Algumas eram explícitas e vinham à tona com algumas perguntas ou diretamente no pedido de ajuda junto à diretora. É possível perceber a dificuldade em quebrar a antiga instituição assistencialista, que antes só estava responsável pela higiene e alimentação dessas crianças. “As pessoas pensam que é fácil trabalhar com criança! É só brincar... Você não faz nada” – desabafo da Ana Clara durante a vivência.

Hoje, mesmo com pouco tempo de trabalho na Educação Infantil, as professoras percebem a necessidade de maior experiência na área da educação para conseguir desempenhar um trabalho mais amplo e completo com os pequenos e as pequenas. Pedem suporte, teórico e prático, para organizar as atividades e os espaços junto com as crianças. Algumas professoras, porém, rompem com essa insegurança e proporcionam espaços de criação para os bebês como, araras com fantasias, atividades com espelho, brincadeiras com água, teatro e espaços de pintura e desenho livres.

É preciso proporcionar momentos para que a criança possa extravasar, instrumentos para que ela possa lidar com sua raiva, medo, angústias. No decorrer das vivências, trabalhei com as professoras diferentes atividades que poderiam ser utilizadas junto com as crianças como meio de extravasar e elaborar as emoções e sentimentos. Atividades com tecidos, imagens, música. Momentos de relaxamento, brincadeiras com colchonete, bolas, chocalhos. Atividades lúdicas, imaginativas.

Lombardi (2010), em sua tese de doutorado, se propõe a pensar a formação corporal de professores de bebês a partir da Pedagogia do Teatro. Ao questionar as concepções que os profissionais têm de sua própria corporeidade, sugere que isso pode dificultar a compreensão da fala corporal dos bebês. Com base na teoria walloniana, que aponta como eixos principais do processo de desenvolvimento a integração do organismo com o meio e a integração afetiva-cognitiva e motora, a autora destaca que

Ao tratar separadamente do aspecto motor, são abordadas a possibilidade de deslocamento do corpo no tempo e no espaço, as reações posturais que garantem o equilíbrio corporal e o apoio tônico para as emoções e sentimentos poderem se expressar. Ao trabalharmos essas noções no processo de formação por meio de fazeres de corpo e movimento, as profissionais referendam seus valores sobre a criança pequena, sua educação e o envolvimento da corporeidade no processo educativo (LOMBARDI, 2010, p. 180).

O discurso oficial sugere aos formadores dos professores a inclusão, nos programas de formação, de uma série de competências que ultrapassam a transmissão de um saber codificado numa disciplina. Dentre outras, assegura o desenvolvimento da competência afetiva na relação educativa. No entanto, na prática dos professores e nos currículos dos

cursos de formação, em diversas universidades brasileiras, as relações afetivas ainda não encontraram um lugar de equilíbrio no que concerne à dimensão cognitiva (RIBEIRO e JUTRAS, 2006, p. 40).

Após pesquisar a dimensão afetiva na relação educativa, Ribeiro (2010) mostra que o desenvolvimento profissional contínuo dos futuros professores e a apropriação de competências dependem, em grande parte, da organização dos programas de formação dos professores. Destaca ainda que, nos documentos curriculares analisados, não constatarem em nenhuma parte uma organização de programa que dê verdadeiramente conta dessa competência. Nenhum desses documentos explicita a importância e o papel da dimensão afetiva na aprendizagem e na motivação dos formandos.

Pensando nos professores de Educação Infantil como continuadores desse cuidado, tão necessário para a criança pequena, penso que é necessário trazer à tona a importância da afetividade e de como essa está presente no cuidado e atenção oferecidos nos ambientes escolares. E quais os valores agregados a uma educação baseada no afeto. Como o toque ressoa no desenvolvimento da criança?

A partir das ideias de Maturana e Varela, podemos dizer que a aprendizagem envolve a coordenação de corpo e mente, e não somente a representação mental do mundo. Aprendizagem não é repetição mecânica, mas atividade criadora, que envolve o acoplamento do organismo com o meio. Na escola, é importante focalizar quais as experiências sensoriais, afetivas e relacionais das crianças, tendo em vista percebermos quais mundos criam e como são constituídas como sujeito. A experiência produz o conhecimento e produz a própria criança, como exploradora, criadora, confiante em si, ou submissa, passiva, expectadora da ação do outro (GUIMARÃES, 2008, p. 27).

Cesariana (2002), ao fazer uma reflexão sobre o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no contexto das políticas públicas do governo Fernando Henrique Cardoso, elucida a maior vontade e, ainda, um desafio enquanto políticas públicas, quando se tratando da Educação Infantil:

O que reivindicamos é o espaço para a vida, para a vivência das emoções e dos afetos – alegrias e tristezas –, para as relações entre coetâneos e não-coetâneos, para os conflitos, confrontos e encontros, para a ampliação do repertório vivencial e cultural das crianças a partir de um compromisso dos adultos que se responsabilizam por organizar o estar das crianças em instituições educativas que lhes permitam construir sentimentos de respeito, troca, compreensão, alegria, apoio, dignidade, amor, confiança, solidariedade, entre tantos outros. Que lhes garantam acreditar em si mesmos e no seu direito de viver de forma digna e prazerosa (p. 340-341).

Considerando, assim, que as crianças compreendem e apreendem o mundo com a linguagem corporal, e que o professor, tão imerso no mundo da fala e da escrita, já não se encontra tão atento às expressões do corpo, é preciso trazer essa consciência ao professor, permitindo observar mais de perto, não só os gestos e expressões do seu corpo, como, também, do corpo de suas crianças e de seus alunos. Pois, como já dizia Lowen, citado pelas autoras Márcia Moyzés e Maria Mota (2000), “apenas na medida em que se percebe o próprio corpo, pode-se perceber os outros, e só quando se percebe a si mesmo como uma pessoa pode-se sentir uma outra” (p. 4).

O processo ensino-aprendizagem é o recurso fundamental do professor: sua compreensão, e o papel da afetividade nesse processo são elementos importantes para aumentar a sua eficácia, bem como para a elaboração de programas de formação de professores (MAHONEY&ALMEIDA, 2005, p. 12).

Portanto, podemos pensar na formação que permita o contato com o toque e com o corpo, como uma linguagem essencial para a construção do saber e a construção de si. Surge, assim, a importância de espaços e atividades que permitam experiências afetivas aos professores e professoras, para que, dessa forma, seja possível que esses profissionais encontrem caminhos para vivenciar isso junto aos bebês e às crianças. É necessário, ainda, que professores/as, diretores/as, coordenadores/as, gestores e os diversos profissionais responsáveis pela educação das crianças pequenas dialoguem sobre essa temática, para que juntos possam construir uma escola que valorize as emoções, os sentimentos e as sensações como sendo parte do educar/cuidar.

VI – QUANDO OS SAPATOS JÁ NÃO APERTAM MAIS

Sabe quando calçamos um sapato novo e temos aquela impressão de que ainda não pegou a forma do nosso pé? Temos a sensação de que está um pouco apertado, incomodando, mas, ao mesmo tempo, não o tiramos dos pés porque gostamos do sapato novo. Essa também pode ser a sensação de quem, pela primeira vez, depois de muitos anos, recebe o primeiro carinho no rosto, é acolhido em um colo aconchegante, ganha o primeiro beijo ou é surpreendido pelo amor.

Talvez seja um pouco estranho comparar sapatos com afetividade, mas foi o que me surgiu quando comecei a refletir sobre o caso da garotinha Vitória. Como entender como a Vitória se sentiu quando chegou à escola e foi recebida pelas professoras com cuidado e carinho? Porque ela fugia, batia, chorava e se irritava? O que ela estava nos contando com todos esses gestos, movimentos e linguagens? Comecei então a tentar entender a sensação da Vitória através de algumas metáforas.

Então pensei nos sapatos. Lembrei que nem sempre compramos sapatos que acolhem os pés. Em um primeiro momento os sapatos podem não ser confortáveis. Mas, com o tempo, vamos percebendo o porquê de usar sapatos: eles protegem os pés; os aquecem no inverno; os acolhem quando nos levantamos e não queremos colocar os pés no chão frio; são reflexo de nossa personalidade; auxiliam nas diferentes atividades durante todo o dia; e, ainda, possibilitam as longas caminhadas.

São os sapatos cobrindo nossos pés que nos permitem, muitas vezes, os esportes, a dança, as caminhadas, as escaladas, entre tantos outros movimentos, com maior conforto. Como uma das peças do vestuário, possibilitam expressar personalidade e diversidade. Com meu chinelo vou à padaria; com minha sapatilha, ao colégio; com meu tênis, à academia; com minhas sandálias, a uma festa com os amigos. Sapatos de diferentes formatos, distintas cores, com diversas maneiras de calçá-los.

Pensei que, assim como os sapatos, com suas mais variadas possibilidades de relação com nossos pés, pode ser o amor. Amor incomensurável de mãe, amor fiel de irmão, amor leal de amigo, amor companheiro de cachorro, amor amante de namorado. O amor tem formas distintas de ser expresso. Às vezes acolhe, outras dá bronca; pode sufocar, quando excessivo; ou prender, quando ciumento. Também aparece em intensidades diferentes: amor tímido, amor passionai, amor orgulhoso.

Pode ser difícil decifrar o amor. Será que foi isso que aconteceu com a Vitória quando recebeu um abraço ou um carinho das professoras? Ela não conseguiu decifrar aquele tipo de amor?

Apesar de saber que o ser humano é um ser amoroso, como nos indicaram os textos do biólogo Maturana, às vezes podemos ser pegos de surpresa com gestos afetivos, atitudes de cuidado, palavras de carinho.

Talvez o que a Vitória entendia por amor eram os tapas da mãe e as broncas do pai. Talvez pensasse que a indiferença dos vizinhos era um cuidado para não incomodar; que o preconceito das pessoas era respeito pela sua privacidade. Sabia que a linguagem entre o pai e a mãe eram xingamentos e, então, porque não seria essa a linguagem do amor?

É doloroso pensar que alguém se sinta incomodado com um abraço, com um beijo e com um carinho. É chocante saber que os anos diante de tantos maus tratos podem tirar da criança sua ingenuidade. Foram esses meus sentimentos quando conheci de perto a Vitória, quando a vi com seus amigos, com as professoras, com seu pai.

Eu via uma criança ora assustada, ora angustiada, mas sempre cheia de energia. Muitas vezes difícil, de gênio forte, agressiva. E como podia ser diferente se a vida lhe fez assim: a convivência com o vício dos pais; ter que cuidar da irmã menor para poupá-la do descaso da mãe; morar em um barraco sujo, sem o mínimo de higiene e conforto; apanhar todo dia (como ela mesma relatava para as professoras, nos momentos da roda de conversa). Como fica essa criança imersa numa realidade muitas vezes tão cruel?

É essa a realidade de muitas outras Vitórias presentes nas mais diversas escolas públicas e privadas. Como estar preparado/a para lidar com essa realidade dentro dos ambientes escolares? Um dos caminhos apresentados nessa pesquisa é o autoconhecimento. Buscar entender e trabalhar as emoções e os sentimentos experienciados nas situações com as crianças, com os jovens e com os adultos.

Aproveito, então, para fazer um convite aos professores e às professoras: que esqueçam as conversas diplomáticas, presas por uniformes. Que saiam de casa para trabalhar sem mascarar seus sentimentos e emoções permitindo, assim, que o coração também possa estar presente em suas propostas pedagógicas. Que estar com as crianças possa ser um encontro afetivo. Uma troca de experiências. Uma caminhada que se faz junto. Que, a partir de hoje, perguntem às crianças, escutem-nas, respeitem-nas e acolham-nas. Mas, para que tudo isso aconteça, perguntem-se, escutem-se, respeitem-se e procurem ser acolhidos¹⁶.

Que esse convite se estenda aos que pensam, elaboram e normatizam a Educação. Que possam ter esse olhar para com os afetos e as vivências corporais e, assim, criem espaços de possibilidades para a experiência do Eu, abordando as diferentes linguagens presentes nessa autodescoberta. Espero que essas linguagens façam parte do currículo dos cursos de formação de professores e sejam ampliadas como tema para a formação continuada desses profissionais.

Voltando à garotinha Vitória, depois de um ano de trabalho na escola, tudo volta a ser como era antes. Vitória começa a ser agressiva novamente com as professoras e com os colegas de sala. A professora se lamentava e não entendia a atitude da pequena. Mas, ninguém parou para pensar: aquele era o último ano naquela escola! Ano que vem, Vitória faz seis anos e vai para o ensino fundamental. Tudo que foi construído com as professoras estava se rompendo. *E agora, quem estará do meu lado?* A postura da Vitória mudou. Tantas mudanças. Vitória se fechou novamente.

Ela sabia que no próximo ano mudaria de escola e começaria tudo outra vez. Amigos novos para aprender a lidar, professora diferente para conquistar a atenção e outro

¹⁶ Parágrafo inspirado no texto *Com o coração*, de Ana Jácomo.

espaço para chamar de escola, espaço esse que deverá cuidar, educar, acolher e respeitar a pequena Vitória.

Minha esperança é que no futuro não tenhamos que lidar, nos espaços escolares, com sentimentos e emoções como aqueles trazidos pela Vitória. Mas, enquanto isso, eu fico à espera do dia em que os sapatos já não apertem mais.

VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita S. A emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.

AMORIM, Cassiano Caon . Os lugares da Infância - A infância e seus lugares. In: Tânia de Vasconcellos. (Org.). Reflexões sobre infância e cultura. 1ed.Niterói: EdUFF, 2008, v. , p. 39-56.

ARCE, Alessandra. Documentação Oficial e o Mito da Educadora Nata na Educação Infantil. Caderno de Pesquisa, n. 113, p. 167-184, julho/2001.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.

BORBA, Valdinéa R.S., SPAZZIANI, Maria de Lourdes. Afetividade no contexto da Educação Infantil. GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu, 2005.

BUFALO, Joseane M. P. Creche: lugar de criança, lugar de infância. Um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas. Campinas, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas.

CAVALARI, Thais Adriana. Consciência corporal na escola. Campinas, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas.

CERISARA, Ana Beatriz. O referencial curricular nacional para a educação infantil no contexto das reformas. Educação&Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 80, setembro 2001, p. 326-345.

CHAMBOREDON, Jean-Claude. PRÉVOT, Jean. O “ofício de criança”: definição social da primeira infância e funções diferenciadas da escola maternal. Cad. Pesq., São Paulo (59): 32-56, novembro, 1986.

CINTRA, Simone C. S.; ALBANO, Ana Angélica. Memória e (re)criação na formação de professores: trilhando caminhos. Caderno Cedes, vol. 30, n. 80, p. 105-111. Campinas, jan.-abr. 2010.

CIPOLLONE, Laura. Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. Pro-Posições, v. 14, n. 3 (42) – set./dez. 2003.

COUTINHO, A. M. S. Educação Infantil: Espaço de educação e cuidado. Anais da 25ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu, 2002, p. 8.

CURLLEN, Lesley, BARLOW, Julie. Kiss, cuddle, squeeze': the experiences and meaning of touch among parents of children with autism attending a Touch Therapy Programme. Journal of Child Health Care, vol6(3) 171-181, 2002.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Caderno de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/2002.

ESTEBAN, MT. Escolas que somem, reflexões sobre escola pública e educação popular. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 127-144, jan./jun. 2004.

FARIA, Ana Lucia G. de. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 92, Oct. 2005.

FERREIRA, Aurélio B. de O. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª. Edição. Editora Nova Fronteira, S/A, 1986.

FERREIRA, Maria de Fátima C.D. Da expressão que espanta ao toque que encanta: a Calatonia e a Shantala como instrumentos de intervenção no ressignificar das relações entre mães e filhos. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), PUC/SP.

FERREIRA, Aurino L.; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. Educar, Curitiba, n. 36, p. 21-38, Editora UFRP, 2010.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pró-posições*, v. 14, n. 3 (42) – set./dez. 2003.

GODOY, Arilda, S. Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais. *Revista de administração de empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29. Mai./Jun., 1995.

GOFFMAN, Erving *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

GUIMARÃES, Daniela. Educação de corpo inteiro. Salto para o futuro: O corpo na escola. Ano XVIII boletim 04 –TV Escola, Abril de 2008, p. 20-28.

HADDAD, Lenira. Políticas integradas de educação e cuidado infantil: desafios, armadilhas e possibilidades. *Caderno de Pesquisa*, v.36, n.129. São Paulo set./dez. 2006.

JESUS, Adilson N. de. *Vivências Corporais: proposta de trabalho de autoconscientização*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas.

_____. Butoh: a potência das imagens. *Revista do LUME*, n. 1, setembro/2012.

KNOBBE, Margarida M. A Palavra da Pele. *Revista FAMECOS*, n. 25. Porto Alegre, 2004, p. 127-137.

LEBOYER, Frédérick. *Shantala – Massagem para Bebês: Uma Arte Tradicional*. 7ªed., São Paulo, SP: Ground, 1995.

LEME, Maria Isabel da S. Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(3), p. 367-380.

LÉVY, Janine. *O despertar do bebê – práticas de educação psicomotora*. Ed. Martins Fontes, 2001.

LOMBRADI, Lucia Maria S. dos S. Formação corporal de professores de bebês: contribuições da pedagogia do teatro. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo.

LOOS, Helga; SANT'ANA, René S. Cognição, afeto e desenvolvimento humano: a emoção de viver e a razão de existir. Educar em Revista, Curitiba, n. 30, 2007.

LOPES, Carolina da S. A emoção na instituição de educação infantil – na perspectiva de Henri Wallon. In: Congresso de Leitura do Brasil, 17, 2009, Campinas. Anais do 17º COLE, Campinas, SP: ALB, 2009.

LORTHIOIS, Céline. Os toques sutis na educação: um religar do corpo com a cabeça. Corpo em Jung: estudos em Calatonia e práticas integrativas/ Maria Elci Spaccaquerche, (organizadora). 1. Ed. São Paulo: Vetor, 2012, p. 105-116.

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação, v. 20, São Paulo, 1º.sem. 2005, p. 11-30.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Tradução: José Fernando Campos Fortes – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. Formação humana e capacitação. In: Humberto Maturana, Sima Nisis de Rezepka; tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MAUSS, Marcel. Três observações sobre a sociologia da infância. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n.3 (63), p.237-244, set./dez. 2010.

MENEGHETTI, Antonio. Nota sobre “afetividade” in Manual de Ontopsicologia. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia, 2004.

MONTAGU, Ashley. Tocar: O Significado Humano da Pele. São Paulo, SP: Summus, 1988.

MOYZÉS, Marcia H.F.; MOTA, Maria Veranilda S. O despertar da consciência corporal do professor. Anais da 27ª Reunião Anual da Anped: Caxambu, 2004.

MULLER, Fernanda. Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. Educação e Sociedade, n. 95, 2006, p. 553-573.

NITEROI. Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santo Antônio de Pádua e outras. Educação Infantil no Norte-Noroeste Fluminense: Tecendo Caminhos/Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santo Antônio de Pádua e outras. 1ª. Ed. Niterói: EdUFF, 2008.

OLIVEIRA, Nara R.C. O espaço do “corpo” na educação da infância. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 1, p. 1-13, jan/abr. 2008.

OLIVEIRA, Rosmari P. de. Tocar e trocar... o corpo, o afeto, a aprendizagem: uma experiência de formação continuada em um Centro de Educação Infantil. *Construção psicopedagógica* [online]. 2009, vol.17, n.15, pp. 91-110.

PENA, Alexandra, BORGES, Isabel C.B., BORGES, Leonor P. Aconchegando o corpo na escola: as perspectivas. Salto para o Futuro, Ano XVIII boletim 04 – Abril de 2008. ISSN 1982-0283.

PIGATTO, Naime. A docência e a violência estudantil no contexto atual. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 303-324, abr./jun. 2010.

PRADO, Patrícia D. Educação e Cultura infantil em creche: um estudo sobre as brincadeira de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas/SP. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Marinalva L. A afetividade na relação educativa. Estudos de psicologia, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, julho-setembro, 2010.

_____; JUTRAS, France. Representações sociais de professores sobre afetividade. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2006, vol.23, n.1, pp. 39-45.

RICHTER, Sandra Regina S.; BARBOSA, Maria Carmen S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. *Educação*, V. 35, n.1, jan./abr., 2010.

RIOS, Ana Maria G.; ARMANDO, Marilena D.; REGINA, Ana Carolina B. Bases neuropsicológicas do trabalho corporal na psicoterapia. *Corpo em Jung: estudos em Calatonia e práticas integrativas/ Maria Elci Spaccaquerche, (organizadora). 1. Ed. São Paulo: Vetor, 2012, p. 19-38.*

ROCHA, Eloisa A. C. A pedagogia e a educação infantil. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, 2001, n. 16, p. 27-34.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação para quem? *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 1466-1471, 1976.

SAYÃO, Deborah. T. Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil. In: VAZ, A.F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (Orgs.). *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física*. Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 45-64, 2002.

SCUOPPO, Angela. Os toques sutis na psicoterapia infantil. *Corpo em Jung: estudos em Calatonia e práticas integrativas/ Maria Elci Spaccaquerche, (organizadora). 1. Ed. São Paulo: Vetor, 2012, p. 89-104.*

SILVA, Lilian L.M. da. Entre estágios, diários de campo, leituras. In: Faria, Ana L.G. de, Silva, Lilian L.M. da (org.) In: *Culturas infantis em creches e pré-escolas – estágio e pesquisa*. Campinas, SP. Autores Associados, 2011.

SOUZA, Elizabeth P. M. A busca do auto-conhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas.

VENANCIO, Sonia I., ALMEIDA, Honorina. Método Mãe Canguru: aplicação no Brasil, evidências científicas e impacto sobre o aleitamento materno. *Jornal de Pediatria - Vol. 80, Nº5(supl)*, 2004.

VICTOR, J. F.; MOREIRA, T. M. M. Integrando a família no cuidado de seus bebês: ensinando a aplicação da massagem Shantala. Health Sciences, Maringá, v.26, n.1, p.35-39, 2004.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. As origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole, 1986.

VIII – ANEXOS

ANEXO I

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADA

Entrevista I

Professora Jardim II (último ano antes de ir para o ensino fundamental) (22m13seg)

Pesquisadora – Como estamos falando de afetividade, queria que você me contasse um pouco de como você se relaciona com as pessoas na sua vida, com seus pais, com os amigos, marido. Você já tem filho, como que é seu contato com seu filho, esse toque, se é carinhosa.

Professora – Então, desde pequena, sou eu e meu irmão. Sempre nos demos muito bem. Sempre, sempre, sempre! Se alguém disser que eu já briguei com meu irmão isso é mentira. É raro. Isso eu falo e até choro, porque ele é uma pessoa maravilhosa. Meu pai e minha mãe também sempre foram maravilhosos comigo. Sempre me apoiaram. Eu fico emocionada porque é muito bom lembrar disso. Não sei nem como seria se eu perdesse minha família. E com a graça de Deus também, eu consegui encontrar uma pessoa que é o meu marido, faz seis anos. E ele é meio durão de vez em quando, meio jeitão de homem. Mas ele me trata super bem, o P. também, o P. está com 4 anos. O reflexo é assim, o P. diz: “Mamãe, te amo!”. E eu: “Eu também te amo! Amo mais ainda.” “Não mamãe, eu amo mais ainda”. Às vezes você está quietinha e ele vem, com jeitinho, do jeito que a gente faz. É um reflexo mesmo. E assim, afetividade tem que ter em casa! E também hoje de manhã a gente estava conversando que a gente faz de tudo pro P. ter um alicerce na vida, principalmente na parte, assim, conversando com ele, dando todo esse apoio, não só material. E lá na escola, como é meu caso, as crianças ficam desde as sete horas até as quatro e meia, cinco horas. É uma beleza, é o acolhimento, é o beijar, abraçar, bom dia! Quem passa batido, eu chamo e digo “vem aqui, você não falou comigo”, aí já vem rindo e abraça. As mães mudaram as atitudes. “Tchau, dá tchau pra mãe!” “Vai, dá abraço na mãe”.

Pesquisadora – Vocês que falam isso para as crianças? Delas com as mães?

Professora – É! A gente fala, incentiva. Vai lá, dá tchau pra mãe! “Está lá no corredor, vai lá”. Então, isso hoje eu não preciso nem falar. Porque já faz parte. Acontece. E é bom porque eu penso, será que a mãe teve isso com a mãe e o pai dela? Será que acontece isso com o marido em casa? Então isso contamina mesmo. Acontece isso e vem pra sala de aula. Esse acolhimento. Então, eles entram aqui, tem acolhimento, daí a gente conversa, já vai para a hora do lanche, tem a oração de agradecimento, o lavar as mãos, e volta pra classe. Toda rotina, mas não rotina chata, muda, é o cuidar, tem a oração, a gente reza o Pai Nosso por ser uma coisa ecumênica, importância que a gente tem com Deus, depois a gente

conversa o que aconteceu em casa, alguma novidade, hoje teve uma aranha que subiu na parede da mãe, a gente conversou. E depois parte pro trabalhinho, trabalhinho ali, por mais que eu tenha dificuldade por não ter uma estagiária ali na sala, porque na parte não é uma alfabetização comum, mas eles tem que saber, o nome, ter contato com a leitura, com as poesias, com as quadrinhas, os numerais. Então é interessante ter alguém na sala, eu tenho que ficar de um a um, nesse uma a um eu fico junto, eles vêm melhor se ficar junto, tato, junto. E eu sou assim, não sou aquela que vai distribuindo a folha, e faz assim. Não, eu to junto. E eles procuram.

Pesquisadora – Qual a idade das crianças?

Professora – Eles entram com cinco sai com seis.

Pesquisadora – Já é o último, não é?

Professora – Aqui é o último porque ano que vem vai pro primeiro ano.

Pesquisadora – Por isso que tem que ter essa interação com a leitura?

Professora – Isso. Eu uso o caderno porque o que acontece: a criança sai do infantil na escola (a creche fica até o jardim dois) e a preocupação é: eu já dizia isso na faculdade, a gente não pode passar um trator na educação infantil! Queira ou não essa criança que tá com seis anos meus agora, eles vão encontrar: como é que tá a educação infantil? Não tá acontecendo, não tá porque eu já fui pesquisar, falei com professores, infelizmente a impressão é que tem que desafogar o infantil, pra ter mais vagas e aí vai jogando para o fundamental. A minha impressão é essa. E a tarde da criança, da infância, é roubada!!

Pesquisadora – Porque ela não deixa de ser uma criança só porque ela foi para o fundamental, não é?

Professora – Então, como você falou, tem que ter historinha, e tal, mas eu dei o caderno porque não pra passar um trator neles, mas para eles terem contato com a linha, porque o ano que vem eu não quero que eles sofram. Porque vão ser cobrado, vão ser cobrado. Eu to sabendo que já estão fazendo continhas de adição na primeira série. E no segundo ano, a professora faz assim, Ra auxiliar na prova, porque tem a provinha, pras crianças que sabem menos – não é que sabem menos, ela ainda não desenvolveram ainda – então o quê que acontece, eles colocam provinha do primeiro ano pra eles juntarem com a provinha do segundo ano, pra poder dar nota. Mas porque dar nota, meu Deus do céu? Eles não estão maduros ainda! O Bruno não conseguia fazer, despertou agora no fim do semestre. Encantou, agora foi! E já na parte de afetividade eu já falo, nossa, eu consegui por isso!

Pesquisadora – Porque você conseguia trabalhar com eles com esse apego, esse afeto?

Professora – Isso! Eu tenho na lousa o cartaz de incentivo. Você ganha um coraçãozinho quando faz uma coisa boa, eles gostam! E fica espontâneo, contando quanto coração tem... E eu cheguei a tirar coração, vai perder coração. E a criança ficou sentida. Mas, não perdeu mais. Hoje eu só acrescento. Porque não é certo tirar!

Pesquisadora – Mas você acha que essa postura sua dentro da sala, ela é mais tranquila porque você recebeu isso? Por exemplo, como você disse, com seus pais, com seu irmão.

Professora – Sim! Com certeza!

Pesquisadora – Porque isso que você esta me contando é uma rotina sua dentro de sala, não é a rotina de todos os professores e professoras.

Professora – Não! Não é imposto, eu que desenvolvo com elas. É natural! Eu não consigo falar para uma criança: ai, você não me abraçou hoje! Não é forçado! Aqui não é particular. Porque você vê muito na particular (se referindo à “puxação de saco”). Aqui não. Eu preciso e eu vejo que faz bem o abraço, e eu vi com uma aluna – você sabe – ela melhorou muito. Ela precisa muito, muito, precisa! Mas eu vejo o caso da pequena*! Eu cheguei aqui a professora que estava aqui não agüentou, ela chorava. Não sei se recebeu apoio. Ela foi procurar a secretaria de educação. Mas eu vou falar a verdade, eu encontrei uma menina que estava cheirando ruim, machucada, de skate, foi o que falaram, que ela tinha caído de skate, ali na favela... Eu tento falar comunidade, mas é favelinha da portelinha, e ela sempre chorou, eu ficava a Marta deixou duas chaves comigo. Deixou a porta do corredorzinho e do solar, que são as duas portas da sala e eu tinha que ficar pendurada com as duas chaves no pescoço. E ela queria avançar, queria dar em mim (bater), porque era pra sair. E a diretora falava, não deixa ela sair. Eu tinha que conter ela na sala e com mais 24 alunos olhando tudo aquilo. Ela tava com a mão machucada porque ela socava a porta. A marta falava que ela teve surtos! E pra mim não é surto aquilo, é outro sentimento. Ela pegava cadeira, queria jogar, queria quebrar vidro, oh, essa menina deu trabalho, mordida, batia, aí com carinho, com muito amor, ela não deixa chegar perto dela, enato fui chegando devagar, porque às vezes assusta, porque apanha em casa e chega perto assusta, parece que vai bater! Então, com isso eu fui conquistando a pequena. Ela foi indo, foi indo, até ficar cansada. Porque o conselho tutelar falou que podia estar pegando se ficasse na rua. Então, conseguimos que essa menina ficasse na sala. Mas ela já subiu na porta, ela queria pular o portão, ela chorava, ela era uma menina judiada. Ela é, ela tem uma cara de judiada. Só que ela tem uma cara de maldade... Não sei se posso falar isso de uma criança.

Pesquisadora – Se ela só recebe isso... Fica difícil ela aprender outra coisa.

Professora – Mas é o que eu falo, Mariana. Nós estamos aqui, das sete da manhã até a cinco, quanto tempo ela fica em casa? Vamos pensar... Seis, sete, oito... Ela já dorme,

porque os próprios pais falam que ela vira pedra na cama. Mas oito meses, era pra ela estar bem melhor... Agora ela voltou tudo o que era antes, regrediu. Não sei se apanha em casa, não sei o que acontece. É desleixo... Porque a queimadura dela disse que ia ser em abril a cirurgia, não sei que pé que ta. Não sei. Eu não posso perguntar pra mãe, porque sei lá. A queimadura está crescendo e ta esticando a pele. Tá aparecendo. Futuramente o que vai ser dessa menina? Ela não consegue tocar o pé, esticar o braço. Agora eu digo, Mariana, eu coloco as coisas pra classe e tomo cobrança, o olhar crítico das crianças. E às vezes eu não estou preparada pra isso. Porque é que a Vitoria pode tudo? Porque sempre a Vitoria? Sei que tem as regrinhas pra todo mundo. Só que a pequena, eu tenho que segurar ela pra dormir, senão o restante não consegue dormir. E agora com a gravidez eu conversei com a diretora: “Agora eu não posso mais conter a pequena!” E aí eu falei... Não tá errado o que eu to fazendo. Eu vou também... Não pode! Sempre a primeira é ela. Ser igual pra todo mundo. Por exemplo, hoje eu fiquei com outra criança primeiro.

Pesquisadora – E como ela respondeu a isso?

Professora – Bagunça, puxa o colchão pra lá pra cá, xinga todo mundo. A violência. O que ela fez ontem não estava certo, pegar um lápis e riscar a amiga a ponto de machucar. Se estivesse o grafite afiado, podia estar marcado o peito da amiga. Agora eu falo: o que aconteceu com ela que papel foi assinado, que reunião que teve comigo? Eu não sei o que falar. Então a gente esta fazendo a nossa parte. Olha, são sete meses que e estou aqui. Sete meses, Mariana, foi amor, amor, amor, amor... Com todas as letras maiúsculas! Aqui, Mariana, ela entra tem um café maravilhoso, na hora do almoço sempre fruta, cardápio variado, 70% da alimentação dela é aqui na escola. A parte de vestimenta a gente deu muita coisa pra ela. Tanto pra ela quanto pra irmãzinha do berçário. Eu to falando assim, especificamente dela, quanto carinho, amor, o cuidado, tanto com a Alice a tarde também. E assim, a música, musica de qualidade, musica boa. Nós sentimos diferencial na sala. O livro, leitura, na hora do sono tem a musica instrumental, o que você passou pra gente eu usei, a parte da massagem, um aluno passou no outro, colchão higienizado, escova higienizada, caneca higienizada, *tudo de primeira*. O que tem aqui é um suporte maravilhoso. Agora chega em casa no outro dia vem pior.

Pesquisadora – Parece que desconstrói tudo o que vocês fizeram...

Professora – Então, agora o que é que eu faço? Ano que vem ela vai ficar meio período na escola. O que será dessa menina? O irmão dela ta na escola, no fundamental, ele vive com suspensão. Então o que é que vai acontecer com a pequena se ela caminhar por esse caminho? Ela vai tomar suspensão.

Pesquisadora – E deve doer, vê que você se dedicou tanto, consegue enxergar que tem um lugarzinho ali na pequena que dá pra conseguir mudar tudo isso, mas de repente... Parece

que todo o trabalho que vocês tiveram está sendo quebrado e daqui pra frente não tem muito mais o que fazer. Ela vai para outra escola.

Professora – Vai... E eu trabalhei a um tempão atrás no Clubinho, trabalhei como estagiária, e esse ano quando eu entrei nessa escola eu falei: Não acredito! O tio da Ingrid foi aluno nosso do clubinho, nosso porque era uma equipe que cuidava das crianças, e se eu falar pra você que tudo que a gente dedicou pra ele tudo... Hoje ele não sabe escrever o nome dele! Agora me fala: falha nossa? Aí eu olhei pra ele e ele disse “Doutora, escreve meu nome pra mim?” no caderno da entrada que tem que deixar registrado que veio pegar... Falei “ah, é, Anderson, você tá lembrado de mim? E agora você tá precisando do seu nome, não é? E porque você fugia com crack, não queria ficar no clubinho!” “É né, a droga, eu não consegui sair ainda!” Ele fica no semáforo em frente do teatro, tem dois, não tem? Agora eu falo, a mãe da criança é uma excelente mãe! Mas eu vou falar pra você, ela não consegue assimilar as palavras. Não sei se é por causa do crack... Agora será que a vitória, também tem o crack dentro de casa que dá esses surtos na escola?

Pesquisadora – Porque a gente não sabe se ela tem acesso a isso, se tem o se não tem! Não dá pra saber.

Professora – Tudo indica, mas a gente não tem prova. Como acabar com isso... Eu não sei!

Pesquisadora – Não, não dá! Existe um limite, é o que a diretora disse ontem, vocês fazem o possível e o impossível para ajudar, tem contextos que a gente não consegue mudar, tem coisas que a gente não consegue mudar... Pode mandar para o conselho tutelar e ver qual é a melhor opção, é tirar ela dos pais ou não. Mas tem coisas que infelizmente é isso! A gente tá aqui, esse é um dos pilares, a escola é um dos pilares, existem outros, né, saúde, família.

Professora – E a família joga pra escola, sempre vai ser assim, não tem jeito. Agora, a gente sempre falando dessas crianças, só que os outros mudaram na afetividade, nossa, com essa história da mãe, tchau mãe, te amo!

Pesquisadora – Você percebeu isso!

Professora – É! E eu vejo que os pais estão contentes com isso, tá dando certo. Eu to vendo no meu trabalho, no dia a dia, o *feedback* que eles estão dando. Eu estou alcançando meus objetivos. E eu espero que ano que vem tenha uma professora boa pra dar andamento a isso.

Entrevista II

26 anos - Professora do Berçário I (11m54seg)

Pesquisadora - Eu queria que você me falasse... Como a gente está trabalhando com a afetividade, um dos pontos que eu estou pensando é que o quanto você consegue doar na sala com as crianças também tem a ver com a relação que você tem com afetividade! Então eu queria que você contasse pra mim um pouquinho de como é essa sua relação dentro de casa com seus pais, não sei se você tem irmãos, com seu marido, com filhos.

Professora – Ah, foi sempre uma relação muito boa. Assim, né, porque meu pai, ele trabalhava bastante na minha infância. Eu me lembro disso; que a gente se via pouco, era questão, assim, dele chegar e a gente já estar dormindo, aí tem que acordar no outro dia. A gente se via pouco. Mas no final de semana ele supria bastante essa falta durante a semana. Eu lembro, assim, nos meus, ele era bastante carinhoso com a gente. Com a minha mãe também, só que a minha mãe, assim, ela teve uma infância meio difícil, ela foi adotada, então ela não era muito assim (muda a feição, olhos enchem de lágrima) de abraçar, essas coisas (começa a chorar). Mas, ela também era (carinhosa)... Meu pai era mais carinhoso, em questão disso. Agora, minha mãe, foi por isso, até hoje em dia com a netinha dela, ela até fala, né, “ai, mudou”, assim, *né?* Que é diferente (Sorri, feliz de ver como a mãe mudou por conta da neta).

Pesquisadora – Conseguiu transformar a relação, não é?

Professora – É. Ela falou que hoje ela abraça mais, beija, ela falou que era uma coisa dela mesmo, por ela não ter tido isso durante a vida inteira dela, então com a gente ela foi meio bloqueada, mas todo mundo sentiu diferença depois que a minha filha nasceu, que é a primeira netinha dela, que ela mudou, até com a gente, assim, sabe?

Pesquisadora – Mas ela foi adotada por alguém da família?

Professora – Não, ela foi adotada e ela não conheceu assim, nunca ninguém da família dela, de sangue. Não teve nenhum contato. Pouco tempo atrás, ela ia até, porque era Pernambuco, ela ia visitar a família, tudo, só que daí ela recebeu a notícia que tinham falecido. Então, ela acha que não era... (um assunto difícil ainda, percebi que a própria mãe não deve falar muito sobre isso) então, irmão ela não tem contato, então ela falou que não era pra ela conhecer mesmo. Então eu lembro mais disso. Que meu pai era bem mais assim, carinhoso, do que ela, só que não estava tão presente porque trabalhava. Mas ele supria esse vazio. Minha infância foi muito boa! Que eu lembre. Em bastantes momentos.

Pesquisadora – Você tem irmãos?

Professora – Tenho mais três. Eu, mais três. E nos damos muito bem! Sempre foi assim. Como aquela coisa de irmão, brigar de vez em quando, mas sempre nos demos bem.

Pesquisadora – E como você conseguiu transformar isso na sua família, você com seu marido, com sua filha?

Professora – Ah, porque eu sempre fui mais assim, de abraçar, de beijar. Até minha mãe fala, “ela é muito melosa”, de todos os filhos, eu e minha irmã mais nova, a gente é bem parecida. Então, eu sou muito melosa, de ficar mandando *mensaginha*, até hoje eu fico mandando pro meu marido, pros meus pais. Então eu gosto muito assim, eu acho que sou bastante carinhosa.

Pesquisadora – Você consegue se expressar tranquilamente?

Professora – Consigo! Com a minha filha, aí, é sempre eu te amo, agora ela fala “também te amo, mamãe!”. Assim, com meu marido também, nós dois somos bem amigos, porque somos só nós dois aqui (começa a chorar novamente).

Pesquisadora – Aqui em Piracicaba, você diz.

Professora – É. Eu só não sou mais feliz, por isso.

Pesquisadora – Por estar longe da Família? Sua família tá onde?

Professora – Tá todo mundo em São Paulo. Eu falo assim, até falo pra minha mãe, por um lado é bom eu ter vindo pra cá, porque o meu casamento, assim, não tenho do que reclamar. Mas eu falo pra ela, (chora) eu sinto muita falta deles!

Pesquisadora – É difícil ficar longe, não é?

Professora – É. Agora, assim, com a pequena, então, nem se fala. Porque, igual eu falo, não tem com quem falar, nossa, uma tia que eu possa deixar, até esses dias ele (marido) estava, eu e ele conversando “ai amor, a gente precisa sair mais!”, eu falei “mas viu, eu não... eu já fico a semana inteira longe dela, e eu ter que pagar alguém, final de semana, pra gente sair”, então eu falei: “Você tem que ter paciência e esperar um pouco”, porque eu não vou me sentir, assim, sabe, de boa ... Mas ele falou “uma vez por mês não vai, ela não vai ficar mal”.

Pesquisadora – Vocês vieram pra cá por causa do trabalho, é isso?

Professora – Dele. É. Aí depois, não deu certo o serviço dele, só que daí a gente já tinha conseguido comprar um apartamento aqui, aí nisso, nesse meio tempo também, eu fui chamada pro Concurso, aí eu falei pra ele “ai, a gente... Vamos ficar aqui! Que está tudo dando certo por aqui!”. Ai, meu Deus! (risos) Eu sou muito emotiva (se referindo ao fato de estar chorando mais uma vez).

Pesquisadora – Mas, aqui é pra isso mesmo! Eu sei que falar dessas coisas é mais difícil! Por isso que pensei: “Deixa-me arranjar um cantinho, porque é mais difícil falar sobre essas coisas, né!”.

Professora – Eu sou muito emotiva! Chorona!

Pesquisadora – Mas, sua mãe vem visitar, seu pai, ou não?

Professora – Sempre! Sempre que podem!

Pesquisadora – Mas não é muito frequente?

Professora – Não, uma vez por mês pelo menos, ou eles veem pra cá, ou eu vou pra lá. Mas ainda eu acho pouco, sabe?

Pesquisadora – Mas, é mesmo. Ainda mais você que tem uma família grande, não é? Quatro filhos, pai e mãe...

Professora – E nesse ano meu irmão passou na Federal de São Carlos e ele foi morar em São Carlos.

Pesquisadora – Ah, tá aqui!

Professora – É, tá pertinho. Então ele, a cada 15 dias ele vem pra ficar comigo final de semana. Só que também é muito corrido pra ele também, então igual, agora que é faze de prova, ele falou... Já não dá pra vir. Mas, então, a minha mãe falou que já está acostumando, assim, porque fui eu a primeira a sair, agora foi ele...

Pesquisadora – Você não é a mais velha?

Professora – Não, tem uma mais velha do que eu, diferença de um ano entre eu e ela. E tem meu irmão de 21, e minha irmã mais nova que tem 17.

Pesquisadora – Nossa, é novinha, não?

Professora – É! E, eu tenho 26 anos só!

Pesquisadora – E aí, trabalhar com criança, você sempre gostou?

Professora – Sempre gostei! (Meio cautelosa ao responder...) Foi assim, então, naquela fase de adolescente a gente fica assim, pra saber por aonde que vai. Aí minhas colegas falaram “tem um curso de magistério”, daí lá perto de casa tinha uma escola que oferecia curso técnico. Aí tinha secretariado, tinha um monte de coisa. Eu falei “ah, vou prestar os dois, e vamos ver no que dá”! Fui *naquelas* (sem muita certeza). O que passou é pra ser! Só que daí, a prova desse secretariado, a prova do magistério era bem mais concorrido naquela época, até porque a gente recebia uma bolsa do SEPAM, não sei se você lembra.

Que a gente ficava o dia inteiro estudando, e recebia uma bolsa pra isso. Então, aí eu pensei “acho que não vou conseguir pro Magistério”. Mas, aí, não tinha caído a ficha, mas daí depois eu passei. Daí eu fui pegando gosto, assim. Aí eu vi que era aquilo mesmo que eu queria. Até minha irmã brinca, ela falava assim, “ai, vai fazer outra coisa, porque você nunca vai ganhar dinheiro, bastante dinheiro sendo professora.” Mas, eu falei assim, “foi uma escolha que eu fiz, eu não me vejo hoje em dia fazendo outra coisa”. E aí, logo depois que eu terminei o magistério, tem uma escola perto de casa que é do sistema objetivo. Na época não era ainda, e aí a dona, eu entreguei um currículo e a dona me chamou pra entrevista. Aí ela me ofereceu o maternal, só que aí eu era auxiliar. Só que daí a menina que era professora, não sei o que aconteceu, que ela tava com alguns problemas, ela já era casada, tudo, e aí ela pediu demissão no meio do ano. Aí minha diretora falou “vou te entregar a sala, vai ser um desafio pra você, porque você não tem experiência, mas é assim que começa!”. E ela gostava de dar bastante oportunidade para quem não tinha experiência, porque ela falava que “aí, eu vou moldando”. Tanto que tem meninas lá que tá lá a mais de 10 anos.

Pesquisadora – E sua relação com seus amigos também é assim: melosa!

Professora – É. Confesso que eu perdi, com a correria do dia a dia, perdi contato. Só com uma que eu mantenho até hoje. Mas aí eu perdi um pouco o contato.

Pesquisadora – Mas quando os tinha perto...

Professora – Minha mãe até fala “o telefone parou de tocar mais, ninguém fica mais chamando no portão. Porque quando a C. estava aqui era toda hora um chamando”. Eu sempre fui muito de ter muita amizade. Então, ela falou que agora tá uma paz, lá!

Pesquisadora – Não que ela esteja gostando dessa parte. Mas... E com as crianças é tranquila sua relação de abraçar, de beijar, de demonstrar esse carinho.

Professora – Ah, eu acho! Eu gosto, até com os pequeninhos eu acho que faz parte, então eu fico toda hora abraçando, beijando, falando que eles estão lindos, eu gosto disso. Acho que sei lá, eles já ficam tão longe da mãe deles que nessa fase precisaria tanto. Eu também penso na minha pequena, né! (chora) Então...

Pesquisadoras – A sua pequena tem quantos anos?

Professora – Dois anos e meio.

Pesquisadora – É bem pequena.

Professora – Então, eu tento, sei lá, o que eu gostaria que fizessem com ela eu tento com meus bebês. Sei como é deixar um filho pequeno na escolinha. Você fica com o coração na mão!

Pesquisadoras – E você sente que eles têm essa resposta com você também.

Professora – A maioria sim. Mas tem uns assim, que eu percebo que, eu até falei com a minha parceira (do Berçário), que tem um que é muito sério, às vezes é do jeito, tem a personalidade, mas assim, a maioria sempre responde. De abraçar, beijar. E a minha parceira também é assim, aí fica mais fácil. Quando você pega alguém que é diferente fica mais difícil, você fica pensando “será que eu que sou assim, que eu *tô*... sei lá?”. Porque trabalhar no berçário em dupla é um desafio, né?

Pesquisadora – Já começa aí o desafio! Ter que lidar com outro alguém organizando a sala junto com você. Diferentes ideias, personalidades, cultura, educação.

Professora – Porque é uma pessoa que tem jeito diferente, teve uma formação diferente da sua, então quando é muito diferente, eu acho que deve ser... Ainda bem que não é o meu caso. Mas, tomara que não seja! Porque tem aquela coisa a gente não sabe o que vai ser do ano que vem, quem a gente vai pegar. Se vai continuar na mesma turma ou não. Então, é um desafio! Mas graças a Deus, eu e a minha parceira somos muito parecidas nesse quesito, então fica mais fácil. E olha que eu não conhecia ela e, ela não me conhecia. Nem foi na atribuição, não me lembro do rosto dela. Só foi no dia mesmo que foi dividido quem seria do Jardim Tóquio que eu conheci, mesmo assim a gente não sabia, porque tem A, B, C e D, e tinha eu mais as outras meninas, então não sabia se era mesmo a sala, se ia separar... Então ficou entre uma das meninas e a minha parceira hoje, então... Mas aí foi ela.

Pesquisadora – E acabou casando *super* bem.

Professora – Graças a Deus! Com a outra professora também, eu acho que se eu tivesse pegado ela a gente teria uma relação tranquila!

Pesquisadora – Ela é *super* amorosa também, eu vejo ela com os bebês no Berçário.

Entrevista III

40 anos Professora do Berçário II (17m05seg)

Pesquisadora – É um bate papo, queria saber um pouco mais como é sua vivência afetiva. Como a gente está trabalhando com a afetividade, um dos pontos que eu estou pensando é que o quanto você consegue doar na sala com as crianças também tem a ver com a relação que você tem com afetividade! Então eu queria q você contasse pra mim um pouquinho de como é essa sua relação dentro de casa com seus pais, não sei se você tem irmãos, com seu marido, com filhos.

Professora – É, esse lado eu acho que já deu pra demonstrar um pouco. Eu acho que fui assim, eu sou aquela pessoa que se preocupa com todo mundo. Talvez hoje na minha situação, até pela separação eu venha me questionando esse lado. Por que assim, aquela que é apaziguadora, aquela que cuida de pai, de mãe, do irmão, dos filhos, eu acho que assim: eu me vejo numa situação hoje, perante uma separação com tantos anos de convivência com a mesma pessoa, Deus me deu, assim, o direito e o dom de ser mãe dos filhos que eu tenho, porque é bem o que eu plantei mesmo com eles. Eu tenho um garoto de 18 e um de 14. Eles são assim, os meus hoje os meus filhos, os meus cúmplices, eles são tudo. Então a gente divide TUDO, as dores as alegrias, bem agora depois da separação. Eles sempre falaram pra mim “você é aquela mãe meia gansa”, mas assim é uma coisa que vem de dentro de mim, você entendeu? Eu me doo pra pessoas e talvez aí esteja uma interpretação hoje, perante uma separação, que eu consigo olhar assim: será que vale a pena diante de certas coisas? Porque eu sou aquela pessoa que se você precisar de mim, você pode ter certeza que, se eu bater a cara, eu bati, mas eu vou fazer. Só que numa hora dessas, você vê também que não é assim, as pessoas as vezes por um mínimo de detalhes esquece de você. Então eu me vejo assim.

Pesquisadora – Você sente falta?

Professora – Hoje eu sinto falta. Perante a doença da minha mãe mesmo, que foi numa hora de separação, então eu não tenho mãe. Tenho mãe, mas não tenho colo pra poder. No início quando eu procurava assim, sabe, no íntimo, ficar com ela e poder contar pra ela, eu via que ela chorava muito. Ela não entendia mais, já faz quatro anos, mas ela chorava muito. Então, eu ia lá, todo dia, desabafava, mas eu tava até prejudicando ela. Eu tive até que entender esse lado. E de tá não transparecendo isso pra ela.

Pesquisadora – Mas antes vocês eram mais amigas?

Professora – Na realidade não, mais com meu pai. Mesmo tendo alguns itens que meu pai sabe, eu falo pra ele que ele é o melhor pai do mundo de segunda a sexta. Mas de final de semana que ele toma uns *alguinho* a mais lá, que meu pai ele não é alcoólatra, mas ele vira

aquele cara chato, insuportável. Então é uma coisa que eu não gosto dentro de mim, entendeu, me faz mal isso. Sabe, eu já vi muito, tem meu irmão também com problema de bebida. Com a idade que ele tem eu já discrimino meu irmão como alcoólatra. Mas meu irmão também passou por separação, teve 4 filhos. Eu cuidei das 2 filhas. Então aquela coisa de mãezona. Talvez eu seja cobrada muito por isso. Então, até assim, em terapia que eu fazia, talvez eles também acostumaram... Por exemplo, hoje não dá tempo de ver minha mãe, eles me cobram “ah, sumiu”. Mas eu sei que meu pai também tá trabalhando as emoções deles, porque é um sofrimento muito grande com a doença da minha mãe, porque você tem, mas não tem. Agora eu sempre fui mais ligada ao meu pai. Sabe, aquela coisa assim, eu passava mal no Assunção (colégio), eu tinha muita cólica, as irmãzinhas já ligavam e ele já subia, saía do banco, então sempre tinham uma cumplicidade maior. Minha mãe não, ela sempre foi mais assim, não deu abertura, não falava de menstruação. Por exemplo, assim, mesmo o problema do meu irmão de adolescência, eu nunca dei trabalho, sempre fui aquela filha: sempre tinha horário pra chegar, só que eu sempre fui muito light. Eu nunca tive revolta dentro disso, entendeu? E meu irmão já teve outras complicações perante a adolescência, quem ia resolver? Era eu! Minha mãe ficava ali dormindo, e eu catava o carro, eu e meu pai e ia lá, onde ele estivesse. E minha mãe era o que, aquela que pessoa que quando você chega, ela “taratatatatata” (fala muito). Dá aquela bronca! Daí a gente fala que perante a doença dela, minha mãe era muito (ênfase no *muito*) light! Se ela limpasse hoje esse quarto, ela *tava* muito bom demais. Só que cozinha, ela sempre gostou muito de cozinhar. Isso eu puxei a ela!

Pesquisadora – E hoje então vocês estão mais próximas por causa da doença dela? Ela tem Alzheimer, não é?

Professora – É, Alzheimer. Então eu sempre fui muito do tipo família. Até na separação, meu *Ex* me acusou muito. Só que assim, eu sofri muito no início por carregar uma culpa pelo qual depois em terapia que não era minha! Mas alegou muito de família. Só que eu tinha uma posição. *Viu*, eu tinha filhos pequenos, e a partir do momento que eu tive a opção de ser mãe e ter filhos, eu acho que assim, avós, faz parte sim, mas não é eles que devem cuidar e não é eles que eu devo passar uma carga minha, entende? Então, eu sempre fui muito apegada aos meninos, tanto é que assim, mesmo na adolescência do Tiago, as coisas que ele vinha contar. É... Mudança do corpo, a gente tá sempre, a gente se pega um no pé do outro. Agora vem o Gabriel, assim, o nosso relacionamento é muito gostoso! O Tiago chegou a vim noites assim, que ele vinha lá duas horas da manhã, “mãe, precisa descobrir uma coisa”. Então a gente foi sempre muito cúmplice. Daí o pai alegou que eu era, colocava os meninos em primeiro lugar do que marido, minha família, só que eu já tinha minha mãe doente. Não dá pra virar a costa pra isso!

Pesquisadora – Faz tempo que vocês se separaram?

Professora – Faz três anos. A separação muito dolorosa pra mim, muito! Eu tenho sofrido muito até hoje. Mas é o que eu falo: você nunca me vê aqui de cara fechada, amarrada, não falando oi, não dando... Nunca! E é assim, um momento que eu entro na minha sala que eu sei da minha responsabilidade, eu deixo lá fora. Então isso as vezes magoa! Talvez mais eu esteja frágil tb nessa situação. Sabereria enfrentar diferente se fosse outra época (se referindo á briguinhas internas entre as professoras). Eu me vejo mais frágil mesmo nessa questão. Me questiono muito sobre isso. Porque eu sou muito emoção. Eu sou muito aquela coisa de afetividade, eu me vejo assim.

Pesquisadora – E aí, aqui dentro é isso; você tem uma postura amorosa, mas fica difícil quando bate de frente com pessoas que não são assim.

Professora – É! Eu tenho tentado! Até tem companheiras que você sabe, falam “Dri, não faz isso!” Mas não é meu. Mas eu tentei, procurei chegar falando oi, boa tarde, tchau. Mas tem gente que nem olha! Então fica difícil... Afronta, da risada na sua cara. Se você abre a boca você é motivo de chacota.

Pesquisadora – E dentro lá da sala, você trabalha com a Rita, né? E é tranquilo?

Professora – Muito tranquilo. A gente assim, você sabe disso, ela também, a gente num primeiro momento tem uma primeira impressão. Lógico, você não conhece. Mas a partir do momento que a gente botou prioridade em tudo, assim, a gente se dá muito bem! A gente troca todas as informações, a gente nem se nega de colocar no “semanário” coisas iguais (semanário é um caderno que elas relatam coisas do dia-a-dia com as crianças, uma conversa com a diretora). Porque assim, trabalho conjunto, que nem ontem, a gente *tava* dando uma atividade, eu precisei dar banho numa criança, a gente deu continuação aquilo. O nosso semanário vai tá igual. Porque foi o mesmo olhar. Então, não tá confrontando isso, sabe de informações. Eu trago, pesquiso coisas, ela tb, pra fazer o nosso planejamento.

Pesquisadora – Que é um trabalho complementar.

Professora – Às vezes tem facilidades que eu não tenho. Ela tem facilidade com coisas manuais, que eu não tenho, nessa questão. Então, hoje a gente pode falar assim, que a gente é uma verdadeira companheira. Porque a gente até pode ligar uma pra outra, e uma chorar por telefone e a outra ouvir e a outra ligar e chorar. Então foi muito bacana, foi uma experiência muito boa pra mim isso. Também assim, sempre trabalhei só com uma sala, dirigindo. Se bem que a três anos, desde que eu consegui o serviço de novo. Porque eu tinha ficado afastada. Eu fiquei longe da minha área durante 12 anos. Bastante! Então, perante uma separação, eu tive que buscar, lá no fundo do buraco, sabe. Buscar mesmo, pra eu conseguir voltar no mercado. Graças a Deus eu consegui. Eu prestei o concurso, assim, assinando uma separação em julho e prestando o concurso em agosto. O qual há quanto tempo eu estava formada? É muito tempo, hoje você vê assim as coisas, o andamento, as informações, mudam muito da época que eu fiz a faculdade. Então eu tive que o que

realmente, buscar bagagem, procurar saber de novo sobre as leis, os filósofos. Tudo isso! E assim, em pouquíssimo tempo, porque até então, na realidade eu não ia prestar o concurso. Foi um funcionário nosso que me inscreveu. Então eu fui meio que assim, cai, né. Daí eu tive q ralar pra isso. Eu chegava dia, que eu ia pra igreja, no Senhor dos Prazeres, pra assistir a missa, eu chegava lá 5 e meia da tarde e ficava lá estudando até começar a missa. Então pra mim foi muito gratificante eu ter conseguido a vaga passar no concurso.

Pesquisadora – As coisas não acontecem por acaso. E com as crianças você é muito tranquila? Você consegue passar isso? Eu percebo que você é muito emotiva, amorosa e você consegue passar isso pra eles também?

Professora – Consigo tranquilamente. Eu acho que eu tenho um perfil. Sempre tive. Até hoje eu recebo... Eu tenho até do prédio um exemplo que outro dia eu entrei no elevador e um cara olhou na minha cara e disse “Tia Dri?”. Simplesmente ele já é pai hoje e mudou pra meu prédio. Eu falei “AH!? (ar de pergunta)”. Então assim, é uma coisa muito gostosa. Sempre tive uma... Logo no início do trabalho que foi na corujinha, com a diretora, a gente tinha um perfil assim, tipo, eu não acho que é você deixando a criança fazer tudo, não ter limite dentro de uma sala, que ela vai gostar menos ou mais de você. Então tem momentos pra tudo. Então eu sou uma pessoa que mais imponho isso, sabe. Eu dou amor, eu dou colo, eu rolo, eu sofro junto com família que vem me contar coisas, mas eu tenho essa postura. Desde pequeno, principalmente agora no berçário, eu acho que é ali que você cria um hábito. Inclusive eu ouvi de uma mãe ontem, que olha tá acontecendo isso, isso, isso, ela tá querendo enfrentar, mas ela sabe que não consegue, ela embirra e chora. Porque ela sabe q não adianta fazer isso.

Pesquisadora – Bom, mas o limite não significa não ser afetivo. O Olhar de cuidado, educar.

Professora – É o que eu falo pros meus filhos hoje. Eles têm todo o carinho, mas não é que se fizer algo errado que eu vou passar a mão. Você entendeu, tem a parte de educar, isso é o que eu já consegui com um menino de 18 anos. Que a gente vê tantos outros perdidos, com uma bagagem. Tem uma amiga que fala que o ti é muito mais maduro do que a idade que ele tem. Não sei se também foi por causa da separação. O irmão tem ele como ídolo. Então acho q assim, a gente tem q ter limite, acho que pra tudo, e realmente as crianças testam a gente em tudo. Eles testam, não adianta, eles sabem com quem eles conseguem, se com ela ou com ela. Por isso eu a e a Rita temos a mesma postura. Momento nenhum a gente passa a mão na cabeça de um e não passa no outro.

Pesquisadora – E eles respondem bem a isso?

Professora – Respondem! A gente teve alguns mais adaptados. Hoje a gente consegue ver muito claro o trabalho na hora de historia. Apesar de que tem alguns q ainda resistem. Eu *tava* falando ate com a Marta, a gente tem muitos bebes ainda, crianças muito pequenas,

que não tem nem dois anos, vai fazer só em março do ano que vem. Então, é uma coisa que tá sendo difícil. Porque se a classe fosse mais homogênea, mas tem criança que não se prende a nada. Por sinal, ontem eu escrevi no meu semanário: não se prende. Você vê; você muda; você muda de atividade, mas você vê que ele fica ali, sabe. Tipo assim, *tô* navegando. Mas eu acho que isso realmente é da idade. Então alguns ainda procuram fugir, mas acho que dizendo assim na maioria do grupo todos já sabem hora da história, já tem um interesse pra aquilo. Sabem que na hora que a gente vai fazer alguma outra atividade, como a gente tem deixado bem livre eles, mas uma atividade dirigida, eles conseguem manter por determinado tempo maior. Ontem a gente brincou, por exemplo, com garrafinhas, nossa, a gente trabalhou toda a lateralidade deles, sabe aquela coisa assim de uma hora pra esquerda outra pra direita, porque confundem. Mas eles sabiam que a hora que era pra vir pra cá eles vinham. Foi com um tempo até maior do que a gente achava. Surpreendeu.

Pesquisadora – Porque se interessaram!

Professora – Exatamente. Então a gente tá tendo agora mais surpresas também. Atividades que a gente deu de rasgar a folha pra fazer colagem! Nossa! Eles passaram acho q maior tempo rasgando do que no fato de colar. Foi ate mais gostoso, prazeroso pra eles o rasgar do que o colar.

Pesquisadora – Isso que é importante, não é? Observar o que é mais interessante pra eles. Porque a atividade que consegue ser feita em maior tempo é porque foi algo que despertou interesse dos pequenos.

Entrevista IV

27 anos – Professora do Jardim I (8m55seg)

Pesquisadora – Eu queria que você me falasse um pouco da sua vivência afetiva. Como a gente está trabalhando com a afetividade, um dos pontos que eu estou pensando é que o quanto você consegue doar na sala com as crianças também tem a ver com a relação que você tem com afetividade! Então eu queria q você contasse pra mim um pouquinho de como é essa sua relação dentro de casa, com seus amigos, seu marido...

Professora – Eu dentro de casa sou mais ou menos igual eu sou aqui mesmo. Eu sou muito carinhosa, só que eu sou muito chata também, muito brava. Eu quero as coisas do meu jeito mais ou menos. Só que eu dou muito carinho, só que é do meu jeito. Por exemplo, tem gente que é muito melosa aqui, eu não consigo ficar melando. Eu dô carinho, trato bem. Aqui tem hora que eu até confundo, eu esqueço que eles são meus alunos e acho que já é membro da minha família. Um dia a diretora até chamou minha atenção: “você não pode falar assim!” Mas eu esqueço. Na minha casa eu sempre fui criada com muito amor, até demais. Minha mãe me defendia em tudo.

Pesquisadora – Mãe coruja!

Professora – É bem coruja mesmo. Esse meu lado de cuidar tem um pouco dela, porque ela cuidou muito de mim mesmo, assim sabe? Eu ainda estou aprendendo a ser professora. Eu tenho experiência mesmo como auxiliar de educação, então eu cuidava mais da criança. Em relatórios, essas coisas eu não tenho experiência. Mas de cuidar, dar banho, na outra escola eu cortava a unha, tirava piolho, era mais relação de carinho, de contato mesmo. Mais de perto. Aqui não é tanto, aqui a gente é professora. Acaba distanciando um pouco. Mas mesmo, na hora que chega, eu dou beijo, mas se eu estou de mau humor, não dou beijo. Ai eu estou chata, entendeu? Aí é uma coisa que eu não posso. Eu tenho que ser simpática sempre! (risos) Tem que receber as crianças bem. Aí eu falo só bom dia: “Bom dia!” Quando uma criança apronta, como o fulano, no outro dia eu falo: “bom dia, fulano”, e ele responde “bom dia!” E pronto. Aí depois a gente vai conversando. É como se eu tivesse falando “você fez coisa errada ontem!”.

Pesquisadora – Mas quando você está de mau humor, e não dá beijo, você sente que as crianças pedem ou não? Elas já entenderam que é o seu jeito mesmo e respeitam isso?

Professora – Não, eles já entenderam. Só as meninas! As meninas já me abraçam. Os meninos não ligam pra beijo, quando eu quero beijo eu pego, é na marra. Mas as meninas veem e me beijam, não tão nem aí se eu estou de mau humor ou não.

Pesquisadora – Você sente bastante diferença em relação a isso, as meninas e os meninos na relação afetiva?

Professora – Sinto. Os meninos não gostam de beijo.

Pesquisadora – Qual é a idade das suas crianças?

Professora – De quatro pra cinco. Então os meninos não tem esse carinho. É difícil. As meninas não, já mexem no meu cabelo, adoram mexer no meu cabelo. Ficam horas mexendo no meu cabelo. Mas os meninos não são carinhosos não. Eu tenho que pegar mesmo e chamar junto.

Pesquisadora – Mas você quando está com eles é igual com as meninas, ou já trata os meninos diferentes porque elas são mais meiguinhas e eles não?

Professora – Em relação de carinho é da mesma maneira. Se eles procuram é da mesma maneira, mas se eles não procuram muito, eu também não. Tem dia que passa o dia e eu também não procuro. As meninas não, às vezes eu tô sentada e elas: “ah, posso mexer no seu cabelo?”. Sabe assim, os meninos já não. Assim, se os meninos veem elas mexendo no meu cabelo têm uns que querem também.

Pesquisadora – Mas só se uma menina chegar?

Professora – É. Eles não têm iniciativa de chegar primeiro.

Pesquisadora – Você não tem filho, não é? É só você e seu marido? E como é sua relação com ele?

Professora – Ai... (muda o tom de voz como se não quisesse falar sobre isso) Meu marido, é... Sei lá... É até difícil de falar (a expressão do seu rosto muda totalmente. Olha para o chão e fica pensando).

Pesquisadora – Como pessoa, como ele é? Ele é mais durão, tímido, mais fechado? É uma pessoa melosa.

Professora – Então, eu transferi toda a responsabilidade pra mim. Porque assim, a mãe dele fez tudo pra ele. E eu passei a responsabilidade pra mim. Ele é um bebezão. Muito dependente de mim pra tudo, pra pegar roupa, pra fazer comida, pra fazer o prato. Isso cansa. Eu não gosto! Ele depende muito de mim. Agora carinho, eu já não sou. Eu sou que nem aqui, eu dou se me procurar. Se me procurar eu dou carinho. Mas se você ficar o dia inteiro do meu lado, eu não vou pedir também.

Pesquisadora – Mas ele também é assim. Tem horas que ele pede, tem horas que fica cada um para um canto?

Professora – É. Mas desse jeito de pedir eu sempre fui assim. A única pessoa que eu deito no colo sem pedir é minha mãe. Mas marido... Se ele não pedir, eu não ligo. Eu sou desse jeito. Só com a minha mãe, porque minha mãe me conhece. Só de olhar pra mim ela sabe se eu tô de bom humor, se eu não tô. Daí o marido não entende, acha que eu sou seca, ninguém entende. Eu tenho cara fechada! Sabe assim? Então as pessoas não entendem. Mas eu sou carinhosa, não sou de... (não termina a frase)

Pesquisadora – Você é uma pessoa acessível. Porque tem gente que é assim, a gente olha e fala: “nossa, que cara amarrada!” Essa daí deve ser difícil. Mas você é bem acessível, se coloca e se mostra sempre aberta para conversar e ouvir a outra pessoa.

Professora – Eu tenho essa cara, sempre fechada. Mas se você conversa comigo eu converso, não fico: “ai que saco.” Só que eu não procuro, entende? As pessoas que tem que me procurar. Eu não gosto, não sei, sou assim...

Pesquisadora – Você disse quando a gente começou com as vivências, não sei se você se lembra de que estava aprendendo a ser professora, que estava com problemas com a sua sala. Como é que você driblou isso? Eu sei que a diretora te deu um toque.

Professora – Ela me deu uns toques mais de organização. Ela observou nos meus relatórios que eu estava muito perdida. Eu os deixava fazerem que eles quisessem. Então agora eu organizei minha vida. Tudo tem horário, tudo tem regras, sabe assim. Eu estabeleço com eles. Por exemplo, depois que ela conversou comigo eu tomei a responsabilidade pra mim. Se a sala tá bagunçada então eu vou ter que controlar. Eu me canso mais, porque exige mais. Porque, daí, eu preciso pegar no pé toda hora. Porque antes eu deixava brincar com um brinquedo, eu vou lá e deixo. Mas agora não, agora não é hora desse brinquedo é do outro. E organizou mais. Mas a agressividade deles ainda continua, de bater um no outro. Diminuiu um pouco, uns 10%. Mas a organização tá bem mais fácil, bem melhor.

Pesquisadora – Ajudou pra eles estarem menos agressivos?

Professora – Por exemplo, o fulano que era muito agressivo encontrou um que bateu nele. Aí ele deu uma sossegada. Infelizmente. Ele viu que não era o dono da sala. Ele me dominava. Porque eu estava transferindo pra Marta, só que o problema é meu. Então, eu transferi a relação pra mim, é aqui que você vai ficar e tinha dia que eu perdia segurando ele até ele se acalmar. E aí, tem dia que ele dá as crises dele.

Pesquisadora – Ele é um menino amoroso, ou ele é sempre assim agressivo?

Professora – Aí eu chamo ele, ele é sempre agressivo. Não tem carinho. Você percebe que na casa dele não tem um contato de amor, só na pancada. Com as outras crianças é só na pancada, ele tá brincando de repente ele bate. Aí se eu quero carinho. Quando ele tá chato comigo não tem como dá carinho pra ele. Aí é uma coisa que eu não posso, teria que ser

sempre... Mas, eu chamo, abraço, do carinho, beijo. Mas infelizmente eu tenho que ser mais dura com ele do que com as outras, infelizmente. Com ele, tem que ser toda hora pegando no pé dele... Não posso dar um sorriso pra ele que ele já monta em mim.

Entrevista V

49 anos Professora de berçário II (32m50seg)

Pesquisadora – Eu penso que para você trabalhar com afetividade, você precisa entender como se dá essa afetividade na nossa vida. Como você lida com isso, qual sua relação com pai e mãe, marido, filhos. Se quando em casa, quando criança, você tinha essa relação mais afetiva com seus pais. Se tinha muito carinho, ou se era uma coisa mais distante. Me conte um pouco sobre sua experiência.

Professora – Sabe que eu não lembro, assim. Meu pai já morreu, tenho minha mãe viva. Dá minha mãe pouquinho, d meu pai, mais ou menos.

Pesquisadora – Antigamente o pai era mais fechado, né?

Professora – Meu pai não era muito não. Minha mãe já era mais durona. Mas eu era mais ligada no meu pai.

Pesquisadora – E como é sua relação em casa hoje, com seu marido, seus filhos? Você é uma pessoa mais carinhosa...

Professora – Não, eu não sou uma pessoa muito carinhosa. Mas sou afetiva, mas não assim de ficar melando, grudada, essas coisas, não.

Pesquisadora – Tanto com o marido, quanto com os filhos?

Professora – O mais novo a gente tem uma relação mais de cumplicidade. O Fabio é mais *truncado*. Mas tem carinho bastante, a gente se abraça, a gente se beija, o Juscelino também, ele é tranquilo, eu sou tranquila. Não vejo problema, mas não sou aquela pessoa muito melosa, se afeto é isso, eu não sou não.

Pesquisadora – Acho que abrange muitas linguagens. A gente fica achando que a relação de afeto é só o abraço, o beijo, e não é...

Professora – É o cuidado, do ambiente pra pessoa ficar bem, das coisas.

Pesquisadora – E como é sua relação com as crianças?

Professora – Essas crianças que eu estou lidando agora? Eu sinto diferença. Dos menores a gente parece que quer proteger mais. Mais eu gosto de abraçar muito eles, eu acho que o meu papel com eles é mais o afeto e a afetividade do que o trabalho... Tanto que no começo, quando eu comecei a trabalhar a gente brigou eu e a D. (outra prof.) por causa disso, ela falava que eu mimava demais as crianças.

Pesquisadora – Você ficava demais com eles?

Professora – Ficava por que eu vejo assim, pelo meu olhar eu vejo que criança ela precisa se sentir amada. Se você se sentir amada o resto tudo vai acontecer.

Pesquisadora – E você sente essa resposta deles? Desse seu jeito...

Professora – Sinto, sinto porque eles estão sempre grudados comigo, sentam atrás de mim. Respeitam, um pouco menos, porque eu dou muito mole com eles. Quer ver uma coisa que eu faço muito com eles, eu deixo... Como vou dizer... A Jaiane, por exemplo, um dia ela chegou chorando, só que eu não deixo ela ficar chorando. Eu tento entreter ela para ela pensar em outra coisa. Aí eu descii com ela, fiquei passeando com ela por aqui. Aí a hora que eu subi, ela já não lembrava mais disso. Porque a criança tem a sabedoria de esquecer rápido as coisas. Aí eu fiz isso, entendeu? Aí ela ficou bem. Aí eu fazia isso com todas as crianças. Eu não dou ênfase ao choro, que quero eliminar o choro. Depois que eu eliminar o choro, eu vou trabalhar o comportamento. Porque o comportamento, primeiro ela tá sofrendo, vamos cuidar do que tá doendo, porque o choro é a dor. Depois que você faz o resto.

Pesquisadora – Me fala um pouco do seu momento do banho com eles, que eu andei observando e eu acho um Maximo.

Professora – O banho eu vejo assim, eu poderia desenvolver mais a afetividade mais não dá porque o sistema é cruel. O sistema é cruel. São muitas crianças. E se você não trabalhar esse afeto, você se torna uma pessoa amarga. Fique um dia, quando tem um elemento estranho, agente muda o comportamento, a gente tem que ter mais cuidado. Tem horas que minha vontade é dar um tapa nessas crianças. Não por causa de manha. Porque eu não vejo a manha como algo ruim...

Pesquisadora – Mas eu vejo que você consegue na hora da troca, que é o momento da professora e do pequeno, esse negócio de você ensinar a dar um beijo... O agradecer.

Professora – Sabe que tem umas que nem precisa falar, elas já agradecem. Por exemplo, a Jaiane. Porque ela vem muito suja. Quando você dá banho nela e o sorriso dela vem aqui. (na orelha). E esse é o agradecimento, ela não precisa falar. O comportamento dela muda, o jeito dela muda. Depois do banho ela vem te abraça. Lembra que eu falei que eu ia fazer uma observação... Eu ia te explicar... Você já reparou que os parceiros não se comunicam durante as vivências, porque não tem afeto, só tem relação só suportável.

Pesquisadora – Na turma da manha, eu falei sobre isso, que afetividade não é só uma coisa que você cria com as crianças. Você tem que criar no seu ambiente do trabalho e isso cria um ambiente de harmonia e que as crianças possam sentir isso. A gente tem que criar esse ambiente. Você percebe claramente quando o entrosamento ocorre entre as professoras o trabalho com as crianças é outra, você vê a diferença nos pequenos.

Professora – Eu tive que mudar o meu olhar... Quando eu vi que não tava dando eu sentei e conversei: vamos fazer o seguinte uma semana você faz e uma semana eu. Aí mudou completamente. Porque eu vi que eu não sei trabalhar em dupla. Depois que eu tomei essa atitude, outro nível. Porque precisa sentir que está no comando da situação. E eu não preciso disso. Pra mim foi bom, porque tem que ter mais sabedoria ainda, pra entender a sabedoria o outro e respeitar. Mas eu vejo que...muito triste! Porque eu percebo que é um conhecimento tão ruim. Aqui entre nós. Até porque o meu conhecimento é bem mais amplo, o que eu quero do aluno, como eu vejo a educação, eu acho que a criança não é submissa. Você vai ver minhas fotos, vai ver o meu olhar. Isso daí mostra.

Pesquisadora – Até o espaço da sala, é a única sala que tem essa proposta, essa organização, esse espaço diferenciado.

Professora – Mas eu tive que trazer tudo isso sozinha. Porque o seu projeto não é o meu projeto! (falando sobre o trabalho em dupla na sala) Não adianta. Porque aí o mês que é o meu tem coisa mais livre, eu estou trabalhando dentro de um conceito respeitoso. Eu crio a oportunidade do aprendizado acontecer. Não é livre, não é qualquer coisa. Tem que tomar cuidado porque o livre é visto hoje como qualquer coisa. Eu crio a oportunidade, o espaço. Quando eu pensei naqueles banquinhos, naquelas mesinhas de papel com jornal, eu não pensei só naquilo eu pensei em todo o processo, nas cores, nas formas, ali tem todo um aprendizado, eu to trabalhando matemática, varias coisas. Eu sei que estou trabalhando isso, mas quem vê acha que é só uma caixinha. Por exemplo, não sei se você viu que tem uma caixa de sucata? Eu pensei em tudo, no abrir, fechar, coordenação motora, várias coisas.

Pesquisadora – Conversa alheia...

Professora – O que eu percebo, falando de afetividade, é que eles são muito violentos! Porque eu sempre trabalhei com educação infantil não como professora, porque eu sempre trabalhei como coordenação e direção, mas eu sempre trabalhei na educação infantil. Não acredito no que eu vejo.

Pesquisadora – Mas você acha que isso é por quê?

Professora – O meio. É uma hipótese, não posso fazer uma afirmação. Mas tem muita criança que vem de um meio violento e não é violenta. Olha, a criança de dois anos, você ta gravando, vou te falar o que ela falou pra mim. “sai daqui caralho!” dois anos, a Jaiane. Vai tomar no cu. Ela usa essa expressão. Ela ta repetindo o que ela ouve. Ela usa isso pra se defender, pra ela é a forma que a mãe se defende talvez do pai, e ela se defende dessa forma, ela ta repetindo. Aí, o que você fala: vamos usar palavras agradáveis? Mas que palavras são agradáveis? Eu não sei o que é agradável pra ela! Então eu to usando uma linguagem que ela também desconhece. Agradável, desagradável. Educar hoje é difícil. O conhecimento acadêmico nós temos. O que nós temos que ter é a sabedoria de conduzir esse processo que se perdeu totalmente o respeito. E a escola acha que ela é capaz de lidar

com isso, ela não vai dar conta. Por isso eu acredito que o nosso papel é trabalhar o comportamento e atitude com essas crianças. Quando eu elaborei o projeto **movepaz** que foi o curso que eu fiz, sei lá quatro dias, que eu fiquei encantada, porque fala sobre a paz na escola, e aí quando eu comecei ler sobre isso, assistir uns filmes dos ativistas, tudo isso, o que eles buscavam através desse comportamento, as atitudes. Não adianta falar de paz se eu não tenho.

Pesquisadora – É a mesma coisa com a afetividade, não tem como trabalhar com afetividade se você não é uma pessoa afetiva.

Professora – Aí eu montei um planejamento que, se você quiser depois eu te passo, porque você tem que começar primeiro com eles. Quem sou eu? Quais são as minhas características? O que eu posso fazer para melhorar o lugar que eu estou? Daí eu comecei: eu, e minha segurança, eu e minha professora, aí eu comecei! Só que você precisa trabalhar isso por dois três meses. É um processo, uma construção. Mas tem que trabalhar atitude e comportamento com eles. É isso que a gente precisa trabalhar neles. Porque se eles têm comportamento e atitude condizentes com o meio que ele vive eles vão ser aceitos, se eu sou aceito, eu sou amado, se eu sou amado eu vou amar! Não faz sentido? Agora porque às vezes a gente não tem problema com criança, porque elas são muito nojentas. Até uma criança de dois anos consegue fazer isso.

Pesquisadora – Elas são pessoas, não é porque elas são mais novas que você tem que vê-las como inferiores.

Professora – Mas faltou tudo pra elas. Mas tem criança que consegue. Tem criança que tem dois anos, parece que tem muito mais, e tem uma sabedoria. Eles têm uma sabedoria pra resolver os problemas e quando é de creche assim é muito mais. Você sabe que a minha pesquisa de mestrado foi sobre isso, sobre o discurso pedagógico, só tem discurso, não tem nada pedagógico, talvez você veja essa minha preocupação porque isso é muito forte. Porque aqui eu percebo assim, que quem se preocupa, porque eu quis uma escola nova, porque começa do zero, pra ver como é. E mesmo do zero eu vejo coisas que eu não gosto...

Pesquisadora – Porque tem um lado muito bom, porque as pessoas podem estar mais abertas, por todo mundo ser muito novo, na profissão ou na escola, mas tem o outro lado que às vezes você fica com receio e não se abre mesmo.

Professora – Mas eu já não tenho esse problema, já me abro mesmo. Você precisa ter amor. A Meire tem isso aí porque ela tem, eu vejo isso. Ela desestrutura e a Jaiane vai pro mesmo caminho (falando da Vitória). Eu que cuidava dela, eu que continha ela, sempre colocava ela de costa pra mim e colocava ela no meio da minha perna. Sempre eu fazia isso com ela, sempre com alguém presente, porque ela gritava, então tinha que ter alguém olhando. Você sabe que você tem que tomar todos esses cuidados porque pra você ser

denunciado são dois minutos! Tem que ter segurança. Teve um dia que eu estava lá e ela estava aqui. Ela arrumou uma discussão com o pai dela e ele pegou a mochila assim pra tacar na cara dela, eu sei que eu corri e disse não faça isso, por favor, não faça isso! “Então essa filha da puta vai ficar aqui” (pai da criança) aí eu disse, vem Vitória você vai ficar aqui que seu pai não quer que você vá. “vai tomar no cu, sua biscate, sua lazarenta” pra mim. O que, você vai ficar aqui sim. Ela fez até xixi em mim. Medo né! Daí eu disse, você fez xixi em mim, e agora, eu vou ficar pelada... Daí ela riu! Levei ela pra tomar banho, e dei um banho de meia hora. Aí ela acalmou. Porque o banho acalma.

Entrevista VI

Professora de berçário II (22 minutos e 28 segundos)

Pesquisadora – Aqui é mais um bate papo. Eu queria assim, uma das questões que eu trago com a minha pesquisa é que para trabalharmos a afetividade com as crianças precisamos entender como nós lidamos com a afetividade. Então, nesse momento aqui, eu queria que você falasse como é sua vida afetiva, com seus pais, se você tem irmãos, com seus amigos, com seu marido.

Professora – Eu acho que eu me dou bem. Com meu marido, me dou super bem. Se brigar nem é por causa de nós, as vezes é por causa da sogra, da situação. Mas entre eu e ele em casa a gente se dá super bem. Eu sou o lado falante, explosivo, e ele é mais calmo. Ele é mais calado. Mas ele me ajuda muito, ainda mais agora que eu comecei a fazer faculdade, tem que dá conta daqui e da faculdade, então ele me ajuda bastante.

Pesquisadora – Vocês estão a quanto tempo juntos?

Professora – Cinco anos fez agora em outubro. Casados. Namorei ele, dois anos e nove mais ou menos. Quase uns oito anos. Eu falei que passa tão rápido que a gente não percebe.

Pesquisadora – Mas vocês são carinhosos entre vocês?

Professora – Somos. Somos sim. E de conversar também, sentar e conversar, se tá com algum problema. Às vezes vejo que ele está muito quieto e pergunto se tá tudo bem. Porque ele não é muito de falar. Daí ele fala “Ah, aconteceu tal coisa. Mas o que adianta ficar falando..”, ele é mais prático! Mas eu, já aconteceu um negócio aqui “ah, porque isso e aquilo (imitando choro)”, já é mais drama (risos). Daí muda o dia, já tá tudo bem! Mas eu acho eu se eu não falar não sou eu! Com a minha mãe, assim, ligo pra ela, porque depois que eu casei sinto muita falta dela, tinha tudo na mão, minha mãe era mãezona! Até minhas amigas falavam “Até comida no prato ela põe pra você”. E eu quando casei não sabia cozinhar nada. Lavar, passar, limpar a casa, essas coisas eu sabia porque eu fazia em casa. Mas cozinha eu nunca fui muito assim, então eu ligava chorando “mãe como eu faço o

arroz, mas o que eu coloco”, e não é tão longe minha casa da casa dela, mas precisa ir de carro, a pé demora um pouco, então todo dia eu ligo pra ela. Meu marido até fala “ que tanto você tem para falar!”. Pergunto da minha mãe, do meu pai, todo dia a mesma coisa, dos meus dois cachorros. É todo dia assim! (risos) E o meu marido já não é assim! Difícil ele ligar pra minha sogra.

Pesquisadora – É só você de filha?

Professora – Não, eu e meu irmão mais velho. Dois anos mais velho que eu. Ele mora no fundo da casa da minha mãe. Agora ele comprou um terreno perto aqui de casa. Ele é mais próximo ainda, dá pra ir a pé. Eu não tenho muito contato, nunca fomos aqueles irmãos que faziam tudo junto. Ele não gostava muito de sair eu já não parava em casa. Ele gostava de ficar em casa e ficava pegando no meu pé, falava pro meu pai. Nós somos diferentes. Mas tudo bem.

Pesquisadora – Você disse que sua relação com seu pai é bacana?

Professora – É legal. Eu digo, tem discussão entre eu e ele, porque as vezes as ideias não batem. Ou se eu gasto dinheiro ele pega no meu pai, “você tem que guardar dinheiro”. Porque meu pai é muito assim, ele é muito pé no chão. Ele jamais gastar com uma coisa supérfluo, ele acha que tem que ter um dinheiro reservado, caso aconteça alguma coisa. Eu entendo isso. Eu acho que eu sou organizada devido ao meu pai. De tanto medo de não dar o dinheiro.

Pesquisadora – Ele já deve ter passado por alguma coisa que deixou ele mais cauteloso.

Professora – Na minha casa houve naquela época do plano Collor, ele perdeu muito dinheiro, meu pai ficou assim sabe a zero. Perdeu bastante coisa. E meu pai teve que aposentar cedo porque teve hipertrofia do coração. O médico deu assim meses de vida pra ele. E isso já faz dez anos. Porque resolveu emagrecer, porque ele gostava muito de comer, tomar cerveja. Gostava da pinguinha não sei com que. Mas foi o que o médico falou, ou você para com tudo e emagrece, ou ... Ele já não, parou, perdeu 25 quilos, 28 quilos, andando, tomando só água.. Foi barra pra ele mesmo. Porque dava aquela palpitação nele e assim, ele tava na rua, andando, ele tinha que deitar no chão. Pra dar uma acalmada. Daí sempre tinha alguém solidário que vinha. Ou passava e pensava, nossa esse bebeu todas. E ele tava passando mal na rua. Então ficava noite sem dormir, até que descobriu isso. Pra ele foi um baque na época.

Pesquisadora – Você estava em casa nessa época? Porque deve ter mudado bastante a relação de vocês.

Professora – Estava sim, muda mesmo. Fica aquela coisa. Não pode carregar peso, ele se sentia sem utilidade, vamos dizer (começa a chorar...). Mas eu dou graças a Deus que ele superou. Eu lutei muito pra chegar ate aqui também. Porque nunca nada caiu do céu pra mim. Eu me sinto uma vencedora! (ainda muito emocionada). Nunca tive dinheiro fácil na mão. Trabalhava pra ganhar mixaria, mas tinha que trabalhar. Não gosto de falar pra todo mundo, porque às vezes fica “ai, você quer...” Porque o mundo é muito competitivo. Até pra mim ter meu carro, lutei muito pra mim conseguir na época! Que quase todo mundo já tinha, e eu não tinha.

Pesquisadora – Aqui é uma escola nova, ainda não se criaram muitos laços. Vocês ainda estão se conhecendo. A adaptação do grupo demora. É diferente você entrar em uma escola que já está estruturada.

Professora – É, porque começou tudo agora, tá tudo se formando tudo junto. Mas eu espero que tudo se resolva, que fique melhor. Mas se tiver transferência, se puder, mas não por isso, porque eu queria uma escola mais perto da minha casa. Porque pra mim é longe. Mas aqui é complicado, é muita fofoca. Você senta pra conversa e “ah, fulana é isso, ciclana é aquilo”, fora que isso estressa a gente.

Pesquisadora – E é o que eu estava falando com você. É difícil a gente falar de afetividade se a gente não consegue distribuir isso na escola inteira, não só com as crianças, mas com as pessoas que a gente trabalha.

Professora – Eu falo muito isso, é difícil você passar afetividade quando você está num ambiente que, não digo as crianças porque elas são amorosas com a gente, mas entre os adultos eu prefiro me fechar e me calar, porque fica difícil, você nunca sabe se você tá ajudando se você fala bem, ou é melhor ficar quieta na sua. Ainda bem que eu e a Adriana, a gente tá se dando super bem, porque no começo a gente se estranhou um pouco, mas é normal, não conhecia, nunca tinha dividido uma sala, sempre trabalhei sozinha, porque cada uma tem seu pensamento, cada um tem seu jeito.

Pesquisadora – E como você vê essa relação de vocês com as crianças? Você já tinha trabalhado com crianças?

Professora – Como berçário não. A partir do MI (maternal – 3 a 4 anos) que eu sempre dei aula, o berçário foi novidade. Porque assim, o que eu tive que me policiar, porque eles são super dependentes, pra tudo, em tão você tem que ficar com aquela atenção maior ainda e redobrada, agora sim eu vejo uma evolução enorme deles com a gente, porque no começo até eles não queriam, se apegavam a mãe, no período de adaptação, agora não, eles chegam correndo com as mochilas nas mãos, de braços abertos, sorrindo, pra abraçar e beijar. Eu

vejo uma relação super gostosa. A gente tem que chamar atenção, porque faz parte também, mas é super boa.

Pesquisadora – E você é carinhosa?

Professora – Eu sou sim, eu agrado bastante e a Dri também.

Pesquisadora – Você sente diferença, assim, na sua relação, por exemplo, com os meninos e com as meninas, ou não?

Professora – Sabe uma coisa, na escola onde eu trabalhava eu era mais apegada as meninas. Mas aqui, eu não sei se porque tem mais meninas, eu me apeguei mais aos meninos. Me identifiquei com os meninos.

Pesquisadora – E os meninos são tão carinhosos quanto as meninas, pra você?

Professora – São sim, eles são bem amorosos. O David é um fofo...

Pesquisadora – Porque eu estava conversando com a diretora, que aqui com os meninos maiores, você percebe que tem uma diferença bem grande, as meninas todas chegam, abraçam, mexem no cabelo, e os meninos não são tanto assim, não sei se porque eles não são estimulados, pelas professoras talvez, em casa, ou já da cultura, da sociedade, na qual o homem tem que ser mais frio, forte. Não abraça, não beija.

Professora – É da pra ver isso. Tem uns que são mais quietinhos, mas daí acho que já é da personalidade. Mas eles também veem, deitam no colo, abraçam, pedem carinho, mexe na orelha da gente, mexe no cabelo, ou às vezes você fala assim “vem dá um abraço?” daí vem abre o braço e dá um abraço! E às vezes a gente também precisa de um abraço. Às vezes tem dia que a gente não tá bem com a gente mesmo e receber esse carinho é muito bom.

ANEXO III

RELATOS DAS VIVÊNCIAS

As falas aqui apresentadas foram obtidas durante as vivências para poder nos aproximar das professoras estudadas nesta pesquisa. Após a prática proposta pela pesquisadora, sentávamos em roda e conversávamos sobre as emoções e sentimentos, percepções, experiência e histórias de vidas despertadas pelas atividades. Não eram todas as professoras que falavam; algumas, um pouco mais tímidas, preferiam ficar em silêncio. Nessas gravações preferi não dar nomes às falas, para que pudéssemos refletir sobre o que está sendo dito e exposto pelas professoras como um grupo.

Encontros	Objetivo	Atividades
1º (02/08)	Conhecer o grupo	Apresentação da pesquisadora e intenção do projeto; Questionário sobre afetividade;
2º (16/08)	Integração do grupo	Apresentação do grupo: quem sou e como me “tornei” professora; Formação.
3º (30/08)	Desenvolver a percepção corporal	Brincar com uma bola imaginária. Perceber o espaço, o cheiro, a música, e seus movimentos; Conversa.
4º (13/09)	Vamos aguçar o nosso tato!	Com os olhos fechados explorar o espaço. Em duplas reconhecer expressões corporais através do tato. Conversa.
5º (27/09)	Entrar em contato com o outro	Proposta de alongamento com as professoras. Em duplas, percepção do outro, do cuidado. Conversa.
6º (11/10)	Massagem I	Massagem com bolas de tênis; Vídeo sobre corpo e movimento; Conversa.
7º (25/10)	Explorando os sentidos	Sem o auxílio da visão, através de objetos, comidas e instrumentos, trabalhar os sentidos. O que me toca? Trabalho com imagens, fotos. Conversa.
8º (08/11)	Massagem II	Massagem em duplas, vivência do toque.
9º (22/11)	Importância das emoções para o desenvolvimento	Brincadeira do envelope; Conversa sobre afetividade. Vídeo sobre <i>Henri Wallon</i> .
10º (06/12)	Discussão sobre o tema de estudo	Como trabalhar afetividade com as crianças? Onde? Porque? Trazer fotos sobre afetividade, toque, contato, no seu dia-a-dia na escola! Vídeo de <i>shantala</i> . Conversa e encerramento

Gravação 1ª Vivência

Primeiro momento com as professoras. Nos conhecemos e apresentei o projeto, minhas intenções de atividades e propostas para desenvolver com elas e com a escola. Nesse encontro deixei aberto para perguntas e dúvidas. Entreguei os termos de livre esclarecimento e imagem e os questionários de afetividade, com perguntas abertas para compreender a noção de cada uma sobre afetividade.

Gravação 2ª Vivência

Apresentação do grupo: quem sou e como me tornei professora? Após os relatos das professoras, fizemos um relaxamento.

Meu nome é Mariza e tenho 40 anos, trabalho há 20 anos com criança, sempre gostei de criança, é o que sempre quis fazer. Então eu tô achando dificuldade porque eu comecei agora na rede. Então, assim, tem algumas coisas que eu não concordo, mas isso a gente vai levando, algumas coisas a gente erra, e assim vai indo.

Meu nome é Carolina, tenho 33 anos e faz 15 anos que eu dou aula, só que era particular e agora que eu entrei na rede publica e sinto dificuldade também, porque era tudo diferente e estou nessa área porque gosto, sempre gostei.

Eu sou Lívia, 25 anos, entrei nessa área meio por acaso, uma tia minha falou “olha sua prima tá fazendo pedagogia, você não quer?” Aí acabei gostando, pra mim também é novo, meu primeiro ano na rede, sempre fui estagiária. Então a responsabilidade aumentou mais, ah... Aumenta tudo, trabalho. Então é um pouco, Tá sendo dificuldade pra mim, tá tendo dificuldades, mas vamos levando.

Me chamo Fernanda, tenho 23 anos, é sou... Me formei ano passado, então nunca trabalhei como professora, meu primeiro ano assim, estou gostando bastante, porque eu sempre quis pôr em prática tudo que eu aprendi... claro que a gente tem dificuldade, falta de experiência, tudo, mas assim, tá sendo uma experiência que eu estou amando, assim, quero sempre ser professora, assim, sempre passar um conhecimento.

Meu nome é Patrícia, tenho 23 anos e trabalho com criança desde os 16, me formei em 2009, mas tinha experiência como estagiária. Ano passado trabalhei como professora substituta, esse ano tô na rede, sempre trabalhei na prefeitura, tô amando, amo o que eu faço, adoro o que eu faço, amo minhas criança, amo trabalhar com criança, e não tô aqui por acaso, tenho uma grande referencia que foi uma professora minha, foi ela que me ajudou a entrar na faculdade, me formei e estou adorando o que eu faço.

Tenho 24 anos e me chamo Alice. Faz seis anos que trabalho, mas 3 anos como professora o resto era auxiliar. Também estou... senti bastante dificuldade quando eu entrei, é meu primeiro ano na rede, essa daí Oh, essa daí mesmo foi meu grande desafio, foi meu grande desafio, e

ainda é, né, mas graças a Deus tá bem melhor do início (se referindo a garota Vitória.) E eu também adoro o que eu faço, me identifico muito com as crianças e é isso daí.

Sou Ana Clara, tenho 45 anos, faz 20 e lá vai e um pouquinho mais da coisa, na rede também é o primeiro ano, é... como disseram, nada é por acaso. Eu tinha prestado os concursos e não tinha passado mais nova. E devido uma separação, eu prestei logo depois da separação, e assim, com todos os anos sem estudar, já parada e eu passei nesse concurso, então eu acho que nada é por acaso. Só que a minha vida, (pausa) minha carreira inteira foi em escola particular, então na prefeitura também é a primeira vez, então tenho muitas dificuldades, muitas ainda...

Tenho 25 anos, me chamo Julia e desde 2005 que dou aula, mas minha experiência maior é no ensino fundamental e ensino médio, então, minha filha, o infantil tá sendo um desafio e logo de cara pegar o berçário deu um.., né! Então, estou com dificuldade, mas Graças a Deus, eu tenho uma parceira que tá me ajudando bastante. Sempre assim imaginei ser professora, então não me vejo fazendo outra coisa.

Meu nome é Carla e tenho 28 anos, meu primeiro ano também como professora. Trabalhei 3 anos como estagiária no berçário, estou no berçário. Então... amo o que eu faço, é o que eu sempre quis ser, desde pequenininha era professora, professora, professora...Graças a deus, consegui.

Meu nome é Vanessa e trabalhei, estou há 13 anos na rede, só que entrei como monitora. Cai meio de paraquedas, não sabia, porque, aonde eu tava, só que me achei ali. Daí, fiz pedagogia.. Prestei o concurso, e esse é meu primeiro ano como professora. Mas adoro o que eu faço.

Meu nome é Camila, tenho 31 anos. É primeira vez, né, no público, sempre trabalhei em escola particular, e faz uns 10 anos que eu dou aula já. Desde os 10 eu falo que eu brincava de escolinha e dava aula pra minha avó. Então tinha aquela lousa e escrevia, minha vó não sabia e eu ensinava ela, com 10 anos.

Me chamo Lucia, tenho 43 anos. Eu dei aula pro ensino fundamental, comecei no ensino fundamental, assim por acaso... Entrei, porque me convidaram, aí eu vi que gostava. Aí comecei... Fiz um curso de matemática, do curso de matemática daí fiz pedagogia, fiquei um bom tempo... Nunca trabalhei com os pequeninhos, é meu primeiro ano, pra mim tá sendo um desafio trabalhar, me sinto ainda muito perdido com os pequenos. E eu acho que assim, eu sinto que eu deixo muito a desejar, né, eu não consigo me interagir ali com os pequenos. Então eu tenho que aprender muito para tá um pouquinho melhor com eles.

Eu sou a Beatriz, tenho 27 anos. Escolhi ser professora por um sonho, desde pequeninha eu queria ser professora. Minha mãe sempre perguntava “o que você quer ser quando crescer”, “eu quero ser professora” e consegui. Esse ano eu consegui, porque eu só era auxiliar de professoras e aí esse ano eu consegui. Como a Tereza disse eu tô meio perdida também, mas a gente se encontra, viu Terezinha, eu acho que sim. Hoje pra mim tá sendo uma descoberta a cada dia, um desafio a cada dia. Vamos vencendo esses desafios.

Quando eu era pequena, eu brincava na calçada com minhas amigas e elas nunca deixavam eu ser professora, sempre elas ficavam com a lousa e com o giz e eu sempre era aluna. E aí eu voltava dentro da minha casa frustrada e ficava escrevendo na porta da minha mãe as lições que as professora passava na sala de aula que eu ensinava na porta, meu pai chegava, ficava bravo mas deixava. E isso ficou na minha cabeça. Comecei a fazer um curso de contabilidade e minha mãe falou “porque você não faz então magistério, né?”, “não, não, não”... Fui insistindo, insistindo, insistindo, até que um dia chorando lá, minha mãe falou: “vai no SUDE fazer”. Aí eu tentei, voltei no ano e fui no SUDE fazer magistério. Adorei, amei. Aí já comecei a trabalhar já no infantil. Já fiquei no infantil... Já tive experiência no berçário, que na época eu trabalhava na escolinha de educação infantil e lá tinha berçário e nas férias das meninas que davam certo com as minhas, daí eu ficava lá um pouquinho. Eu gostei. Já fiquei, dei aula até no ensino médio também. Tenho experiência até no jardim 2 que eu estou, e eu vejo que mesmo já estando no jardim 2 a história é diferente, a época é diferente, então... estou adorando estar na prefeitura, que era um sonho. Ah, eu sou a Laura e tenho 35 anos.

Meu nome é Taís e tenho 22 anos. Ser professora foi assim, porque desde pequena sempre gostei de criança, de bebê. Daí, né, o que eu vou fazer, o que eu vou fazer... daí eu escolhi pedagogia. Não foi fácil, porque meu pai não queria, porque ganha muito pouco... E eu gosto, e eu vi que comecei como estágio, né daí na prefeitura era o que eu queria mesmo. Mas eu estou achando gostoso aprender, colocar no papel.

Eu sou a Luiza, tenho 28 anos, entrei nessa, né, profissão por acaso, então. Eu queria ser dentista, e aí por acaso eu me identifiquei bastante e abri mão da odontologia, eu tinha passado em algumas universidades e, daí eu deixei pra traz e fui seguir essa carreira. E hoje eu me identifico bastante com eles, eu acho que eu amei. Valeu a pena.

Tenho 42 anos, me chamo Raquel. Comecei a fazer pedagogia agora, não faz muito tempo. Que eu mudei de faculdade faz dois anos. Trabalhava numa metalúrgica, ficava trancada o tempo inteiro e saí, porque meus filhos nasceram, mas ficar em casa pra mim, embora eu faça uniformes, né, mas ficar em casa...não, tá faltando alguma coisa. E eu gosto muito de criança, então daí comecei a fazer pedagogia e adorei! E estou trabalhando no berçário e estou amando os pequeninhos.

Bom, meu nome é Elisa, tenho 49 anos. Eu sempre trabalhei com educação não infantil: no ensino superior, ensino técnico e ensino médio. Eu atuo em todas as áreas, só que educação infantil eu vim por opção, porque eu tenho outros objetivos. Mas eu estou gostando. Mas eu vejo que a instituição pública ela é muito cruel, ela judia muita da profissão. Eu estou participando de um curso que eu estou lindando com professores que já estão na rede há muitos anos. E o que eu observo neles é uma fala muito amarga, muito triste. E eu tava até comentando que se eu me tornar uma pessoa amarga assim eu não permaneço nessa instituição. Eu acho que a única coisa que eu vejo aqui: ela tem todas as tendências para fazer com que o profissional se torne uma pessoa amarga e triste, então nós temos que tomar muito cuidado com isso. Porque é muito cruel, porque você colocar o tanto de crianças dentro de uma sala como eles colocam é judiar muito do profissional competente, porque o incompetente faz de qualquer jeito, não está preocupado com isso. E ele não fica, às vezes ele não fica... Eu sempre quis ensinar, a minha auxiliar disse que eu sou muito mandona. E hoje eu tava conversando com ela e eu disse pra ela, vem aqui, senta aqui comigo.... É fácil falar que você é mandona, eu não sou mandona, eu gosto de ensinar. Agora com os pequenos eu não me sinto muito a vontade, eu não tenho muita autoridade, se eu pudesse, eu deixava eles fazerem o que eles quisessem. Porque eu acho que a criança não tem que ser adulto, e a gente trata ela muito como adulto.

Meu nome é Letícia, tenho 24 anos. Eu fiz magistério, entrei mesmo pelo fato de gostar da profissão, de "vou ver" se é isso mesmo que eu quero. Gostei, porque era aquilo mesmo. Fiz a faculdade, me formei. Trabalhei sempre com educação infantil, nunca trabalhei com outra... Só no estágio, que daí trabalhei, fiz estágio na primeira e segunda serie. Achei muito interessante, outra realidade. Porque eu sempre trabalhei com o maternal 1 e 2 e daí eu vi que no fundamental eles são muito mais independentes, eles vão no banheiro sozinhos, é outra realidade. Eu trabalho a tarde numa instituição privada, a realidade é extremamente diferente. E pegando a fala da Ana também, eu acho, assim, que essa realidade nossa de prefeitura, essa questão do público, massacra a gente mesmo...acaba deixando a desejar pra nós. E assim a gente não consegue desenvolver o trabalho com a criança e elas que acabam sofrendo com isso. Mas em relação a profissão, é isso mesmo que eu sempre quis. Nunca tive em mente fazer outra coisa... Eu nunca me vi fazendo outra coisa. É realmente o que eu gosto.

Me chamo Joana, tenho 23 anos. E eu entrei pra fazer pedagogia, assim, porque eu queria fazer jornalismo, aí não ia dá, não deu muito certo e entrei na pedagogia porque eu tinha que achar alguma coisa, não podia ficar sem estudar. Aí comecei a fazer faculdade, no primeiro semestre comecei a trabalhar numa escola que eu amei, trabalhei 3 anos lá, e lá eu me encontrei.... Aí esse ano é meu primeiro ano como professora, sempre trabalhei como auxiliar. E gostei.

Eu sou a Joyce, tenho 36 anos. Trabalho com ed. infantil há pelos menos 18 anos. Trabalhei sempre na rede particular, é meu primeiro ano na prefeitura e meu primeiro ano como professora do berçário. Tô adorando trabalhar com os bebês, trato eles como se eles tivessem 4 anos de idade, e eu sou a autoridade lá da sala. Já tentei fazer outra coisa da vida. Mas não deu certo e deu certo no magistério.

Meu nome é Viviam e tenho 40 anos. Assim, tô na área da educação desde 2007, mas assim como estagiaria, depois como orientadora de alunos e agora com professora. As pessoas às vezes dizem pra mim que às vezes eu sou muito seria em relação às crianças. Mas é assim, eu não penso assim. Porque como eu trabalho numa classe que o normal seria 17 crianças e minha classe esta estourada com 19, então assim meu trabalho tem que ser constante... Então assim, tem hora que tem que ser rígida, tem horas que não. Tralhava com deficientes, eu amava. Fazia o curso, fui chamada nos dois ao mesmo tempo e na hora de pesar... escolhi aqui. Eu estou gostando, logicamente que é difícil, mas é aprendendo que eu vou cada vez melhor.

Todas as professoras estão pela primeira vez na rede pública. Algumas com muita experiência de sala de aula, outras pela primeira vez como professora. A diversidade é muito grande, o que, em alguns casos é muito bom, pois existe uma cumplicidade entre elas para o trabalho conjunto com as crianças. Mas, em outros casos, umas exigem das outras uma postura mais profissional, de maior comprometimento! A falta de experiência te abre para ouvir e estar disposta a descobrir esse mundo da educação infantil. Porém a falta de preparo, de informação ou mesmo de vontade, pode também comprometer o trabalho desenvolvido com as crianças. É difícil pensar no trabalho pedagógico sem ter noção de como lidar com crianças, quais as atividades mais adequadas para o desenvolvimento integral dos bebês! Aí entra a função da diretora, que também em sua primeira vez nessa função na rede, tem uma atuação presente junto as professoras. Em seus 20 anos de experiência como professora de diferentes estágios da educação, ela consegue passar e direcionar o trabalho das meninas para uma proposta pedagógica que vai de encontro com o que defendo neste trabalho!

Comentários durante nossa conversa:

"As pessoas pensam que é fácil trabalhar com criança..."

"É só brincar...você não faz nada.."

"No meu ano, muita gente desistiu, porque vê que não é aquilo que quer, que não é fácil"

Relaxamento

"Eu travei um pouco na hora do movimento. Porque, apesar de eu ser bem comunicativa em certas situações eu... então muitas pessoas olhando meu movimento eu acabei me travando um pouco...estar sendo observada..."

"É porque nessas horas a gente consegue mostrar mais um pouco da nossa personalidade. Então quem tem mais essa facilidade... se movimentou mais, se expressou, se comunicou. Mas eu já sinto dificuldade, por que sou mais (tímida)."

"E quando você está sendo observada como a Wedja disse, fica mais difícil. Eu não sou tímida, mas aqui fiquei um pouco."

Pesquisadora: São jeitos diferentes de se expressar! Cada pessoa tem um jeito de se mostrar. O corpo guarda todas as nossas vivências, as coisas boas e as ruins. Às vezes a facilidade em falar mostra uma dificuldade de se expressar com as linguagens corporais.

A proposta de hoje era essa: que vocês parassem um pouco para perceber como estão hoje, de como foi difícil trabalhar a percepção corporal apesar de trabalhar todos os dias com as crianças, que tem uma linguagem corporal tão presente. Ela está descobrindo seu corpo físico, os limites, está conhecendo o mundo através dos movimentos e dos gestos. Não é só uma dificuldade do adulto que já deixou de se observar, de trazer o foco para si. A criança também está descobrindo esse *corpo eu*. A ideia é que a gente redescubra essa percepção corporal, que não paremos de brincar, brincadeira não é só coisa de criança. Brincadeira talvez seja a oportunidade de levar a vida mais leve! Vocês aqui reclamaram sobre o dia-a-dia- na rede pública que é difícil... Mas porque a gente não brinca no nosso dia-a-dia? Porque a gente não faz coisas que deixam a gente mais leve?

"Eu consigo sentir mesmo meu corpo quando eu coloco ele no colchão e deito. No dia-a-dia é muito corrido, você acorda, faz isso, trabalha, pega filho na escola, cuida da casa. Não dá pra você observar o corpo. É muito corrido, daí você acaba esquecendo o corpo. Mas isso é interessante, para um pouco pra pensar!"

"A gente espera ele se manifestar." "Quando tem dor...lembra!" (falando do corpo)

"A noite quando você chega em casa que você senta, que ta doendo tudo."

"Eu acredito. Eu consigo mesmo sentir meu corpo na hora que coloco no colchão e deito. O dia-a-dia é muito corrido...Então, na hora que senta, que acaba sentindo...Por causa da correria,

“você acaba esquecendo do corpo. Tentar não esquecer. Porque é importante pensar no corpo.”

“As vezes você até percebe que não está bem,...mas tem que fazer. Os obrigações não deixa você parar. Tem que agüentar. Na correria você não para pra pensar.”

Quando perguntei sobre quem fazia alguma atividade física, apenas duas delas responderam que sim.

“Doi tudo!”

“Eu senti tudo aqui (pescoço). Como se tivesse um peso, uma canseira tão grande no corpo, que você sente a necessidade de ficar parada. E no momento que você falou sobre para observar esse ombro, esse pescoço que carregam os problemas, a cabeça! Eu comecei a pensar, você começa a pensar em um monte de problemas, e você sente essa carga!”

Pesquisadora: Vocês param para observar esse corpo, ou só fizeram isso aqui hoje porque foi proposto?

“Quando ele doi... Daí eu paro para pensar o que deve estar acontecendo.”

“Eu acho que é difícil parar pra pensar nisso, eu não faço (no corpo).”

“Eu pensei na hora: eu acho que nunca parei pra pensar assim, em cada parte do corpo. Você falando das partes a gente sente, mas no dia a dia, eu nunca parei pra pensar!”.

“Eu fiz um curso de segurança do trabalho, eu fui contar quantas vezes eu vou levantar essa criança todo dia. Eu fiz uma escadinha pra criança subir porque se eu for fazer isso todo dia eu não aguento. Meu corpo não aguenta. Essa daqui travou. Você tem que ter noção do que seu corpo é capaz de fazer pra você não sentir dor. Porque se meu corpo tiver bem minha mente está bem. Eu observo bem minhas ações. Porque lá na frente você vai sofrer. Criança pequena se a gente não observar você não agüenta. Por isso que tem amargura. Eu tô observando a amargura por causa da não observação do seu trabalho. Eu tenho que saber qual que é o meu trabalho. Que tipo de atividade eu vou realizar pra não chegar ao final com amargura.”

“Porque nos que trabalhamos com berçário, nos temos que fazer vários movimentos durante o dia, e você tem um determinado tempo pra fazer aquilo. Daí você tem que pegar a criança, você não para pra pensar, você pega mesmo! Você tem que dar banho em todas as crianças. Daí você não para pra pensar no que você tá fazendo. Agora eu paro e penso, o quê que eu estou fazendo de errado. Eu paro e penso.”

"Porque você só pode dar amor se você tá bem, se você não tiver bem você não consegue tratar o outro bem."

Pesquisadora: Quantas vezes, quando faz algo que gosta, que te dá prazer, você segura, não cansa. Mas a gente também precisa cuidar da cabeça, entender. Vocês que lidam com crianças, tem crianças aqui que tem uma realidade sofrida e isso mexe com vocês. Isso pesa e fica perceptível na expressão corporal de cada uma. Quando eu falei das mãos que tocam essas crianças, que estão recebendo essas energias era para pensar sobre isso. E aquela criança que traz aquela emoção pra vocês. Não é fácil a gente segurar isso, e vocês seguram. Porque são vocês que estão com elas o dia todo.

"Eu acho que quando a gente entra aqui na escola a gente tem que deixar todos os nossos problemas na entrada. Se nós estamos estressados, tudo aquilo que a gente traz com a gente, deixa lá fora. Logicamente que o corpo vai sentir, mas a parte psicológica sim. A criança te estressou? Deixa lá fora que logo evapora. Porque não dá pra conciliar."

"Isso só vai mudar o dia que vocês tomarem consciência da ação que vocês estão realizando e todo mundo fazer um movimento. Aí vai mudar!"

Gravação da 3ª Vivência

Assim como as crianças, nesta vivência, traremos o foco para nós, ficaremos imersos em nossas sensações, sentimentos, expectativas. É importante a percepção do corpo a partir dos movimentos, com a música, com o cheiro, com a temperatura do ambiente. Conversa sobre a vivência. O que sentiram? Lembraram-se de alguma coisa? De alguém? Como sentiu o ambiente. Interferiu? Qual a sensação de estar se relacionando com algo invisível? Como foi? Fácil, difícil, por quê? Quais os sentimentos durante os movimentos?

"Parece que quando a gente vai crescendo vai perdendo um pouco o que era ser criança, o que é brincar com o imaginário, o que é inventar, parece que vai limitando um pouco a gente nessa questão. Porque eu vejo meus alunos, eles brincam com um pedacinho de papel, que tem no chão e eles imaginam, no parque eles imaginam que um túnel é a casinha do lobo mau e pra gente a gente vai perdendo isso conforme a gente vai crescendo, se tornando adulto."

"Pra mim foi bem difícil, porque essa questão do imaginário mesmo. Tipo, que nem a Ane falou, você perde aquilo. E, eu nunca parei para brincar com uma coisa imaginária, assim depois que né..(cresceu). Faz muitos anos. Então foi uma coisa que eu fiquei meio limitada mesmo: como é que eu faço? O que eu faço?"

"Você fica sem graça"

Pesquisadora: O quanto estamos presos ao material, o imaginar tem que estar ligado a algo real: uma bola com uma cor, um tamanho, de plástico, bola de algum esporte. Ficaram mais preocupadas em saber como era a bola do que com a diversão, o movimento, a brincadeira em si.

"Fiquei pensando como é que seria essa bola? Não precisa ter uma cor Porque a gente se preocupa com a cor, o que fazer com essa bola..."

"Como brincar com uma bola imaginária? Brincar como? Como inventar uma brincadeira com essa bola? Jogar na parede? No chão?"

"A criança não tem isso, ela não se preocupa, independente disso eles brincam... porque num minuto é uma bola, um segundo depois é um avião..."

Pesquisadora: Alguém de você foi longe, de lembrar de algum momento na vida, de alguém?

"Lembrei da minha filha brincando..."

"A minha bola era aquelas coloridonas que tinha no posto."

"Já não sei mais brincar"

"Pra mim foi difícil, eu não consegui imaginar. O lance de me locomover, pra mim foi difícil, eu sou mais presa, então se mexer é difícil."

Pra mim foi difícil também, esse de imaginar. A criança é mais fácil de usar esse imaginário, ela faz a bola e essa bola vira outras coisas facilmente. Ter que imaginar a bola, eu fiz meio que mecânico, não consegui me soltar.

Eu adorei, lembrei até do dia que eu jogava queimada na escola.

Eu me senti bem, foi um momento que a gente se solta. É um momento que deu pra me soltar, porque você é o adulto e muitas vezes você tem que se barrar. Você tem que segurar, porque se deixar muito livre algumas coisas saem do lugar. E aí você acaba se prendendo. E esse momento eu pude me soltar, aproveitar. Eu gostei bastante.

Eu também gostei, lembrei da época que eu jogava vôlei na escola!

Pesquisadora: A gente fala da criança, como sendo algo tão distante. Todo mundo já foi criança!

"Acho que tem a ver com a nossa imaginação. A gente, né Keila, que teve o privilégio de conviver com isso muito. Ter pessoas que mostrou esse lado. Então despertou, porque a gente precisa ter alguém pra despertar isso na gente."

"No faz de conta a criança ela brinca, mas se tiver alguém que entra no faz de conta dela ela vai longe. Por isso você quando observa as crianças brincando no faz de conta... esquece que elas vãoooooo..."

"Na minha época de escola, minha vida era jogar, se pudesse ia à educação física a semana inteira. Então eu fazia muito vôlei, basquete, e o pessoal gostava de me escolher porque tinha pernas mais comprida, eu gostava de correr, pular! E agora, quando veio essa atividade onde eu poderia desenvolver um pouquinho assim daquilo, porque assim, hoje, não amanhã, mas hoje, eu estou num momento mais travada da minha vida, então assim, eu fiquei triste, porque eu não podia ficar abaixando e levantando muito, porque eu estava me comprometendo fisicamente. Entendeu, daí eu fiquei triste. Não é tanto por causa da idade, porque assim, eu vou falar uma coisinha rapidinho aqui, eu tive que parar de tomar um medicamento(ela teve câncer) pra fazer uns exames que eu preciso fazer, então ele começa a travar, então eu tô de um mês pra cá eu tô assim, comecei a sentir muitas dores nas juntas então agora no momento, quando eu começava a levantar o braço doía aqui, e daí eu fiquei triste porque eu pensei cadê aquela que pula, corre, então assim, é complicado!"

"Eu acho que eu me soltei bastante aqui, porque quando eu era criança eu nunca me dei bem com esporte, ao contrário dela, então eu acho q me senti mais a vontade aqui, sabe imaginando como a super estrela do time, sabe assim, é onde eu me realizo... Eu não, eu sempre ficava ou apitando o jogo, ou marcando os pontos."

"Na minha época de escola, eu fazia tudo e ganhava tudo. Não tinha algo que eu não fazia. Até bambolê, quando fui brincar com as crianças elas perguntaram se eu sabia!"

Gravação 4ª Vivência

Essa vivência foca a integração do grupo. Terão que tatear o rosto, o corpo, para entender qual a emoção expressada pela dupla. Conversa sobre a vivência.

Observação: Muito receio de andar pelo espaço! Era como se elas estivessem perdendo o chão. Algumas nem conseguiram ficar de olhos fechados e *roubavam* abrindo de vez em quando os olhos. Outras se batiam e não estavam nem aí. Difícil ficar calada! Meire e Adriana ficaram bem confortáveis. Josi ficou bem quieta, escutando tudo, sem falar. Ao som do chocalho o tumulto e o desespero de encontrar alguém para não ficar sem par! Algumas não encontraram num primeiro momento e ficaram mal. Como se estivessem sozinhas mesmos, abandonadas, rejeitada! Para fazer as expressões, muitas nem tentaram direito. Muito difícil. Pensavam e tentavam fazer mas não saía nada. Como foi difícil por pra fora a emoção a ser expressa! Cassia fez com todo o corpo, a única, as outras ficaram só no rosto! Difícil concentração.

Pesquisadora: O que foi mais difícil?

"Andar de olho fechado!" todas respondem

"você não sabe para onde está indo, não tem segurança, dá medo."

"Tem uma sensação de que sempre tem algo na sua frente! Dá uma aflição!"

"Você fica com receio de se machucar"

"Insegurança! Quando você enxerga e sabe o que tem ali. Eu tenho insegurança!"

Pesquisadora: E encontrar alguém, ou não encontrar?

"Sensação horrível não encontrar ninguém!"

"Quando você faz o barulho, dá uma angústia, tipo, quero achar alguém, cadê?"

"Eu fiquei sem ninguém... Foi muito chato, me senti abandonada."

Pesquisadora: E é fácil saber a expressão que a pessoa tá fazendo?

"Eu pensei logo no cego! Como é difícil!"

"Você pensa no que quer fazer, mas parece que não sai! Quando não estamos olhando para a pessoa, é difícil saber como ela tá sentindo. O corpo fala, a gente sabe, mas a gente esquece de olhar para isso."

"Acho que como a gente tá acostumado com a visão, deixamos de lado todos os nossos outros sentidos, o cheiro, o tato, a audição... Aí, quando temos que olhar para isso, fica difícil! Perdemos essa sensibilidade."

Gravação 5ª Vivência

Aproximando as professoras - Escolhendo uma dupla, fazer um alongamento passivo. Ou seja, uma professora alonga enquanto a outra recebe o cuidado. Pernas, braços e coluna. Explorar as sensações. Perceber como é ser alongado por outra pessoa, e o cuidado que vem do outro.

Alongamento! Formamos as duplas! Mais tranquilo o momento. Todas ficaram mais tranquilas, e entenderam a proposta. Foi difícil sentir o corpo do outro. Uma preocupação de machucar, então não colocavam muita força, ficavam sem jeito. Logo se notava as mais entrosadas, que conversavam durante o alongamento, perguntando se estava bom assim, se podia ir mais, se tinha chegado no limite. Outras nem conseguiram fazer. Terezinha não parava de rir, desconfortável com a situação. Luciana que era sua companheira sentindo o nervosismo, não conseguiu se concentrar e ficou rindo também. Saiu para ir no banheiro e voltou mais tranquila e fez o alongamento na Terezinha. Mesmo assim, Terezinha não conseguiu ficar tranquila. Isso no começo desconcentrou o grupo, mas depois as duplas ficaram mais tranquilas e se concentraram na proposta.

Pesquisadora: Como foi alongar alguém?

"Deu pra relaxar bastante!"

"Tem os dois lados, é bom na hora que você tá deitada, só que na hora que você tá fazendo você fica meio, eu fiquei meio assim, eu não sabia qual era o limite dela. E quando eu perguntei se ela estava sentindo e ela disse que não, mas eu perguntei na hora se estava bom e ela disse que sim!"

"Esse negócio de relaxar assim, o primeiro momento você não fica tão relaxada! É difícil ficar relaxada de começo."

"É difícil deixar o outro tem alongar"

Pesquisadora: É fácil deixar ser alongada?

"Difícil o cuidado com o outro!"

“Para mim não foi difícil. Mas eu senti que pra ela foi!!”

“Isso que você tá falando é legal não só no sentido do corpo, mas das ações também. As vezes o outro chega e quer que você adivinhe se você tá bem ou não. Eu já cheguei falando que eu não tava bem hoje e ela já entendeu e se preocupou: ela não tá boa, vou tomar cuidado com ela! Porque a gente precisa falar o que tá sentindo. E tem muita gente que não conseguem fazer isso e daí quando estoura, estoura mesmo!”

“Eu já lembrei da amizade na minha sala que eu tô trabalhando e precisando!”

“Eu percebi que o carinho de tocar, todos os dias eu tenho que ganhar beijo. E eu percebi que no pegar, tem crianças q assustam, porque talvez não estão acostumados, pois o único toque que recebem é o apanhar!”

Gravação 6ª Vivência

Percepção corporal! Trabalho de massagem com bola de tênis.

“Não sei se é o mesmo que ela gosta, mas eu pensei assim, nessa região, assim no meio das costas”

“Nossa, aqui é muito bom (costas)”

“A gente tem bastante utopias. Porque todo mundo aqui acredita, porque se não acreditasse não estaria aqui! Se a gente pudesse fazer metade do que eu tenho em mente, nós estaríamos felizes. Pra gente fazer essa atividade com bolinha, é muito complicado! A gente até poderia fazer, mas....a gente tem que começar, né!?” (Elisa) – resistência

“Mas como você vai fazer para fazer a pesquisa se você não vê a gente em sala de aula?” Elisa – questionamento!?

“A gente pode programar e você vem observar” Elisa – proposta para poder ver o que está sendo feito e como.

“Porque as vezes, é legal, no berçário, eu com a Dani, quando a criança começa a ficar muito agitada, pra eles acalmarem um pouquinho, quando dá né, não é sempre, enquanto uma está sentada fazendo um acalmar, ela fala vem aqui jonatan, senta aqui que tá na hora de você acalmar! E Só que a gente não tem isso, a gente tá tendo isso porque você tá propondo” Elisa

Pesquisadora: E como foi receber? É mais fácil receber a massagem do que o alongamento?

É bem melhor!

“É bem mais gostoso receber do que fazer”

“Eu gostei de fazer também”

“Você acaba procurando no outro o ponto que foi bom pra você!”

“Eu me sinto bem fazendo e recebendo.”

Pesquisadora: E pra quem tá fazendo, não é bom também!?

Algumas disseram que gostou bastante!

“E essa sensação, depois. Pois quando você tá fazendo, você sabe que está fazendo uma coisa boa para o outro, e aí é um cuidado! A gente fala do cuidar!”

“É uma responsabilidade fazer no corpo do outro”

Pesquisadora: Será que não daria para fazer essa massagem com as crianças?

“Dá sim, talvez teria que ser menos tempo, mas acho que dá”

“Com meus alunos daria sim, acho que seria legal. Os meus que são maiores dá pra fazer um no outro.”

Pesquisadora: e quando eles são menores, dá para usar uma bola maior, com menos peso e mais maleável, que não machuca. Eles vão sentir mais.

“Eu fiz isso com a bexiga de água, mas deu certo. Eu expliquei tudo certinho que tinha que tomar cuidado, então deu certo sim. Eu fiquei com medo que a bexiga estourasse mais eles tomaram cuidado, porque eu expliquei que era pra ter cuidado para não molhar o amiguinho!”

“Ainda acho que seria melhor as professoras fazerem com eles”.

Só para deixar a ideia de que é importante trabalhar com práticas corporais e é possível fazer isso com as crianças. Existem várias maneiras! Porque não!? Seria algo divertido e importante. Assim eles já vão aprendendo esse cuidado, de cuidar do corpo, do corpo do amigo.

OBS: Depois da vivência, muitas professoras fizeram a atividade junto com as crianças. Vieram felizes me contar, e disseram que as crianças adoraram! Elas também se sentiram super bem fazendo a atividade com as crianças.

"As crianças ajudaram também, algumas vieram e começaram a fazer no amiguinho. Um barato, você tinha que vê!" Marcia

Para finalizar, um vídeo sobre corpo e movimento na educação infantil. Esse vídeo mostra a importância do movimento para a criança e ainda nos dá idéias de como trabalhar esse corpo tão pequeno!

Gravação 7ª. Vivência

Percepção dos sentidos!

Houve falha na gravação. Perdi o que foi dito. Mas fiz relato do dia, porém apenas com o grupo da manhã!

Sem o auxílio da visão, vamos explorar os sentidos do tato, audição, olfato e gustação. Várias coisas como algodão, doces, geleias, iogurte, olho de sogra, bexiga. Como conhecer o que nos é mostrado sem usar a visão? Como exploramos o mundo sem o auxílio da visão?

Depois da vivência, várias imagens espalhadas e uma chama sua atenção! Qual? Porque!? Algo que está precisando? Alguma que mostra o seu jeito de ver a vida? Alguma que lembre algo especial!?

Como vendamos os olhos, foi difícil ficarem quietas. Desconfiadas falavam a todo o tempo, umas com as outras, tentando descobrir o que cada uma estava recebendo! Riram muito! Tiveram um pouco de medo! Difícil confiar! Sempre muito falantes, não querem escutar! Quando pediu para se concentrarem, conseguiam se tranquilizar e continuar na intenção da vivência que era percepção dos sentidos.

Depois com as imagens, despertaram sentimentos fortes: receio, desejos, sonhos, rancor. Uma a uma as imagens foram revelando as sensações do dia, da semana, propostas de vida: *Viver na tranquilidade, leveza e alegria* (imagem da menina na praia); *Paz espiritual é minha necessidade nesse momento* (imagem do homem no barco no meio de um lago); *Família, curtir a filha, brincadeira, alegria* (imagem da mãe com a filha); *Liberdade, vontade de voar, o céu* (imagem do balão no céu); *O sorriso de uma criança, esperança, carinho* (foto do menino com um largo sorriso); *União, o que precisamos no*

nosso trabalho, estarmos juntas (de mãos dadas); Calmaria, o branco traz paz, e a vontade de esquiar (esqui e neve); Os palhaços me lembram alegria, diversão, e acredito que trabalhar com as crianças é isso: temos que sorrir e se divertir! (imagem de um grupo de clown); Praia é meu refúgio preferido, sempre que preciso parar, pensar, descansar corro pra praia (imagem de praia); As cores me passaram tranquilidade, o fim de tarde, me chamou atenção (árvore com cores densas);

As imagens depois do trabalho com as sensações puderam aterrar um pouco da euforia que a atividade despertou nelas. Foi uma experiência muito rica!

Momento que deixei que elas se expressassem mais.

Vivência feita somente com o período da manhã! Tivemos um problema com uma professora que passou mal e nos juntamos para ajuda-la.

Gravação 8ª Vivência

Massagem: mãos a obra! Ou melhor, mãos na outra! Cada uma vivencia o toque: tanto para quem faz, como quem recebe. Formem duplas. Conversa sobre a vivência.

Sempre quando trabalhamos com o outro, é preciso uma atenção muito grande. Tudo pode acontecer, sentimentos vão aflorar, alguns com mais tranquilidade em lidar com isso, outras não. Já sabendo disso, mais uma vez, tivemos professoras que não quiseram participar da atividade. Tentei conversar e me coloquei a disposição para qualquer desabafo ou mesmo um bate papo. Mas me impressionou pois duas que não quiseram fazer das outras vezes, desta vez estavam bem tranquilas e quiseram participar! Foi bem interessante, conversamos antes da massagem sobre o que poderia acontecer durante a prática para deixa-las mais confortável. Pouco a pouco elas se soltaram e se entregaram a massagem. Cuidado, atenção, concentração. Pela primeira vez ficaram quietas, entregues! Não havia risos! Algumas dormiram. Relaxamento! Em ambos os grupos a sensação foi a mesma: tranquilidade, confiança e cuidado!

Pesquisadora: Como foi massagear e ser massageada? Ser cuidada e cuidar do outro?

"Eu, como sempre, fiquei preocupada, quando eu faço alguma coisa eu fico preocupada com o outro, se tá errado, até que eu ficava perguntando toda hora, se tava certo, eu fico insegura. Agora, pra receber, tudo bem!"

"Pra receber você sente aquela paz! Eu senti aquela paz, mas pra passar eu fiquei tensa."

“Você fica preocupada no passar, pra receber é mais... (tranquilo). Eu fico assim, se tá machucando, se tá ...você sabe”

“É a preocupação com o outro! Se tá doendo, se tá bom! Mas também com a técnica, mas menos!”

“Eu no decorrer assim, de todo esse período que estamos com você e sempre estar fazendo com a Rê, hoje eu fui mais segura, porque se eu fizesse um pouquinho mais eu sabia que ela iria me alertar, “viu tá doendo”, então eu já tô mais segura de passar pra ela.”

As professoras ficam sem jeito em se expor! Não sei se é só a questão do gravador. Acredito que elas não ficam a vontade em falar em frente da outra!

Gravação 9ª Vivência

Importância das emoções para o desenvolvimento integral da criança. Primeiro fizemos uma brincadeira, um jogo de emoções. Será que conhecemos nossas companheiras de trabalho? Quem é mais tímida, mais confiante, quem é a amorosa, ou a mais perseverante? Um jogo para aproximar as professoras e puxar o assunto sobre a afetividade na escola. Passei um vídeo sobre Henri Wallon, suas idéias e alguns de seus trabalhos, já que para falar de afetividade, eu também utilizo a bibliografia do Wallon. Trabalhamos também com Vygotsky e Montagu, trazendo trechos de textos e livros desses autores. Depois fizemos uma discussão sobre o assunto, algumas não conhecem o trabalho deles, só ouviram falar, então falei sobre e pensamos juntas sobre a importância dos sentimentos para o desenvolvimento das crianças, dos bebês. Após a discussão fizemos um relaxamento com posturas do yoga, posturas da criança e de relaxamento.

Para as professoras, em unânime, a afetividade é de suma importância para o desenvolvimento das crianças. “Não tem como trabalhar com criança sem ter afetividade”. É preciso tratá-las com carinho, cuidado, atenção. Percebe-se logo, a imagem enraizada da professora nata (carinhosa, delicada, boa, maternal). Falam do caráter e do comportamento. “Se tratamos as crianças com carinho, amor, elas também retribuem com carinho e amor.” “É preciso ter carinho com essas crianças, Deus sabe se elas recebem carinho em casa!” “Muitas dessas crianças que freqüentam a escola são filhos e filhas de pais assassinos, drogados, perdidos na vida. A escola é tudo pra elas”. A compaixão pelas crianças atinge todos na escola, que criam bazar e festas para ajudar a comunidade e as próprias crianças com roupas e materiais. A preocupação maior é com o bem estar delas, por isso as professoras, além das atividades como sono, alimentação e banho, estão sempre preparando atividades lúdicas, livres, brincadeiras.

Mas logo algumas vão se manifestando sobre a diferença de ser afetiva e de ser complacente. *“Ser afetiva não é passar a mão na cabeça sempre, mas sim educar, saber ter autonomia na sala”*. Assim, aparece também a forma autoritária e hierárquica tão discutida nos tempos de hoje por autores das ciências humanas e sociais. E isso fica claro quando andamos pelos corredores da escola. Vários gritos de ordem, postura firme e distante de algumas professoras, crianças divididas em mesas pintando desenhos já definidos com traços delimitando o espaço da folha. Quando procuramos compreender um pouco da história das professoras podemos entender o porquê dessas posturas. Mas não são todas que passam essa frieza. A maioria das professoras é carinhosas, cuidadosas, respeitam a vontade da criança, e valorizam a relação criança-adulto no dia-a-dia na escola.

Assistimos ao filme sobre Henri Wallon e fizemos uma brincadeira. Conversamos sobre a importância do toque e da afetividade para o desenvolvimento integral da criança. A partir do vídeo pudemos compartilhar algumas concepções, visões sobre o assunto. Não foi gravado

Gravação 10ª Vivência

Falando sobre afetividade. Para finalizar nossos encontros, hoje discutimos sobre a afetividade, qual o seu papel na educação de crianças pequenas, qual sua importância. Como as professoras trabalham esse assunto e se sentem dificuldade, porquê!? Conseguem passar com tranquilidade o carinho que acham que é importante para as crianças. Como elas diferem esse carinho entre as meninas e os meninos? Existe diferença? Porque?

Onde está a afetividade? Como eu enxergo isso no meu dia-a-dia na escola? Como as crianças respondem a esse cuidado, esse contato? Fotos tiradas pelas próprias professoras com o seu olhar sobre afetividade!

Para abrir essa discussão, pedi para que as professoras tirassem fotos sobre o que elas enxergavam como sendo um momento de afetividade no seu dia-a-dia. Eram fotos livres, de momentos diversos, que elas julgassem imagem que mostre esse afeto. Assim, poderíamos ver como está esse olhar e por onde anda a afetividade na escola.

Nem todas trouxeram fotos. Como sempre, algumas mais comprometidas do que as outras! Mas foi bacana, deu para discutir o tema com as professoras e entender um pouco do olhar delas sobre a afetividade! Fui perguntando para cada uma, ao apresentar sua foto, o porquê da escolha daquele momento e daquela imagem, que me contasse um pouco sobre o que estava acontecendo naquela figura.

"Eu quando fui tirar as fotos, eu combinei com a Dani, que agente tem um olhar diferente, né Dani!? A gente não tem dúvida quanto a isso. Eu sempre olho pro lado de criar o espaço para acontecer a aprendizagem, então eu criei o espaço e deixei a coisa acontecer e quando aconteceu eu fui lá e tirei a foto. Eu fico feliz porque eles gostam muito. Nós criamos os espaços para todos utilizarem!"

"O cuidado do banho, brincando com a boneca, eles estão cuidando." Foi um espaço que a gente criou pras crianças. A gente deixa tudo organizadinho pra eles porque a gente percebe que quando a gente deixa tudo organizado, preparado pra eles, eles ficam mais tranquilos. Eu tirei essa foto porque foi bem assim, no meio da atividade que ele sentou do lado do Gabriel e o Gabriel se permitiu ser abraçado e eu pensei, preciso registrar esse momento, porque ele nunca deixa ser abraçado, eles não se dão" Essa é do espaço mais de aconchego que a Ana criou."

"Uma relação complicada minha e do Luis, todo mundo percebe isso. Ele precisa de limite, ele precisa que eu seja firme com ele, mas quando estava só nos dois, porque ele é o único que não dorme, daí ele ficou tirando piolho meu. Foi o momento que eu estava com o celular na mão e ele estava concentrado. Ele precisa desse limite, não só o bater que a mãe dele faz com ele, que ele é terrível, mas ele precisa que não pode. Mas aí eu tirei porque é uma relação perturbada nos dois que é aquele conflito, mas ele tem um carinho muito grande por mim, e é isso que vale a pena!!"

"Essa daí a gente tava trabalhando no projeto MovePaz e daí, a parte de afetividade e eu achei interessante uma hora que a Bianca vai e abraça o Rian e ele permite ser abraçado e fica lá de boa, e ele vai e abraça ela, e eles ficam um tempão abraçados. Normalmente quando um bebê chega perto do outro eles choram, estranham, e os dois queriam ficar abraçados."

"No meu olhar as minhas crianças brigam muito. E o Paulo assim, tudo que ele quer ele dá beijo porque ele acha que vai conseguir. A criança me dá um abraço ele vai lá dá um beijo e puxa a criança. E daí o Lucas estava sentado dentro da caixa e o Paulo queria sentar junto. Daí o que acontece, eu disse dá um abraço, dá um beijo no amigo, vocês conseguem ficar juntos dentro da caixa. Aí o Paulo sentou e já foi beijar ele."

"Eu não trouxe a foto porque eu não consegui registrar, mas eu queria contar o momento".

Nosso último encontro. Conversamos sobre as vivências, o que foi importante, o que elas acharam. Falamos um pouco sobre o que toca cada uma delas. Fechamos o assunto da afetividade na escola, do desenvolvimento das crianças. Como fazer e como passar pra frente. Discutimos alguns assuntos que estavam ocorrendo na escola, com algumas crianças e como a afetividade auxilia nesses casos. Mostrei algumas imagens e fotos.

Afetividade: o dia a dia na escola

Porque escolheram essa foto? Foi um momento especial?

Esta é do projeto ECA que nós estamos trabalhando. O Bruno é legal porque às vezes a gente tá assim sentada e do nada ele vem e já vem com a boca, e beija. E até é gostoso porque ele beija e fica assim, parado. A Lorena é até engraçada, porque quando começa a tocar música, a gente ergue o som e ela vai e pega na mão de alguém para dançar. É engraçado isso. Olha o bico que ela faz! Tem uma dela abraçando o Gabriel. Tem várias fotos dela dançando. Aí é uma da mãe e do filho. E o Carlos é....geralmente a questão dele é o ataque.. então quando ele vai pertinho a gente lembra: olha a mão do carinho! Daí ele já abraça. Abraça e olha pra cara da gente, como que “olha, eu não vou morder, vou abraçar.”

“Eu escolhi essa porque ele entrou agora, no final, a gente pegou ele assim...o choro dele, ele gritava muito, muito. O berçário inteiro enlouquecia lá em cima. E ele não deixava a gente se aproximar! O fato da gente ir, querer fazer um carinho, abraçar ele, ele não aceitava. Então foi bem difícil a adaptação dele até que a gente foi e conseguiu achar algumas coisas que ele gostasse... então, o cavalinho, nessa foto, o que ele chupa é um paninho, e esse paninho é nojento. Ele engole, vocês não têm noção, ele vai colocando na boca, e engole e vai ficando só um fiapinho de fora! Então chegou uma hora que a gente foi vendo e “meu Deus”! Daí a gente foi achando outras alternativas: a gente achou o cavalinho que ele gostou, então foi diminuindo o choro, e a partir daí ele foi se deixando. Então hoje, pra nós ele já é assim, né Ri. Ele aceita colo, dá carinho, ótimo. Ele é forte! Então tá sendo ótimo. Por pouco tempo que ele está com a gente, ele já se acostumou. Ele já tira o sono, se alimenta super bem, ele já chega! Mas tem uma reação ainda que mesmo a hora que a mãe dele chega a tarde, ele fica a tarde inteira bem, mas ele viu ela, ele começa a chorar. Ele tem dois aninhos.”

“A primeira é o momento da roda. As minhas crianças, eles adoram ouvir histórias. Então assim, a Manuela está com essa cara porque eu sempre canto uma musiquinha, antes de iniciar a história. E eu estava demorando esse dia, estava enrolando. Daí ele disse: “vc não vai começar logo a história?” e era o dia da história da menina bonita do laço de fita. A outra é no parque, a Leticia era bem retraída quando ela entrou. Ela não era de falar e a única criança que ela beija, ela abraça, tanto que a gente beija ela e ela limpa o beijinho. E o Richard, não, o Richard pode beijar, pode abraçar ela. Ela gosta muito de brincar com ele. E a outra é o momento que eles estão brincando no gira-gira.”

“Que também é, né! A gente acha que afeto é só carinho, isso aqui também é! Um cuidado é um momento de afetividade, esse olhar diferenciado, permitir que a criança brinque, que ela também deixe um pouco no ar suas vontades, também é afetividade”.

Pesquisadora - Nesse tempo que eu estou aqui, eu percebo muito isso. Como vocês começaram esse ano, não existe só a adaptação das crianças com a escola, mas de vocês como um grupo, de vocês com as crianças, e é muito claro isso. Eu percebo que no começo era uma coisa um pouco *estranha* ainda, não sabia muito como chegar e trabalhar com os pequenos. É difícil mesmo lidar com criança. Eles são muito sinceros, às vezes você vai com um sorrisinho e eles olham pra sua cara e: *O que é que você tá querendo fazer com esse sorriso?* E hoje eu vejo mais entrosamento, tanto das crianças com vocês, quanto de vocês com as crianças. De chegar e abraçar, de estar junto, de pegar, tocar, do contato pele-pele!

"As vezes eu vejo como sendo o único instrumento que acalma a criança. Às vezes eu vejo as crianças muito irritadas por algum motivo X e aí chega com um abraço, chega com carinho, um sorriso no rosto e elas dão aquela aquietada."

Pesquisadora: Então, esse olhar de cuidado para elas e a importância de tudo isso, né? De se sentir acolhida e aí poder ficar mais segura e poder relaxar também.

"Foi a única foto que eu consegui tirar deles sem eles perceberem porque se veem a maquina já fazem uma posinha.. Daí eu aproveitei o que a Mariana falou, o brincar, a atividade, vc vê um ajudando a montar, eu achei isso bem interessante e também eles não estavam olhando. Eu peguei essa do J.V. que quando ele pega uma máquina ele já pega o amigo do lado e vem tirar foto. Não parece aquele J.V. que bate no amigo, que as vezes é agressivo."